

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM LETRAS – ESTUDOS DA LINGUAGEM



Dissertação de Mestrado

*As Aulas de oratória:*  
um espaço de formação e de construção identitária

**Bianca Alves Lehmann**

Pelotas, fevereiro de 2015.

**BIANCA ALVES LEHMANN**

*As Aulas de oratória:*

um espaço de formação e de construção identitária

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas – PPGL/UFPel como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras; área de concentração Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Letícia Fonseca Richthofen de Freitas

Pelotas, fevereiro de 2015.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

L523a LEHMANN, Bianca Alves.

*As aulas de oratória: um espaço de formação e de construção identitária* / Bianca Alves Lehmann; Leticia Fonseca Richthofen de Freitas, orientadora. — Pelotas, 2015.

108 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2015.

1. Aulas de oratória. 2. Constituição identitária. 3. Estudos culturais em educação. 4. Linguística aplicada transdisciplinar. I. Freitas, Leticia Fonseca Richthofen de, orient. II. Título.

CDD: 808.51

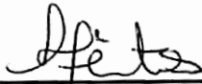
**Bianca Alves Lehmann**

*As Aulas de oratória:*  
um espaço de formação e de construção identitária

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestra em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado, Área de Concentração Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Pelotas.

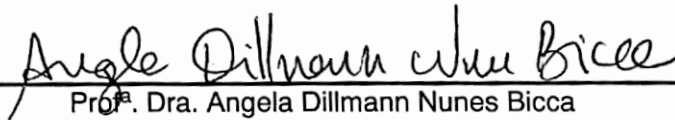
23 de fevereiro de 2015

Banca examinadora:



---

Prof.ª. Dra. Leticia Fonseca Richthofen de Freitas  
Orientadora/Presidente da Banca  
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul



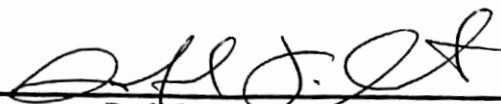
---

Prof.ª. Dra. Angela Dillmann Nunes Bicca  
Membro da Banca  
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul



---

Prof.ª. Dra. Ivete Bellomo Machado  
Membro da Banca  
Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas



---

Prof. Dr. Rafael Vetromille-Castro  
Membro da Banca  
Doutor em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

“...Empunho o meu violão e canto esta  
canção lembrando a quem partiu...”  
(Antônio Augusto Fagundes  
e João Chagas Leite, 1987).

*“Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias”*

(Eduardo Galeano, 2012).

## RESUMO

LEHMANN, Bianca Alves. *As Aulas de oratória: um espaço de formação e de construção identitária*. 2015. 109f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: 2015.

Esta dissertação analisa oratórias de acadêmicos do primeiro semestre do curso de Bacharelado em Letras, da Universidade Federal de Pelotas, a partir dos questionamentos: que posições de sujeito são ocupadas em sala de aula em um momento em que os alunos são convocados a falar? E, a partir das posições ocupadas, de que maneira os acadêmicos são subjetivados e constroem para si certos discursos de identidade? Além disso, este estudo tem como propósito entender as oratórias como uma atividade pedagógica que possibilita a ocupação de determinadas posições de sujeito – o processo de constituição identitária – e de compreender a sala de aula como um lugar privilegiado onde circulam discursos complexos e, assim, se constituem sujeitos sociais. Para fins de análise, o referencial teórico é respaldado pelos Estudos Culturais (EC) e pela Linguística Aplicada Transdisciplinar (LAT), especificamente no que tange às questões identitárias. Sob a ótica dos Estudos Culturais, é possível analisar as representações e as questões identitárias a partir dos discursos proferidos, uma vez que linguagem é entendida como constituidora de identidades. A Linguística Aplicada Transdisciplinar, por seu turno, vai ao encontro das questões identitárias, já que considera o sujeito social como sendo construído pelos sentidos produzidos a partir dos usos e das implicações sociais, políticas e econômicas. Os principais pressupostos teóricos, que entendem a linguagem como constituidora de significados, foram embasados em autores como Fabrício (2006), Hall (1997a), Moita-Lopes (2001, 2006a), dentre outros. Em relação a discussões que envolvem as questões de identidade e representação, foram utilizados autores como Hall (1997b, 2000, 2011), Silva (1995b, 2000a, 2000b), Woodward (2000), dentre outros. Dessa maneira, tendo como princípio, portanto, o fato de que a linguagem serve como um mecanismo que constitui e que exerce um papel privilegiado na construção e na circulação do significado, esta pesquisa objetiva entender a sala de aula como um espaço em que há, além do processo de ensino/aprendizagem, a produção de identidades. A partir da análise realizada, conclui-se que os alunos são subjetivados e constituem identidades, ocupando posições de sujeito em sala de aula. As posições, por exemplo, de sujeito preocupado com as questões que englobam respeito, dignidade e igualdade, bem como de um sujeito crítico, politizado e bem informado foram preenchidas não somente no momento da oratória, mas também no debate após cada apresentação, em que os alunos se posicionaram e se constituíram enquanto sujeitos sociais significando a si e ao mundo.

**Palavras-Chave:** Aulas de Oratória; constituição identitária; Estudos Culturais em Educação; Linguística Aplicada Transdisciplinar.

## ABSTRACT

LEHMANN, Bianca Alves. *Oratory Classes: an area of training and identity construction*. 2015. 109f. Dissertation (Masters) – Programa de Pós Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: 2015.

This dissertation analyzes the oratory of students of the first semester of the Bachelor of Arts, at Universidade Federal de Pelotas, based on the questioning: which positions of subject are taken in class in a moment of evaluation in which the youths are summoned to speak?, and based on those positions taken, how are the pupils subjectivized and build certain identity speeches for themselves? Besides that, this study aims to analyze such oratory, in a sense of understanding them as a pedagogical activity which allows the occupation of certain subject positions – the process of identity constitution – and understand the classroom as a privileged place where complex speeches circulate, and, therefore, they constitute social subjects. For analysis purposes, the theoretical framework is supported by the Cultural Studies (CS) and by the Transdisciplinary Applied Linguistics (TAL), specifically regarding identity issues. From the perspective of Cultural Studies, it is possible to analyze the representations and identity based on the speeches, since language is understood as a constructor of identity. The Transdisciplinary Applied Linguistics, in turn, meets the identity issues, as regards the social subject to be built by the senses produced from the uses and social, political and economic implications. The main theoretical assumptions, which understand the language as constitutor of meanings, were based on authors such as Fabrício (2006), Hall (1997a), Moita-Lopes (2001, 2006a), among others. Regarding discussions that involve the questions of identity and representation, authors like Hall (1997b, 2000, 2011), Silva (1995b, 2000a, 2000b), Woodward (2000), among others were used. Therefore, as a principle, the fact that the language serves as a mechanism which plays a key role in the construction and movement of meaning, this research aims to understand the classroom as a place in which there is, besides the process teaching/learning, the production of identity. Based on the analysis, it is concluded that the students are subjectivized and build identities, occupying positions of subject in the classroom. The positions, for example, a subject concerned with issues that include respect, dignity and equality, as well as a critical subject, politically aware and knowledgeable were filled not only at the time of speaking, but also in the discussion after each presentation, in which students were positioned and constituted while social subjects that were meaningful to themselves and to the world.

**Key-words:** Oratory Classes; identity constitution; Cultural Studies in Education; Transdisciplinary Applied Linguistics.



## RESUMEN

LEHMANN, Bianca Alves. *Las Aulas de oratoria*: un espacio de formación y de construcción de identidad. 2015. 109f. Disertación (Maestría en Letras) – Programa de Pós Graduação en Letras, Centro de Letras y Comunicación, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: 2015.

Esta disertación analiza oratorias de académicos del primer semestre de lo curso de Bachillerato en Letras, de la Universidad Federal de Pelotas, a partir del cuestionamiento: ¿que posiciones de sujeto son ocupadas en el aula en un momento de evaluación en que los alumnos son convocados para hablar?, y a partir de esas posiciones ocupadas, ¿de qué forma los académicos son subjetivados y construyen para sí ciertos discursos de identidad? Además, este estudio tiene como propósito analizar tales oratorias, en el sentido de entenderlas como una actividad pedagógica que posibilita la ocupación de determinadas posiciones de sujeto – el proceso de construcción de identidad – y de entender el aula como un lugar privilegiado donde circulan los discursos complejos y, de esa forma, se construyen sujetos sociales. Para fines de análisis, el referencial teórico es respaldado por los Estudios Culturales (EC) y por la Lingüística Aplicada Transdisciplinaria (LAT), específicamente con respecto a cuestiones de identidades. Sobre la perspectiva de los Estudios Culturales, es posible analizar las representaciones y las cuestiones de identidad a partir de los discursos proferidos, una vez que el lenguaje es entendido como constructor de identidades. La Lingüística Aplicada Transdisciplinaria, por su vez, se reúne con cuestiones de identidad, ya que considera el sujeto social como siendo construido por los sentidos producidos a partir de los usos y de las implicaciones sociales, políticas y económicas. Los principales presupuestos basados en autores como Fabrício (2006), Hall (1997a), Moita-Lopes (2001, 2006a), entre otros. En relación a discusiones que engloban las cuestiones de identidad y representación, fueron usados autores como Hall (1997b, 2000, 2011), Silva (1995b, 2000a, 2000b), Woodward (2000), entre otros. De esa forma, teniendo como principio, por lo tanto, el hecho de que el lenguaje sirve como un mecanismo que construye y que ejerce un papel privilegiado en la construcción y en la circulación del significado, esta investigación tiene como objetivo entender el aula como un espacio en que hay, además del proceso de enseñanza/aprendizaje, la producción de identidades. A partir del análisis realizado, se concluye que los alumnos son subjetivados y constituyen identidades, ocupando posiciones de sujetos en el aula. Las posiciones, por ejemplo, de sujeto preocupado con las cuestiones que engloban respeto, dignidad e igualdad, bien como un sujeto crítico, politizado y bien informado fueron llenadas no solamente en el momento de hablar, sino también en la discusión después de cada presentación, en que se colocaron los estudiantes y constituidos como sujetos sociales que significan para sí y para el mundo.

**Palabras Clave:** Aulas de Oratoria; construcción de identidad; Estudios Culturales en Educación; Lingüística Aplicada Transdisciplinaria.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO I – UMA INTRODUÇÃO À PESQUISA.....</b>	<b>10</b>
<b>1 EU PREFIRO SER ESSA METAMORFOSE AMBULANTE .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO II – REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO .....</b>	<b>24</b>
<b>2 DEIXA QUE DIGAM QUE PENSEM QUE FALEM (...) FAZ MAL BATER UM PAPO ASSIM GOSTOSO COM ALGUÉM? .....</b>	<b>24</b>
<b>3 TIJOLO COM TIJOLO NUM DESENHO MÁGICO .....</b>	<b>42</b>
<b>CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO DOS COLABORADORES E CONTEXTUALIZAÇÃO DOS DADOS ..</b>	<b>49</b>
<b>4 QUEM SÃO ELES? QUEM ELES PENSAM QUE SÃO? .....</b>	<b>49</b>
<b>5 VAMOS CELEBRAR NOSSA BANDEIRA / NOSSO PASSADO DE ABSURDOS GLORIOSOS ..</b>	<b>52</b>
<b>CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>55</b>
<b>6 SIMPLES E SUAVE COISA, SUAVE COISA NENHUMA QUE EM MIM AMADURECE .....</b>	<b>55</b>
6.1 SOU A RAINHA DO MEU TANQUE / SOU PAGÚ INDIGNADA NO PALANQUE .....	57
6.2 EU QUERO É BOTAR MEU BLOCO NA RUA .....	66
6.3 ESPERAM NOVA POSSIBILIDADE / DE VEREM ESSE MUNDO SE ACABAR .....	74
<b>7 TODO CARNAVAL TEM SEU FIM.....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>84</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>90</b>

## CAPÍTULO I – UMA INTRODUÇÃO À PESQUISA

### 1 EU PREFIRO SER ESSA METAMORFOSE AMBULANTE<sup>1</sup>

Adiante, e no decorrer deste trabalho, veremos que, de acordo com Stuart Hall, as identidades não são fixas, pois são próprias de sujeitos cada vez mais fluidos, conforme argumenta Zygmunt Bauman. Para exemplificar essas máximas, vou contar um pouco da minha trajetória acadêmica e assim, quem sabe, um pouco daquilo que me constitui identitariamente, pelo menos em relação às identidades profissionais, venha à tona até o fim deste trabalho.

Em 2008, ingressei no curso de Licenciatura em Letras – habilitação Português-Inglês e Respectivas Literaturas com a certeza de que não queria, sob hipótese alguma, ser professora. Por que, então, eu escolhi uma licenciatura? Ora, o português, com suas exceções e regras, desde a mais remota lembrança, sempre foi o meu grande fascínio. Na verdade, eu tinha outro *sonho* de infância (ser Psiquiatra), mas era apenas um sonho que ficou distante da minha realidade junto às palavras. E essa realidade, eu dizia, serviria para acariciar meu ego, minha satisfação pessoal de concluir o ensino superior em uma área que me aguçava a curiosidade e a vontade de sempre aprender mais, mas que não serviria como futuro profissional.

Nas corriqueiras apresentações de início de semestre, em uma aula de Produção da Leitura e da Escrita I, apresentei-me aos colegas e à professora dizendo enfática: não estou aqui para ser professora e não vou mudar de ideia. A professora certamente achou estranha a minha declaração inicial e questionou-me o quê, então, eu estava fazendo naquela sala – eu afirmei a minha paixão pela área e ratifiquei que não serviria para a carreira do magistério. Ao término da aula, educadamente ela veio até mim para dizer-me que, possivelmente, no próximo ano, a então Faculdade de Letras contaria com a sua primeira turma de Bacharelado, com habilitação em Redação e Revisão de Textos (RRT). Certamente ela estava receosa de que eu me tornasse uma péssima profissional, frustrada, que pouco

---

<sup>1</sup> SEIXAS, Raul. *Metamorfose ambulante*. In: *Metamorfose ambulante* – o som de Raul Seixas. LP. Gravadora/Fabricante/Selo: Philips/SBT, 1988. Faixa três – Lado B, 3'46”.

agregaria à classe de professores e que pouco construiria conhecimento junto aos alunos – ela tinha total razão em ter esse temor, pois sabemos que qualquer profissional que não exerça o que lhe provoca satisfação pode tornar-se um profissional mediano.

Passado um ano, e assim que anunciados os cursos ofertados, fiz minha inscrição no famigerado vestibular. Não estava certa da aprovação, visto que não havia estudado nem me dedicado àquela prova. Entretanto, passei no exame; minha felicidade acredito ter sido ainda maior do que a do ano anterior. A partir de março de 2009, durante as tardes, eu cursava a licenciatura e à noite eu cursava o bacharelado. A todos eu sempre dizia: o bacharelado é a *menina dos meus olhos*, com este curso eu terei a minha profissão; tenho orgulho de ser da primeira turma e de fazer parte dessa história. Resolvi permanecer em ambos os cursos, pois, de certa maneira, um complementava o outro e assim permaneci durante os dois anos seguintes, até concluir a primeira graduação.

Eis que cheguei ao sexto semestre da licenciatura (e quarto do bacharelado), em 2010: estava aberta a *temporada* de estágios. Nessa época, eu já havia feito a reopção para o curso de Português e Literaturas de Línguas Portuguesas (sim, eu caí de paraquedas no curso da licenciatura, uma vez que não pretendia lecionar e não me identificava com a Língua Inglesa). Foi um abismo, uma vez que não via em mim uma professora, não sentia capacidade de estar à frente de uma turma e, tampouco, confiança suficiente para fazer algo que eu não queria fazer. Nesse primeiro estágio, ministrei em dupla com um colega um curso de extensão (curso ofertado à comunidade acadêmica) – tê-lo ao meu lado amenizou a falta de segurança que eu sentia e, desse modo, estar *do lado de cá* da turma não foi tão aterrorizante. Mesmo assim, eu me sentia uma *estranha no ninho*, mais para uma colega que estava auxiliando do que para uma professora que estava construindo conhecimento junto aos alunos – esses termos e esses ideais sempre estiveram muito distantes da minha percepção. Mesmo com (e talvez em virtude das) incertezas e inseguranças, foi um momento muito proveitoso e de verdadeiro aprendizado.

Foi no meu segundo estágio da licenciatura, realizado na mesma disciplina em que eu havia negado o desejo de ser professora, Produção da Leitura e da Escrita I, que eu, de fato, decidi o rumo da minha trajetória profissional: eu queria – e esse tem sido meu objetivo desde então – ser professora do ensino superior.

Como e por que essa repentina *mudança* aconteceu eu não sei explicar, sei que fui conquistada, a cada aula, por aquele universo e estar *do lado de cá* da turma tornou-se mais prazeroso do que estar *do lado de lá*. Planejei e elaborei cada plano de aula com muito cuidado, tentando superar as minhas deficiências e já tentando programar as minhas atitudes frente a possíveis equívocos. Eu estava diferente.

O meu terceiro estágio foi em uma escola de ensino médio, para uma turma de terceira série, já no ano de 2011. Lembro-me da ansiedade que eu senti para logo iniciar aquela jornada que duraria 40h. Além disso, eu teria a experiência de lidar com um público diferente, uma vez que nos estágios anteriores os alunos eram acadêmicos. Embora tenha sido um momento excelente e muito vantajoso em relação à experiência docente, percebi que eu não me identificava com o modelo de professora de escolas fundamentais ou secundárias. A academia era sim o meu objetivo e, para isso, eu já idealizava o longo caminho que precisaria percorrer.

As pessoas do meu convívio, principalmente os colegas do bacharelado RRT, já não entendiam como eu havia *mudado* de ideia; como eu fazia severas críticas à licenciatura e em tão pouco tempo já não falava em outra coisa senão elaborar planos de aula e imaginar como eu lecionaria determinadas disciplinas ou abordaria determinados temas. Eu mesma já não me reconhecia mais: percebia que eu estava assumindo posições contraditórias, sendo incoerente comigo e com as minhas convicções que, na minha visão modernista, deveriam ser únicas para o resto da vida. Paulatinamente, eu havia percebido que tinha mais de uma ideia, postura, meta, mais de um ideal; eu estava em crise com receio de ter mais de uma personalidade.

Essa constante reflexão, que me acompanhou desde 2010, ficou mais forte no ano em que concluí o curso de Redação e Revisão de Textos, pois fiquei em dúvida entre investir na pós-graduação, com intuito de prosseguir a carreira docente, tendo consciência das dificuldades que eu poderia encontrar e da dedicação que eu precisaria ter, ou ater-me exclusivamente à profissão solitária de revisora textual – ambas as minhas profissões são gratificantes e prazerosas, sem que uma se sobreponha a outra e, por isso, a dúvida foi quase cruel. Eu não entendia se eu estava apenas encantada com o *mundo mágico* dos docentes do ensino superior, sem pensar na labuta diária e quase exaustiva, ou se realmente era *isso* que eu queria. Tomei minha decisão e, em 2013, antes mesmo de ter tido a chance de

exercer a profissão de professora, passei a integrar o seletivo grupo de mestrandos em Letras da UFPel.

Desde que imergi no mundo dos Estudos Culturais (EC) – novo para mim, até então – e tive acesso a trabalhos e pesquisas sobre a chamada pedagogia cultural, sobre a linguística aplicada *indisciplinar/transdisciplinar/transgressora*, sobre as questões tênues entre identidade e diferença, entre outros aspectos estudados sob esse enfoque, eu percebi que não preciso “ter aquela velha opinião formada sobre tudo”<sup>2</sup>; hoje eu entendo que passei por um processo de construção e que a identidade de professora, essa posição de sujeito que por vezes ocupo, se constituiu (e ainda se constitui) a cada aula que eu ministrava (ministro), assim como a identidade de revisora se constitui a cada vez que eu abro um editor de texto para fazer revisões, mesmo que solitariamente, mas em constante diálogo comigo mesma. Entendo, também, que não sou nem fui contraditória ou incoerente com meus anseios, apenas construí certas identidades, vesti certas camisas em determinadas situações sem perder a essência da pele (*Identidades: camisa e pele* – CANCLINI, 2007).

Por ironia ou não, meu estágio de docência do Mestrado, realizado em 2013/1 num total de 40h e em cujas aulas coletei os dados para esta pesquisa, foi na disciplina de Leitura e Produção Textual I, para os cursos de Bacharelado em RRT e Tradução – disciplina equivalente à Produção da Leitura e da Escrita I, da licenciatura. Ali, mais do que nas outras vezes em que estive frente a uma turma de Letras, eu me *senti* professora e tive convicção disso tanto pela maneira como agi com os alunos (percebi em mim uma postura *diferente*, mais comprometida e mais convicta – acredito que a identidade de professora estivesse mais amadurecida) quanto pela forma como eles interagiram comigo (talvez por eu já ser graduada, foi o primeiro estágio em que os alunos me chamaram de *professora* e não pelo meu nome ou, ainda, eles tiveram essa atitude em resposta a minha postura). E, por outro lado, naquelas mesmas noites em que eu me sentia professora, também me sentia uma colega, uma revisora palestrante que ali estava para auxiliar os alunos em relação aos assuntos mais técnicos que a profissão exige e para compartilhar as minhas experiências profissionais. Eu consegui usar duas camisas, entre tantas outras, sem sentir-me desconfortável ou incoerente. Trago novamente a expressão

---

<sup>2</sup> Idem.

de Canclini (2007, p.42), um dos principais pesquisadores de cultura da América Latina, pois ela enfatiza que “as identidades não perdem os seus significados, elas transformam-se ao passar de um sistema cultural a outro, ao inserirem-se em novas relações sociais e simbólicas”. Desse modo, posso esclarecer que a camisa refere-se à determinada posição de sujeito a ser ocupada, determinada identidade a ser constituída de acordo com os diferentes repertórios culturais e sociais. Conforme aponta Hobsbawm (1997, *apud* CANCLINI, 2007, p.44) “a maior parte das identidades são mais camisas do que pele: são, pelo menos em teoria, opcionais, não iniludíveis”. Sendo assim, eu consegui perceber que constituo essas duas identidades e soube compreender que não existem incoerências, e sim determinadas situações – determinadas posições de sujeito a serem ocupadas. Ressalto que as identidades não se excluem; as identidades se cruzam, pois sempre há/haverá atravessamentos identitários que produzem efeitos significativos.

A partir dessa trajetória, tornou-se deveras interessante estudar aquilo que me causava estranheza, aquilo que eu pensava ser um conflito. Dessa maneira, surgiu a motivação para investigar e pesquisar esses *conflitos* que acontecem a todo e qualquer momento, em todo e qualquer lugar, isto é: o processo de construção de identidades, por meio de narrativas, em espaços sociais como as salas de aula – lugar onde o meu conflito teve um fim, uma vez que passou a fazer sentido. Entretanto, fazer tal investigação exigiu pesquisa, estudo e leitura sobre o aporte teórico que, afirmo, não foram fáceis nem foram realizados tão naturalmente como aqui possa parecer. Como já disse, esse campo novo para mim exigiu muito empenho e muita reflexão para que eu pudesse assimilar, mesmo que minimamente, um campo teórico do qual a minha formação moderna e enclausurada em conceitos fechados e absolutos por vezes tendia a desconfiar. Como já salientou Johnson (1999, p.28), “o discurso teórico (dos EC) parece ser, para quem ouve, uma forma de ginástica intelectual. A idéia parece ser a de aprender uma nova linguagem: é preciso tempo e muito esforço só para se sentir a vontade com ela”. Posso afirmar que com esforço, apesar de ter sido pouco o tempo, já me sinto à vontade com essa perspectiva teórica, visto que percebo o constante movimento que tenho feito para respaldar estudos e análises.

Além das leituras indicadas pela minha orientadora, muito pesquisei sobre o tema (utilizando palavras-chave como constituição identitária, identidade e diferença, representação e estudos culturais em educação) em portais de periódicos, artigos,

dissertações e teses para ampliar a visão acerca de estudos e pesquisas que converjam para as questões identitárias. Desse modo, as discussões propostas em trabalhos que se embasam ou nos EC ou na Linguística Aplicada Transdisciplinar (doravante LA Transdisciplinar), ou em ambas as perspectivas, auxiliaram-me em relação às propostas de pesquisa, bem como em relação ao movimento de construção e de articulação das teorias ora mencionadas. Alguns desses estudos mostraram-me como são feitas as análises de acordo com este(s) referencial(is) teórico(s) e como é aplicada a metodologia pós-moderna e, desse modo, serviram ainda como referência ao meu tema de pesquisa – de maneira que eu pudesse trazer um problema ainda não exaustivamente trabalhado.

Os trabalhos que encontrei foram, em grande maioria, sobre a construção de identidades de professores em atuação na rede pública de ensino; constituição de identidades de professores de língua estrangeira; representações do que é ser professor, entre outras pesquisas sob a ótica dos EC, porém voltadas à figura do professor já formado ou do aluno em formação docente, conforme apontam os estudos de Siems (2008); Cavalieri (2009); Nascimento (2011); Martins (2012) e Velasques (2013) os quais menciono brevemente a seguir.

Siems (2008) investigou, em sua dissertação, de que maneira se deu a constituição identitária de professores da rede pública de ensino fundamental do município de Boa Vista (RO) que se tornaram referência de conhecimento sobre a Educação Especial. A autora considera que os sujeitos são construídos nas relações sociais em determinados contextos sociais e culturais. Desse modo, o estudo aponta quais os fatores contribuíram nas histórias de vida de cada um dos professores estudados para a construção da profissionalidade docente apresentando os processos de constituição identitária ressaltados pelas histórias de vida e pelas narrativas.

Com intuito de “compreender a constituição da identidade profissional docente através de histórias de vida de professoras do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Juiz de Fora” (MG), Cavalieri (2009, p.7), em sua dissertação, analisa por meio de entrevistas individuais não-estruturadas histórias de vida de seis professoras em início de carreira. A pesquisa apontou os principais fatores que influenciaram na constituição identitária das professoras evidenciando que a (re)constituição das identidades ocorreu por meio de influências de socializações,



nas trajetórias de vida de cada participante, na escolarização básica, na formação inicial e, sobretudo, nas experiências docentes vivenciadas no início de carreira.

Já a pesquisa de Nascimento (2011) é desenvolvida a partir do conceito de identidade como um construto social (MOITA-LOPES, 2003 *apud* NASCIMENTO, 2001, p.7), “ressaltando que as múltiplas identidades são constituídas pelas diversas esferas de circulação” (NASCIMENTO, 2011, p.7). O estudo se localiza no contexto de ensino/aprendizagem de língua estrangeira, LE (espanhol), e tem como objetivo discutir de que maneira os docentes de LE em formação se autorrepresentam a partir de relatos autobiográficos. A partir da análise qualitativo-interpretativista, os dados apontaram que as representações de *o que é ser professor de língua estrangeira* são relevantes para a compreensão das identidades docentes e para a apropriação da LE.

Martins (2012), desenvolveu sua pesquisa de mestrado com o objetivo de investigar o processo de identificação com a docência (dos anos iniciais do Ensino Fundamental, EF) de graduandos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Além disso, evidenciou as expectativas que eram esperadas pelos graduandos em relação à atuação profissional e a compreensão dos sentidos produzidos pelos sujeitos estudados em relação à docência nos anos iniciais do EF. Por meio de entrevistas narrativas com os sujeitos estudados, a autora concluiu que a formação no ensino superior, bem como o significado de ser professor não são determinantes na constituição da identidade docente para os graduandos de Pedagogia, uma vez que estes se “identificam como professores da Educação Infantil, dos anos iniciais do Ensino Fundamental, e do Ensino Superior, ou como gestores e coordenadores” (MARTINS, 2012, p.15).

A dissertação de Velasques (2013, p.9), por sua vez, “apresenta um estudo sobre o processo de constituição identitária de professoras de língua inglesa em formação”, de acordo com a Linguística Aplicada Transgressiva e os Estudos Culturais em educação e, ainda, de acordo com as noções de narrativa, representação e identidade. Com o objetivo de identificar, por meio de narrativas e entrevistas de cinco docentes em formação, quais discursos e representações de *o que é ser professor de língua estrangeira* constituem as identidades dos sujeitos estudados pela pesquisa, o autor concluiu que os dados “apontam para o caráter fluido e híbrido das identidades das professoras em formação” (*idem*, p.10).

Em virtude da carência de pesquisas já publicadas que tenham como problema a construção identitária em espaços de formação educacional, minha motivação, portanto, foi a de realizar uma pesquisa tendo como foco o aluno, o indivíduo – não por ser discente em determinada formação, mas por ser, sobretudo, um sujeito social que está se constituindo e constituindo o mundo em um espaço social. A pesquisa de Andrade (2008), entretanto, dialoga com a problemática que aqui apresento, uma vez que discorre sobre as relações entre juventude e escolarização.

A referida autora evidencia os processos de ex/inclusão que culminam em um expressivo número de jovens que são excluídos do ensino regular formal e retornam ou migram para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) de acordo com o referencial teórico-metodológico dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais (ANDRADE, 2008, p.7). Além disso, o estudo que constitui uma Tese de Doutorado em Educação, embora focalize, mais precisamente, como os atravessamentos de gênero, classe social e raça estão implicados no processo de ex/inclusão do ensino, apresenta como objeto de estudo textos nos quais os jovens se narram e, desse modo, se constituem. O estudo tem como objetivo, resumidamente e dentre outros, “discutir as representações de juventudes e de escolarização que vão sendo produzidas nas trajetórias narradas/vividas pelos/as jovens da pesquisa” (*idem*, p.15) e aponta para um conjunto de práticas discursivas disseminadas em diferentes espaços culturais e, ainda, para um processo de juvenilização da EJA em virtude da migração dos jovens oriundos do ensino regular para esta modalidade de ensino. Além do exposto, Andrade (2008, p.16) parte do pressuposto de que as diferentes posições de sujeito que os jovens colaboradores de sua pesquisa ocupam em diversos espaços de pertencimento colaboram para conformar tais jovens de um determinado modo e não de outro. Com isso, a pesquisadora considera que diferentes discursos interpelam os jovens constituindo-os enquanto jovens de um determinado tipo.

Percebe-se, destarte, que, ancorando-se no campo dos EC, é possível que sejam analisadas as representações e as questões identitárias a partir dos atos de fala proferidos, tendo em vista que linguagem é entendida como constituidora de identidades. Além disso, concordo com Johnson (1999, p.25) quando afirma que os EC “dizem respeito às formas históricas da consciência ou da subjetividade, ou às formas subjetivas pelas quais nós vivemos ou, ainda, em uma síntese bastante

perigosa [...], os EC dizem respeito ao lado subjetivo das relações sociais”. Sendo assim, é possível agregar a este estudo uma perspectiva teórica que entenda a linguagem do ponto de vista político da educação, “a favor de uma abordagem crítica (...) sensível às relações sociais” (PENNYCOOK, 2006, p.75) e que compreenda a vida social e as outras alternativas sociais – a natureza fragmentada, heterogênea, contraditória e fluida do sujeito. Dessa maneira, a partir da virada linguística, a LA Transdisciplinar<sup>3</sup>, dentre outros diversos campos do conhecimento, parte da concepção de que é possível estabelecer rupturas nas bases teóricas para entender que a linguagem é capaz de construir significados, bem como identidades. Segundo Cameron (1997, *apud* PENNYCOOK, 2006, p.81), “enquanto a sociolinguística tradicionalmente pressupõe que as pessoas falam do modo como falam por causa de quem (já) são, a abordagem pós-moderna sugere que as pessoas são quem são por causa (dentre outras coisas) do modo como falam”. Além disso, uma das questões da LA Transdisciplinar é compreender como os sujeitos desempenham suas identidades por meio da linguagem, já que constituímos, por meio da linguagem, nossas identidades.

De acordo com as abordagens ora mencionadas, o tema deste trabalho, portanto, consiste na análise de oratórias de acadêmicos do primeiro semestre do curso de Bacharelado em Letras – habilitação Redação e Revisão de Textos a fim de mapear<sup>4</sup> as posições de sujeito ocupadas – o processo de constituição identitária – nesse espaço social, por meio dos discursos que emergem das *Aulas de Oratória*, sob a ótica dos EC e da Linguística Aplicada Transdisciplinar, visando ao entendimento da sala de aula como um lugar privilegiado onde circulam discursos complexos e, assim, se constituem sujeitos sociais. As oratórias, que foram gravadas em áudio, são referentes à atividade *Aulas de Oratória*<sup>5</sup> – atividade

---

<sup>3</sup> A Linguística Aplicada Transdisciplinar também é chamada de LA Indisciplinar, LA Crítica ou LA Transgressiva/Transgressora. Este trabalho, entretanto, apesar de apresentar cada uma dessas nomenclaturas de acordo com os teóricos que as assumem (Cf. próximo capítulo), utilizará majoritariamente o termo LA Transdisciplinar, uma vez que este expressa que o conhecimento estudado de acordo com essa perspectiva pode ser produzido para além das fronteiras disciplinares.

<sup>4</sup> A utilização do termo *mapear* refere-se, sobremaneira, ao fato de fazer emergir tanto os discursos quanto as identidades que são constituídas por meio da linguagem, uma vez que as oratórias, os textos orais aqui apresentados, indicam identidades se construindo em uma rede discursiva que as captura, tensionando posições de sujeito atravessadas por questões contemporâneas. Não significa dizer, portanto, que as identidades serão fixadas e/ou rotuladas ao mapear os discursos, bem como as próprias identidades.

<sup>5</sup> Essa atividade, ou seja, das *Aulas de Oratória*, é proposta em disciplinas ministradas no Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (CLC/UFPel) pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leticia Freitas. Bergmann, a partir de sua Dissertação de Mestrado (1998), apresenta as *Aulas de Oratória*

avaliativa da disciplina de Leitura e Produção Textual I<sup>6</sup> em que os discentes abordaram um tema livre em um período de cinco a dez minutos e que, além disso, proporcionou localizar os sujeitos e realizar a coleta dos dados deste estudo. A partir desse escopo, tendo como objetivo, portanto, entender a sala de aula como um espaço em que há, além da formação acadêmica e do processo de ensino/aprendizagem, construção identitária, as questões que norteiam esta pesquisa são:

a) Quais as possibilidades de constituição identitária em sala de aula, em uma proposta de atividade avaliativa – as *Aulas de Oratória*, quando os jovens são convocados a falar?

b) Que representações identitárias emergem nesse espaço social (sala de aula) durante essa atividade específica?

c) Quais são as posições de sujeito ocupadas em sala de aula naquele momento em particular?

Em relação às análises, esclareço que nesta pesquisa não é aplicada uma metodologia fixa, uma vez que, de acordo com as teorias pós-críticas, as bases metodológicas são construídas transdisciplinarmente e com mais fluidez. Desse modo, serviram como aporte as metodologias de pesquisa dos Estudos Culturais e da LA Transdisciplinar. Além disso, a abordagem metodológica utilizada considera o texto oral como fonte de práticas discursivas que circulam na sociedade e que contribuem para a construção das identidades sociais. A partir da perspectiva teórica assumida, posso esclarecer que as identidades construídas advêm de discursos e de representações presentes na vida dos sujeitos aqui observados como objeto de estudo.

Sendo assim, foram analisadas oratórias produzidas em sala de aula durante a atividade avaliativa *Aulas de Oratória*. Dois foram os sujeitos escolhidos e, desse modo, são analisados os discursos que emergiram a partir dessa atividade. Considero pertinente esclarecer que o maior enfoque será dado às oratórias produzidas por esses dois sujeitos, ou seja: por tratar-se de uma atividade em que vários discursos se entrecruzam, são apresentados excertos de outra oratória, em

---

como uma proposta de trabalho com o texto oral formal em espaços como a sala de aula. Uma síntese desse trabalho pode ser consultada em BERGMANN, 2009 (Cf. Referências).

<sup>6</sup> Conforme Projeto Pedagógico dos Cursos de Bacharelado em Letras, trata-se de uma disciplina obrigatória, ofertada para os primeiros semestres, em uma carga horária total de 68h e ministrada, em 2013/1, pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Letícia Freitas.

que os colaboradores em questão se fizeram participantes por meio de comentários, com intuito de corroborar a descrição e análise dos processos de constituição identitária desses sujeitos, uma vez que, segundo Silva (2000a, p.94),

a eficácia produtiva dos enunciados performativos ligados à identidade depende de sua incessante repetição. Em termos da produção da identidade, a ocorrência de uma única sentença desse tipo não teria nenhum efeito importante. É de sua repetição e, sobretudo, da *possibilidade* de sua repetição, que vem a força que um ato linguístico desse tipo tem no processo de produção de identidade (grifo do autor).

Adiante, neste trabalho, no item dedicado à metodologia da pesquisa, explicarei os motivos que levaram à escolha desses sujeitos, bem como descreverei o momento em que as oratórias foram produzidas. Ratifico que, apesar de os colaboradores estarem, no momento da coleta dos dados e da elaboração da pesquisa, em determinada formação acadêmica, o ponto central deste trabalho não é o de resgatar a identidade do revisor/redator de texto, e sim salientar que em sala de aula emergem narrativas nas quais os alunos se constituem e se significam como sujeitos. Dito de outra maneira, um dos pontos-chave desta pesquisa é entender a sala de aula, o espaço de formação e de “práticas educativas, como um lugar privilegiado onde se produzem, se interpretam e se mediam histórias” (LARROSA, 1996, p.461)<sup>7</sup> – histórias que constituem identitariamente os indivíduos. Assim como já salientou Kumaravadivelu (2006, p.142), uma das minhas pretensões com esta pesquisa é “[...] conduzir [um]a análise crítica do discurso em sala de aula que atravessará as fronteiras da sala de aula para investigar as estruturas sociais, culturais, políticas e históricas mais amplas que tenham relação com o *input* e a interação em sala de aula”.

Dentre os lugares onde se produzem narrativas, considero a sala de aula como um espaço privilegiado (no sentido de potencializar a circulação de discursos e produção de sujeitos), pois além de ser um espaço de construção de conhecimento em determinada formação (seja fundamental, secundária ou superior), possibilita que haja diálogo e trocas entre indivíduos de diversas culturas, de diversas e diferentes esferas sociais e econômicas. Além disso, em sala de aula podem ser abordados tópicos de diversos temas que propiciem as narrativas, os

---

<sup>7</sup> Tradução minha do original, em Espanhol: “[...] prácticas educativas como lugares donde se producen, se interpretan y se median historias”.

relatos e os testemunhos dos sujeitos – como o caso das *Aulas de Oratória* –, uma vez que os próprios textos abordados, por exemplo, suscitam discussões proveitosas nas quais emergem as narrativas dos participantes. Desse modo, por meio dos relatos, das narrativas e das trocas, os sujeitos se constituem e ocupam posições de sujeito.

A análise dos dados e o embasamento teórico desta pesquisa são de acordo com a ótica dos Estudos Culturais e da LA Transdisciplinar, especificamente no que tange às questões de constituição identitária. Desse modo, antes de aprofundar as temáticas aqui abordadas, considero pertinente ressaltar, mesmo que brevemente, o meu entendimento sobre determinados aspectos que serão amplamente repetidos neste trabalho – como linguagem, discurso, representação e identidade.

Nesta pesquisa, a linguagem é entendida de acordo com a concepção adotada pela virada cultural/virada linguística, ou seja, não será dada, apenas, a ênfase limitadora que reduz a linguagem a um sistema que existe para a transmissão de mensagens e denominação da realidade. A linguagem aqui é entendida como um sistema que produz sentidos e significados e, assim, será explorado o seu caráter cultural. Desse modo, este estudo focará as ações linguísticas e os usos da linguagem durante as práticas discursivas que possibilitam acesso “aos significados que norteiam as práticas sociais envolvidas nas múltiplas formas de construção da realidade, de si e de outros” (FABRÍCIO E BASTOS, 2008, p.39).

Utilizo as palavras de Kumaravadivelu (2006, p.140) para expressar o meu entendimento sobre o termo *discurso* e o que este termo significa nesta pesquisa: “a palavra *discurso* não é usada aqui no sentido limitado frequentemente utilizado em LA, ou seja, para se referir a unidades maiores que a sentença com marcadores coesivos e outros marcadores discursivos. É usada no sentido foucaultiano” (grifo do autor). Com isso, o autor quer dizer que, seguindo o pensamento de Michel Foucault, a linguagem é um aspecto do discurso, e não o discurso simplesmente um aspecto da linguagem. Foucault (1972, *apud* KUMARAVADIVELU, 2006, p.140) evidencia uma visão tridimensional do discurso: “tratando a linguagem algumas vezes como o domínio de todos os enunciados, algumas vezes como um grupo individualizável de enunciados e algumas vezes como uma prática regulada que dá conta de uma série de enunciados”. Desse modo, o discurso é entendido como aquele que se relaciona com os reais sentidos do texto, com as formações

específicas (como, por exemplo, os discursos de gênero, de raça, dentre outros), e com estruturas que criam condições reguladoras. Em suma, o discurso determina, por exemplo, aquilo que pode ser dito ou ouvido, mas também aquilo que é silenciado ou é considerado como tabu (KUMARAVADIVELU, 2006).

A representação, por seu turno, “refere-se às formas textuais e visuais através das quais se descrevem os diferentes grupos culturais e suas características” (SILVA, 2000b, p.97). Sendo assim, a linguagem é tomada como constituidora de sentidos, representações e identidades. A identidade, por sua vez, conforme salienta Hall (2011, pp.12-13), “[...] torna-se uma celebração móvel: formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” – quer dizer que as identidades não são fixas, são instáveis, fluidas e contraditórias. É extremamente complexo tentar definir o termo identidade, entretanto, focarei no que Hall (2011, p.8) denomina como *identidade cultural*: “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso *pertencimento* a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais” (grifo do autor). Sendo assim, esses serão os principais aspectos aqui abordados e que, adiante, serão esmiuçados.

Destaco que este trabalho está dividido em quatro capítulos: no primeiro, apresento os meus passos, enquanto pesquisadora, mostro como se deu a escolha do tema da pesquisa e, além disso, evidencio quais as noções teóricas são utilizadas neste estudo. No segundo capítulo, de caráter teórico-metodológico, apresento aquilo que é entendido pela Linguística Aplicada Transdisciplinar, bem como o defendido pelos Estudos Culturais. Para tanto, faço um breve panorama do arcabouço teórico utilizado e explico, mais detalhadamente, amparada nas teorias aqui defendidas, o meu entendimento acerca dos conceitos de linguagem, representação, cultura, identidades e discurso. Por acreditar ser importante contextualizar o momento histórico em que foram coletados os dados – até mesmo para facilitar o entendimento do leitor acerca dos textos aqui apresentados –, o terceiro capítulo é dedicado à apresentação dos colaboradores desta pesquisa e à contextualização dos temas apresentados durante as *Aulas de Oratória* pelos colaboradores. Desse modo, faço uma breve descrição dos sujeitos participantes, bem como uma rápida explanação sobre os acontecimentos ocorridos em nosso país no momento em que os dados foram coletados. O capítulo seguinte traz os excertos dos textos que serviram como objeto de estudo e, desse modo, são

apresentados trechos das oratórias. Por fim, as considerações finais encerram este trabalho.



## CAPÍTULO II – REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

### 2 DEIXA QUE DIGAM QUE PENSEM QUE FALEM (...) FAZ MAL BATER UM PAPO ASSIM GOSTOSO COM ALGUÉM?<sup>8</sup>

Parafraseando parte da música de autoria de Alberto Paz e Édson Menezes, tão bem interpretada e conhecida na voz de Jair Rodrigues, digo que antes que digam, que pensem e que falem eu justifico o porquê desta pesquisa ser na área de Letras. Como será detalhado a seguir, a linguagem constitui identidades, uma vez que, conforme argumenta Hall (1997a, p.29), “o significado surge não das coisas em si – a realidade – mas a partir dos jogos da linguagem e dos sistemas de classificação nos quais as coisas são inseridas”.

Neste trabalho, recorro a uma linguística aplicada que dialoga com o campo dos EC: a LA Transdisciplinar (MOITA-LOPES, 2006a) que é transdisciplinar justamente por ir além da aplicação linguística. Moita-Lopes (2006a) ressalta a importância de atentar para uma Linguística Aplicada (LA) que converse com demais teorias que, por sua vez, atravessam o campo das ciências sociais e das humanidades. Esse movimento é denominado pelo autor como LA mestiça, de natureza interdisciplinar/transdisciplinar, que atenta para os problemas sociais nos quais a linguagem tem um papel central. Dito de outra maneira, uma LA que considere a necessidade de trabalhar com epistemologias e teorizações que falem ao mundo contemporâneo e que questionem, sobretudo, pressupostos que vinham sendo informados por uma LA mais modernista. Como bem sinaliza Moita-Lopes (*idem*, p.15), é preciso considerar nas pesquisas a “necessidade de atentar para teorizações extremamente relevantes nas ciências sociais e nas humanidades que precisam ser incorporadas à LA” interrogando a modernidade e tentando questionar as mudanças vividas na contemporaneidade. Com isso posto, Moita-Lopes (*idem*, p.16) ainda argumenta que esse ramo da Linguística causa certa estranheza aos demais linguistas dos estudos da linguagem, e certa dificuldade de compreensão, pois a “lógica da linguística [...] não funciona diante dos princípios que caracterizam

---

<sup>8</sup> RODRIGUES, Jair (Intérprete). Deixa isso pra lá. In: *Vou de samba com você*. LP. Gravadora: Philips, 1964. Faixa um – Lado B, 2'12".

a investigação em LA”. Para Kumaravadivelu (2006, p. 139), “o tipo de LA associado ao modernismo trata a linguagem primariamente como um sistema e opera segundo um paradigma de pesquisa positivista e prescritivo”.

Em contrapartida, a LA Transdisciplinar tem como proposta apresentar certas tendências de como entender a LA as quais representam escolhas teóricas, visões de mundo, ideologias, valores entre outros aspectos. Entretanto, a pretensão não é a de apontar uma nova visão, ou uma *nova escola* – nas palavras de Moita-Lopes (2006a) –, de LA, e sim atentar para as “compreensões referentes à natureza do sujeito social, advindas de uma problematização dos ideais modernistas, que têm implicações de natureza epistemológica” (*idem*, p.15). Ademais, a LA Transdisciplinar considera a linguagem como constituidora de significados e não apenas como um meio de representação desses significados, como é entendida pela LA associada ao modernismo.

No início do século XX, houve a formulação da área do conhecimento denominada linguística e a compreensão, embora pouco abrangente, de que o aparato teórico é balizado por questões de cunho linguístico e centralizado nas práticas de ensino/aprendizagem de Língua Estrangeira (LE) e de Língua Materna (LM) com base em um sujeito homogêneo sem contemplar, para tanto, os aspectos sociais e as práticas discursivas em que atua e que o constituem (KUMARAVADIVELU, 2006) – contudo, diversos autores já sugerem que a LA tem interesse em questões além da educação linguística e que, além disso, focalizam práticas linguísticas. Desse modo, com intuito de considerar a complexidade dos fatos em relação à linguagem e à sala de aula, passou-se à sustentação de um arcabouço teórico interdisciplinar afastado de limitações de quaisquer *tipos* de linguística (MOITA-LOPES, 2001).

Tendo como base, portanto, a ideia de interdisciplinaridade, a LA Transdisciplinar gera uma configuração teórico-metodológica própria e escapa de visões pré-estabelecidas, uma vez que enfoca o não compreendido por outras pesquisas, naquilo que é marginal – que está à margem dos demais estudos – dando enfoque para as questões do uso da linguagem dentro e fora da sala de aula (SIGNORINI, 1998). Não há, dessa forma, intenção de solucionar ou resolver os problemas relativos ao uso da linguagem, tendo em vista que, basicamente, a LA Transdisciplinar considera a linguagem e as questões sociopolíticas na constituição da vida social e tem como característica a reflexão contínua sobre si mesma,

enquanto um campo de pesquisas e de estudos que se repensa constantemente. Por esse motivo, também, a LA é considerada como *antidisciplinar* ou *transgressiva/transgressora* (PENNYCOOK, 2006), visto que considera os usos da linguagem sem avaliar os limites disciplinares de verdades únicas e imutáveis. Baseado na ideia de Foucault, Pennycook (2001, *apud* MOITA-LOPES, 2006a, p.19) ressalta ainda que a LA Transdisciplinar tematiza “um modo de pensar e fazer que está sempre questionando, sempre procurando novos esquemas de politização”. Desse modo, a LA Transdisciplinar vai ao encontro das questões identitárias e compartilha com as questões dos EC, uma vez que considera o sujeito social como sendo construído pelos sentidos produzidos a partir dos usos e implicações sociais, políticas e econômicas. Além disso, a LA Transdisciplinar repensa outros modos de teorizar, os quais consideram a centralidade das questões sociopolíticas e da linguagem, levando em consideração o contexto aplicado em que os sujeitos vivem e agem e a compreensão das mudanças socioculturais, políticas e históricas que tais sujeitos vivenciam e experienciam.

A LA Transdisciplinar caminha em um tempo em que são questionados os ideais da modernidade, notadamente “aqueles referentes à definição do sujeito social como homogêneo, trazendo à tona seus atravessamentos identitários, construídos no discurso” (MOITA-LOPES, 2001, p.62), com o interesse de produzir conhecimento sobre tal sujeito, bem como sobre sua história. Os fenômenos sociais dos quais o sujeito é receptor e também produtor existem inseridos em campos de problematização, e não isolados. Ou seja, difícil seria estudar a linguagem como um objeto autônomo, uma vez que não há uma demarcação limitada. Dessa maneira, o diálogo constante com demais teorias que consideram os modos de produzir conhecimento nas ciências sociais e que, ainda, abram espaço para o entendimento de novas alternativas para compreender as práticas sociais faz com que a LA Transdisciplinar, assim como aponta Moita-Lopes (2006a, p.23),

considere a necessidade de ir além da tradição de apresentar resultados de pesquisa para os pares, como forma de legitimá-los. Para tal, são necessárias teorizações que dialoguem com o mundo contemporâneo, com as práticas sociais que as pessoas vivem, como também desenhos de pesquisa que considerem diretamente os interesses daqueles que trabalham, agem, etc. no contexto de aplicação.

São chamadas de pós-modernas as teorias que tentam compreender a contemporaneidade e pretendem contemplar outras faces da linguagem, como, por exemplo, em relação aos atravessamentos identitários. Além disso, fazem alusão aos termos *virada linguística e cultural* e, ainda, caracterizam-se pela releitura das visões modernistas, tendo em vista que reconsideram diferentes modos de compreender o mundo social e problematizam o sujeito social e as práticas sociais que os permeiam. De acordo com o princípio pós-estruturalista, nenhum ato de fala é inocente ou neutro e, desse modo, as ideologias constituem discursos, os sujeitos e o próprio mundo. Entretanto, é possível que esses aspectos não sejam claros e, por isso, uma das tarefas do linguista baseado nas noções da LA Transdisciplinar é trazer à tona os usos da linguagem e suas implicações sociais.

Segundo Fabrício (2006), para a LA Transdisciplinar, a linguagem é entendida como uma prática social e, desse modo, ao estudar-se a linguagem estuda-se, conseqüentemente, a sociedade e a cultura das quais a linguagem é parte constituinte e constitutiva, uma vez que opera no mundo social e afeta a sociedade. Do mesmo modo, a autora ressalta que nossas práticas discursivas não são neutras e, dessa maneira, estão carregadas de escolhas ideológicas e políticas. Ainda de acordo com as palavras de Fabrício (2006, p.48), em relação à LA Transdisciplinar:

esses estudos abordam a linguagem conectada a um conjunto de relações em permanente flutuação, por entender que ela é inseparável das práticas sociais e discursivas que constroem, sustentam ou modificam as capacidades produtivas, cognitivas e desejantes dos atores sociais. Assim, a tendência de muitos estudos contemporâneos em LA é focalizar a linguagem como prática social e observá-la em uso, imbricada em ampla amalgamação de fatores contextuais.

Isso significa dizer que os significados não são dados no mundo, isto é, não existe *antes* do uso da linguagem; os significados, inclusive sobre quem somos, são produzidos nas práticas discursivas em que os sujeitos atuam – a linguagem constrói o mundo e os sujeitos. Nas práticas discursivas, os significados sobre quem somos são gerados, são construídos e reconstruídos. Referente a essa questão, Moita-Lopes (2001, p.57) sinaliza o exemplo de que “mesmo pais que não queiram ser sexistas, se referem aos filhos como *ele* e *ela* e os filhos acabam se tornando, em geral, o que a linguagem diz a eles quem são”. Este exemplo evidencia que os

discursos produzidos e que circulam na sociedade contribuem para a formação de identidades. Além disso, a representação de diferentes aspectos sociais realizada pela propagação dos discursos contribui para a constituição identitária dos sujeitos: ainda hoje, em tempos de grande discussão acerca das questões de gênero, há a distinção de cores de roupas para meninos e meninas, rosa para estas e azul para aqueles, por exemplo. Essa cultura foi e é disseminada por meio dos discursos que circulam na sociedade, fazendo com que as crianças se constituam e assumam determinadas posições de sujeito em relação ao gênero.

Outro exemplo de representação que pode ser mencionado é o que contribui para o processo de construção de identidades regionais, como o da figura do gaúcho, “visto como um dos ícones da identidade sul-rio-grandense”, como assinala Freitas e Silveira (2004, p.264). Entre outras instâncias, inclusive a escolar, a mídia assume um papel pedagógico “no sentido de instituir verdades e produzir subjetividades, ensinando determinadas maneiras de se ser gaúcho” (*idem*, p.264). Determinados discursos – neste caso, advindos de fatos históricos – se propagam e contribuem para a instauração de certas verdades para o imaginário coletivo de que, por exemplo, (todo) o gaúcho é destemido, desbravador e rude; vive em meio rural junto de seu campo, cercado de cavalos e se alimenta, não raras vezes, de churrasco e bebe chimarrão. Além disso, a figura masculina é caracterizada, em relação às vestimentas, pelo traje gaudério (botas, bombachas, camisa e lenço no pescoço e chapéu com barbicacho). Ora, sabemos que grande parte dos gaúchos não possui campos ou estâncias, tampouco tem cavalos de criação; fora isso, embora muitos sul-rio-grandenses utilizem os trajes típicos, não são todas as pessoas que assim se vestem ou, então, não são todas as pessoas nascidas e residentes nesse estado que comem churrasco e/ou bebem chimarrão com certa frequência. A disseminação de certas *verdades*, como essas ora apresentadas, bem como a constituição de identidades se dá por meio dos atos linguísticos que circulam na sociedade e que contribuem para a produção de subjetividades. Freitas e Silveira (2004, p.267) ainda assinalam:

a figura emblemática e mítica do gaúcho, cuja representação ainda hoje circula em diversos discursos e artefatos, teve sua constituição, sua invenção, forjada graças a inúmeras condições históricas que possibilitaram o seu surgimento, tendo sido apropriada pelo discurso literário, político, e é utilizada nos dias de hoje como símbolo de todas as pessoas nascidas no Rio Grande do Sul.

De acordo com esses exemplos, percebe-se o poder constituidor da linguagem, uma vez que possibilita que certos discursos sejam tomados, com base na noção foucaultiana, como *verdades* constituindo, assim, identidades individuais e sociais, além de significados de práticas também individuais e/ou sociais – as identidades são continuamente construídas e reconstruídas. Fabrício (2006, pp.54-55) explana sobre a genealogia implementada por Foucault (1979, *apud* FABRÍCIO, 2006, p.55) dentro de determinadas *ordens do discurso*:

[...] nossos discursos configuram ambientes, produzem espaços e criam noções de coerência e estabilidade. A realidade, por conseguinte, não é um dado; é um efeito, uma operação de práticas discursivas *ordenadoras* do mundo social, denominada lógica efeito-instrumento. Segundo o pensador francês, produzimos domínios de saber (instrumentos) que incitam a produção de discursos e a manifestação de comportamento (grifo da autora).

Fischer (1996), em sua tese, apresenta uma pesquisa com enfoque na produção da subjetividade de adolescentes a partir de discursos midiáticos. Para tanto, a autora traça uma análise dos discursos que circulam em diferentes veículos de comunicação (programas televisivos, jornais e revistas) tendo como hipótese o fato de que a mídia (os discursos veiculados) constroem um sujeito adolescente. Apesar de a pesquisa de Fischer ser fundamentada teórica e metodologicamente em Michel Foucault – utilizando os conceitos de discurso, saber, poder e sujeito –, acredito ser possível fazer uma interlocução com o campo da LA Transdisciplinar, pois este, assim como a análise de discurso foucaultiana, procura “interrogar a linguagem – o que efetivamente foi dito – sem a intencionalidade de procurar referentes ou de fazer interpretações reveladoras de verdades e sentidos reprimidos” (FISCHER, 2001, p.9). E, além disso, ambas as perspectivas lançam um olhar diferente em relação ao objeto de estudo, sobre o que todos já pensavam conhecer.

Do ponto de vista da LA Transdisciplinar, as práticas sociais estão em contato com a teorização e, por esse motivo, relatos de histórias, narrativas contadas e testemunhos são objeto de estudo dessa teoria. A linguagem constitui sujeitos cujas identidades são construídas por meio de atos linguísticos, como narrativas. As narrativas, por sua vez, como enfatiza Silva (1995a, pp.204-205),

constituem uma das práticas discursivas mais importantes [...]. O poder de narrar está estreitamente ligado à produção de nossas identidades sociais. Desse modo, as narrativas não apenas nos ajudam a dar sentido ao mundo, a torná-lo inteligível, elas contribuem para constituí-lo e a nós.

De acordo com Fabrício (2006, p.48), a partir dos estudos provenientes da linguagem como prática social, estuda-se a sociedade e a cultura no processo de construção de sentidos, já que a LA Transdisciplinar procura novos modos de entender a vida social e atua como uma prática social problematizadora que traz à tona os atravessamentos identitários e suas construções. Ainda conforme salienta a autora, baseada nas noções de Nietzsche e Foucault, “o discurso sobre as coisas é que cria as coisas em si” (FABRÍCIO, 2006, p.54). Para elucidar essa questão, trago o conhecido exemplo de Hall (1997a, p.29) sobre o entendimento da linguagem a partir da virada linguística: “dizer que uma pedra é apenas uma pedra, num determinado esquema discursivo ou classificatório, não é negar que ela tenha existência material, mas dizer que seu significado é resultante não de sua essência natural, mas de seu caráter discursivo”. A linguagem, portanto, vista a partir desse caráter cambiante, está atrelada à produção de sentido e ao comportamento social, o que gera o entrelaçamento entre práticas discursivas, cultura e conhecimento. Ademais, a linguagem traz três importantes implicações, conforme apresenta Fabrício (2006, p.57): evidencia quais os sentidos são condizentes com a maneira como as pessoas empregam a linguagem em suas práticas; além disso, possui um grau de estabilidade sem necessitar, para tanto, apelar para a representação de algo exterior a ela mesma; e, por fim, desconstrói a crença de que exista um único significado para as coisas e revela que, normalmente, são os sujeitos quem neutralizam as regras e consagram formas de vida, ideias e crenças.

Moita-Lopes (2001, p.59) ressalta que, a partir dessa visão da linguagem, “o discurso é caracterizado por ser constitutivo da vida social” e isso implica a compreensão de que “o discurso é a ação através da qual os participantes discursivos se constroem, constroem os outros e, portanto, constituem o mundo social”. Nesse sentido, Pennycook (1998) chama a atenção para o uso do termo Linguística Aplicada Crítica (LAC) não no sentido teórico, e sim no sentido de abarcar enfoques além dos até então estudados. O autor ressalta que o termo *crítica* não quer dizer que essa linguística seja melhor, superior ou, então, que seja

necessária uma mudança na visão dos paradigmas; mas sim que faz referência às implicações políticas das práticas sociais. Dessa maneira, ainda segundo o autor, uma LA Crítica (pós-crítica/transdisciplinar) procura

investigar as circunstâncias específicas que nos levaram aos nossos conceitos atuais e ver como, ao adotar uma concepção de discurso como um conjunto de sinais e práticas que organizam a existência e a (re)produção sociais, podemos conceber a linguagem como fundamental tanto para manter quanto para mudar a maneira como vivemos e compreendemos o mundo e nós mesmos (PENNYCOOK, 1998, p.46).

Pennycook (2006, p.67) alerta, ainda, para os significados do termo *crítico*, que deve ser utilizado, entre outros sentidos, com a intenção de ser relevante socialmente e como uma prática pós-moderna problematizadora. A ideia do autor, entretanto, não é a de definir a LAC como uma disciplina ou um campo fixo, por exemplo, e sim verificar o uso em movimento. Além disso, o referido autor entende “a LAC como uma abordagem mutável e dinâmica para as questões da linguagem em contextos múltiplos, em vez de como um método, uma série de técnicas, ou um corpo físico de conhecimento” (PENNYCOOK, 2006, p.67). Dessa maneira, a LAC rompe com o tradicional e é vista como uma prática problematizadora que consegue abarcar modelos mais dinâmicos em virtude do conhecimento transgressivo do qual se utiliza para os modos de pensar e fazer.

A partir desse viés, assuntos que não eram abarcados pela LA mais tradicional passam a interessar a LA Transdisciplinar, como as questões voltadas à identidade, sexualidade, raça, desigualdade, ética, nação, entre outras. Desse modo, tais questões passam, ainda, a ser compreendidas como produzidas nas relações sociais, e não como anteriores a tais relações – tendo seu caráter mais dinamizado principalmente após a virada linguística e cultural. Cabe salientar, de todo modo, que um dos interesses da LA Transdisciplinar é mostrar-se fluida e livre (quero dizer, sem ser engessada em conceitos unos) para abranger diferentes – interdisciplinares – conhecimentos. De acordo com Rajagopalan (2004, p.410 *apud* PENNYCOOK, 2006, p.73), a LA Transdisciplinar pretende

atravessar (se necessário, *transgredindo*) fronteiras disciplinares convencionais com o fim de desenvolver uma nova agenda de pesquisa que, enquanto livremente informada por uma ampla



variedade de disciplinas, teimosamente procuraria não ser subalterna a nenhuma (grifos no original).

Além disso, Pennycook (2006, p.74) explica os motivos que o levam a utilizar, também, o termo *transgressiva* para referir-se à LA: segundo o autor, essa nomenclatura permite referir a necessidade de considerar instrumentos políticos e epistemológicos que atravessam os limites do pensamento tradicionais e, além disso, pelo fato de que teorias transgressivas pensam e fazem aquilo que não deveria ser pensado e feito. Em suma, a utilização do termo pretende deixar evidente o movimento para além das fronteiras e dos limites normativos, interrogando, bem como envolvendo-se com, as ações e o pensamento contemporâneo.

Para elucidar essas questões, Fabrício (2006, p.57) afirma que “a linguagem deve ser entendida como sistema de ações simbólicas realizadas em determinados contextos sociais e comunicativos”, uma vez que o uso de uma palavra somente se torna significativo em determinados contextos de comunicação. Dessa maneira, percebe-se que a significação não é anterior às práticas discursivas, pois há um entrelaçamento entre tais práticas e culturas. De acordo com o exposto, a LA Transgressiva entende a linguagem da mesma forma como o defendido pelos EC, conforme a virada linguística. A virada linguística, por sua vez, está intimamente ligada à virada cultural e, dessa maneira, é possível articular essa teoria à ótica dos EC.

Os EC, por seu turno, surgiram na Inglaterra, na época pós-guerra, causando uma mudança naquilo que até então era entendido por cultura e, conseqüentemente, na teoria cultural. Os EC não se atêm a binarismos ou dualismos como, por exemplo, aos conceitos de *baixa cultura* e *alta cultura* – definições estas que carregam uma concepção elitista, já que a cultura é considerada como uma atividade altiva apenas para determinados grupos (especialmente os de posses privilegiadas) que têm acesso a obras de arte e à tradição literária, entre outros padrões elitizados –, e sim estudam a cultura como sendo um espaço de luta entre diversas outras culturas vinculadas em diferentes níveis da sociedade. Ou seja, pelo fato de a organização dos EC ser em torno da cultura como conceito fulcral, os EC são constituídos de diferentes ideias, métodos e teorias que giram em torno de um eixo central: a preocupação com o uso da cultura

pelo povo. De acordo com Hall (1997a, p.17), “a cultura tem assumido uma função de importância sem igual no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia, aos processos de desenvolvimento do meio ambiente global e à disposição de seus recursos econômicos e materiais”.

De acordo com essa visão, o povo é visto como receptor, mas também como produtor da cultura, não sendo totalmente submisso à esfera econômica. Desse modo, é a partir dos EC que uma concepção particular de cultura é vista, portanto, como um fenômeno heterogêneo, ativo e intervencionista. Segundo Costa et al. (2003, p.36), para os EC a “cultura transmuta-se de um conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismos segregacionistas para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de sentidos cambiantes e versáteis”.

Além disso, os EC têm uma raiz marxista, mas acrescentam ao Marxismo justamente a necessidade de considerar as dinâmicas culturais, uma vez que estas são entendidas como integrantes de todos os níveis socioeconômicos. Para Veiga-Neto (2000, p.53), “os EC se apresentam como um campo capaz de articular disciplinas tradicionais como a Sociologia e a Psicologia, atenuando suas tradicionais fronteiras [...]. É esse caráter articulador que faz dos EC um campo avesso ao reducionismo epistemológico”. Costa (2000, p.31) corrobora essa questão ao salientar que “ao invés de aspirar assumir contornos de uma disciplina, os Estudos Culturais têm sido [...] um projeto político de oposição, cuja movimentação ideológica adquiriu vários matizes”.

Em síntese, os EC surgiram em virtude de um processo de mudança, advindo de certos grupos sociais, cujo escopo era apropriar-se

de instrumentais, de ferramentas conceituais, de saberes que emergissem de leituras do mundo, repudiando aqueles que se interpõem, ao longo dos séculos, aos anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso (COSTA et al., 2003, p.37).

Assim, diversos estudiosos começaram a progredir suas pesquisas nesse campo promissor em que são configurados espaços alternativos de atuação. Os trabalhos *The uses of literacy* (final da década de 1950) e *Culture and society* (1958), dos teóricos Richard Hoggart e Raymond Williams, respectivamente, são considerados os pioneiros nesse campo de caráter não-disciplinar ou pós-disciplinar (VEIGA-NETO, 2000).

No Reino Unido, essas obras convergiram para uma linha de pesquisa denominada Estudos Culturais que, posteriormente, foi institucionalizada no Centro de Pesquisas de Pós-Graduação – Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (*Centre for Contemporary Cultural Studies – CCCS*), da Universidade de Birmingham, fundado em 1964 por Hoggart e Willians (HALL, 1997a). Posteriormente, os EC foram institucionalizados em espaços acadêmicos (como cursos e por meio de publicações de diversas fontes), todavia não de maneira tranquila, já que tais pesquisas foram construídas a partir de um matiz teórico causando tensões na relação entre a academia e a cultura do povo (COSTA, 2000).

Conforme salienta Costa (2000, p.21), embora pareça haver uma linearidade dos fatos e das análises que geraram os EC, é importante frisar que foram diversas as manifestações que culminaram nesse novo lugar de discussões acerca da cultura, uma vez que as pesquisas voltadas a esse campo “foram gestadas em uma movimentação teórica, na qual as relações entre a academia e a cultura do povo eram, no mínimo, tensas e problemáticas”. Os EC se articulam interdisciplinarmente de maneira a seguir rumos além daqueles já difundidos por outras disciplinas. Portanto, a institucionalização dessas pesquisas na academia foi uma tarefa bastante conflituosa, já que, “historicamente, a academia tem sido o lugar de legitimação dos saberes, da definição do cânone” (COSTA, 2000, p.23).

Tentar definir os EC não significa dizer que, para este campo teórico, tudo é válido ou, então, expressar que *qualquer coisa* pode ser estudada pelo viés dessa perspectiva. Conforme expressam os autores Sardar e Van Loon (1998, *apud* Costa et. al., 2003, p.43), há pelo menos cinco pontos que caracterizam os EC:

o primeiro é que seu objetivo é mostrar as relações entre poder e práticas culturais; expor como o poder atua para modelar estas práticas. O segundo é que desenvolve os estudos da cultura de forma a tentar captar e compreender toda a sua complexidade no interior dos contextos sociais e políticos. O terceiro é que neles a cultura sempre tem uma dupla função: ela é, ao mesmo tempo, o objeto de estudo e o local da ação e da crítica política. O quarto é que os EC tentam expor e reconciliar a divisão do conhecimento entre quem conhece e o que é conhecido. E o quinto, finalmente, refere-se ao compromisso dos EC com uma avaliação moral da sociedade moderna e com uma linha radical de ação política.

Stuart Hall teve importante participação na formação dos EC, uma vez que “incentivou o desenvolvimento de estudos etnográficos, as análises dos meios

massivos e a investigação de práticas de resistência dentro de sub-culturas” (ESCOSTEGUY, 1999, p.141). Hall, que foi diretor do CCCS no período de 1969-1979 substituindo Hoggart, afirma que a institucionalização dos EC foi marcada por ganhos e perdas, uma vez que houve expansão da temática principalmente em meio acadêmico, mas também houve despolitização e formalização de questões críticas, como o poder, a história e a própria política.

Para Hall (1997a), ao se mostrarem perante a imposição de significados dos grupos que detêm o poder, os grupos subordinados fazem frente aos seus interesses, gerando, desse modo, a luta pela significação na esfera cultural. Costa (2000, p.25) enfatiza essa questão ao mencionar que

a cultura é um dos principais *locus* onde são estabelecidas e contestadas tais divisões [divisões desiguais no que se refere a etnia, sexo, divisões de gerações e de classes (HALL, 1997a)], onde se dá a luta pela significação, na qual os grupos subordinados tentam resistir à imposição de significados que sustentam os interesses dos grupos dominantes. Neste sentido, os textos culturais são muito importantes, pois eles são um produto social, o local onde o significado é negociado e fixado (inserção minha).

Sommer (2007, p.59), inspirado no filósofo francês Michel Foucault, avalia que, ao utilizar os textos culturais para análises, os discursos são tomados como monumentos, em que se opera “sobre a superfície dos textos, sem buscar um suposto significado subjacente à sua materialidade”. Em virtude desses deslocamentos gerados na concepção de cultura, ocorreu a chamada virada cultural, que se refere ao “poder instituidor de que são dotados os discursos circulantes no circuito da cultura” (COSTA et al., 2003, p.38). Ainda segundo Hall (1997a, p.27), a virada cultural “refere-se a uma abordagem da análise social contemporânea que passou a ver a cultura como uma condição constitutiva da vida social, ao invés de uma variável dependente”. Além disso, esclarece que a cultura, não mais é entendida unicamente como a acumulação de saberes (conforme a concepção elitista) ou, então, como um processo simplesmente intelectual; a cultura deve ser estudada levando-se em consideração todos os processos associados a ela e o papel constitutivo presente nas instâncias sociais.

Atreladas aos EC e à virada cultural estão as noções de discurso e de texto, tendo em vista que a linguagem tem um papel importante nessa visão pelo caráter constitutivo, ativo e produtivo em relação ao mundo e às identidades. Dessa forma,

Hall (1997a) explana sobre o *conceito*<sup>9</sup> de linguagem de acordo com o preconizado pela virada cultural/virada linguística. A linguagem, em outra perspectiva, é entendida como um assunto de interesse apenas dos especialistas nessa área – linguistas e literatos – e, ainda, como subordinada e a serviço da realidade, em que os modelos preexistem a qualquer tipo de descrição. Ou seja, a linguagem é vista como um meio de comunicação entre os sujeitos que, além disso, serve para relatar e denominar os fatos, os objetos (realidade) que existem no mundo – uma maneira de representar a realidade. De acordo com Hall (1997a, p.28) “a preocupação com a linguagem passa a ser em um sentido amplo: um interesse na linguagem como um termo geral para as práticas de representação, sendo dada à linguagem uma posição privilegiada na construção e circulação do *significado*” (grifo do autor). Dessa forma, a partir da virada linguística, outra concepção foi adotada em relação à linguagem, visto que a linguagem é entendida a partir de seu caráter privilegiado em que estão presentes a construção de significado e a constituição dos fatos; caráter esse que não apenas relata os significados e/ou fatos. Pennycook (1998, p.29) reitera essa concepção ao mencionar que “a língua é um sistema de significação de ideias que desempenha um papel central no modo como concebemos o mundo e a nós mesmos”. Além disso, segundo Popkewitz (1994, p.195), a partir da virada cultural

[...] a preocupação é com a forma como as categorias, distinções e diferenciações de sistemas de ideias posicionam as práticas e ações do sujeito. [...] A linguagem, entretanto, não se refere apenas a palavras e afirmações. As regras e padrões pelos quais a fala é construída são produzidos em instituições sociais, enquanto as práticas sociais moldam e modelam aquilo que é considerado verdadeiro e falso. Nos sistemas de linguagem estão embutidos valores, prioridades e disposições que são elementos ativos na construção de mundo.

---

<sup>9</sup> Faço tal grifo para esclarecer que não se trata de um conceito único, fechado e correto. Os EC potencializam outras formas de olhar, mas não encerram com as outras formas de entendimento de mundo, visto que não há um *depois* que supere o *antes*. O intuito não é descartar, ou julgar como errônea, a forma como a linguagem é entendida sem ser em relação à virada linguística ou, ainda, afirmar que a concepção aqui abordada é a *verdadeira*. Entendo que a linguagem, a partir desse marco, tem sua noção ampliada sem que seja una, pois não há uma *verdade absoluta*. A contribuição de Foucault (1970/1980) para a virada cultural esclarece essa questão: os EC não pretendem “(...) substituir um tipo de reducionismo (idealismo) por outro (materialismo), mas forçar-nos a repensar radicalmente a centralidade do cultural e a articulação entre os fatores materiais e culturais ou simbólicos na análise social. Este é o ponto de referência intelectual a partir do qual os estudos culturais se lançaram” (HALL, 1997a, p.32). Não se trata de substituir uma verdade por outra, e sim analisar todas as *verdades* e, sobretudo, a *produção da verdade* que é disseminada por meio dos discursos.

Por conseguinte, a linguagem tem sua compreensão ampliada, já que a maneira como vivemos e a razão daquilo que somos – nossas identidades – são compreendidas como práticas discursivas (HALL, 1997a). Ademais, Popkewitz (1994) salienta que, quando usamos a linguagem, é possível que *quem* esteja falando, de fato, seja a linguagem que nos foi dada por meio de formações sociais, e não nós mesmos – isto é, utilizamos discursos produzidos anteriormente para constituir o mundo e a nós. As práticas de representação são criadas linguisticamente, por meio de atos linguísticos, em que os sistemas de representação (a linguagem) criam e constituem os significados e, além disso, atingem os sujeitos e constituem narrativas que se impõem como verdadeiras – o real só existe em função daquilo que se fala sobre ele. A representação, por conseguinte, conforme destaca Hall (1997b, p.61)<sup>10</sup>,

[...] envolve a criação de significados por forjar elos entre três ordens diferentes de coisas: o que poderíamos chamar, de modo amplo, de as coisas do mundo, pessoas, eventos e experiências; o mundo conceitual: os conceitos mentais que temos em nossas mentes; e os signos, arranjados nas línguas, os quais *significam* ou comunicam estes conceitos (grifo do autor).

Para Cavalcanti (2006, p.239), os conceitos de identidades e representações sociais “[...] vêm de áreas como a antropologia, a sociologia e os EC, mas se fazem relevantes em LA, enquanto área de atuação potencialmente transdisciplinar quando discutidos em relação ao discurso na interação social”, uma vez que por meio dos atos linguísticos nos constituímos como sujeitos. Ratificando essa ideia, Woodward (2000) salienta que nos posicionamos como sujeitos a partir da representação, que engloba práticas de significação e sistemas simbólicos nos quais os significados são produzidos. Para a autora,

é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: quem

<sup>10</sup> Tradução minha do original, em Inglês: “[...] representation involves making meaning by forging links between three different orders of things: what we might broadly call the world things, people, events, and experiences; the conceptual world: the mental concepts we carry around in our heads; and the signs, arranged into languages, which *stand for* or communicate these concepts”.

eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2000, p.17).

Silva (1995a, p.199), esclarece que “a representação é, pois, um processo de produção de significados sociais através dos diferentes discursos. Os significados têm, pois, que ser criados. Eles não pré-existem como coisas no mundo social.” Para o autor, diferentes discursos carregam significados, em que o mundo social é representado e conhecido. Hall (1997a) enfatiza ainda que a formação das nossas identidades se dá culturalmente e por meio das representações. Desse modo, conforme enfatiza Santos (2013, p.2), quer dizer que tal formação é uma escolha pessoal que, no entanto, é feita pela “mediação de aspectos objetivos presentes nas normas, nas instituições, nas atividades (...) nas ações e estruturas sociais contextualizadas em um determinado tempo e lugar”. Ainda conforme expressa Hall (1997a, pp.26-27),

[...] devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas. Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles). Nossas chamadas subjetividades são, então, produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico.

Silva (1999, p.21) esclarece que “por meio do processo de significação construímos nossa posição de sujeito e nossa posição social, identidade cultural e social de nosso grupo, e procuramos construir as posições e as identidades de outros indivíduos e de outros grupos”. A questão de identidade, por sua vez, é bastante discutida em Silva (1995a, 1995b, 2000a), que também aborda questões como diferença e currículo<sup>11</sup>. Identidade e diferença estão ligadas a sistemas de significação e compõem uma relação de dependência, já que as afirmações de identidade são construídas em oposição a outras identidades, sendo produzidas, nesse processo, as identidades e marcadas as diferenças. A afirmação de determinada identidade, e conseqüentemente a marcação da diferença, pressupõe operações como incluir e excluir – trata-se de uma separação entre aquilo que

<sup>11</sup> Embora seja um tema deveras interessante e que enriqueceria grandemente tanto o referencial teórico quanto as análises, neste trabalho não é aprofundada a discussão em relação às questões voltadas ao currículo. Para ampliar esse tópico, consulte SILVA, 1999 (Cf. Referências).

somos e aquilo que não somos. Sem a existência daquilo que não somos (o *outro*) a identidade não faria sentido (SILVA, 2000a).

Identidade e diferença se constituem nas relações interpessoais e “não podem ser compreendidas, pois, fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem” (SILVA, 1995a, p.198). No caso de identidades nacionais e/ou regionais, por exemplo, o processo de diferenciação é estabelecido por uma marcação simbólica em relação a outras identidades, como hino, costumes, práticas culturais, indumentário, culinária, entre outros aspectos (FREITAS, 2013b, p.13). Silva (1995b, p.187), ainda menciona que

a identidade não existe *naturalmente*: ela é construída pelo próprio grupo e pelos outros grupos. [...] aquilo que um grupo tem em comum é resultado de um processo de criação de símbolos, de imagens, de memórias, de narrativas, de mitos que *cimentam* a unidade de um grupo, que definem sua identidade (grifos do autor).

Dessa forma, ratifico que as identidades são produzidas por meio de atos de significação nos quais a linguagem tem o papel constitutivo. Por meio de tais atos, os grupos (conforme apontado na citação de Silva) se determinam e se formam em oposição a outros grupos – a identificação, e a marcação da diferença, é dada pela ocupação de posições de sujeito em diferentes espaços que sinalizam um determinado grupo e não outro. Silva (2000a, p.76) destaca ainda que “identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas”. Para o autor, identidade e diferença fazem parte do mundo cultural e social, uma vez que são fabricadas pelos sujeitos nas relações culturais e sociais (*idem, ibidem*).

Ainda seguindo as contribuições de Silva (1995b, p.186), posso esclarecer que a identidade e a diferença são processos inseparáveis, tendo em vista que “a identidade cultural ou social é o conjunto daquelas características pelas quais os grupos sociais se definem como grupos: aquilo que eles são. Aquilo que eles são, entretanto, é inseparável daquilo que eles não são”. As identidades, ainda, são construídas em relação a outras identidades, uma vez que dependem de algo que está à parte, que está no exterior. De acordo com a argumentação de Hall (2000, p.108), “identidade e diferença estão inextricavelmente articuladas ou conectadas em identidades diversas, sem que jamais uma venha a obliterar totalmente a outra”.



Dessa maneira, reforço que, uma vez que a linguagem constitui as relações sociais e culturais, conforme visto anteriormente, identidade e diferença nada mais são do que o resultado de atos de linguagem e “de um processo de produção simbólica e discursiva” (SILVA, 2000a, p.81) que as institui.

Além disso, é importante ressaltar os significados do termo identidade: Hall (2000) afirma que o conceito de identidade é estratégico e posicional. Isso quer dizer que a concepção de identidade não é imutável, uma vez que as identidades não são unificadas; “(...) elas são multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades [...] estão constantemente em processo de mudança e transformação” (HALL, 2000, p.108). Portanto, um sujeito pode ocupar mais de uma posição de sujeito e pode, sobretudo, desempenhar mais de uma identidade (por isso, também, o uso do termo identidades no plural, já que são diversas as camisas a serem vestidas). Consonante a esse esclarecimento, Bauman (2001, p.9) utiliza as denominações *líquido* e *fluido* para descrever esse movimento dinâmico:

[...] os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas *por um momento*. [...] Os fluidos se movem facilmente [...] diferentemente dos sólidos, (que) não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. [...] Essas são razões para considerar *fluidez* ou *liquidez* como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade (grifos do autor).

Isto posto, pode-se explicitar que as identidades não são estáticas e/ou fixas, pois se transformam e se adaptam a diferentes contextos e situações. Silva (2000a, p.97) ratifica essa concepção ao mencionar que “a identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas”. Deve-se considerar, desse modo, que a partir dos atos linguísticos estão sendo constituídas as identidades de cada sujeito. Silva (1995b, p.190) ainda ressalta que “é importante colocar no próprio centro do currículo uma visão que destaque o papel da linguagem e do discurso na produção

de subjetividades particulares e identifique suas conexões com desejos e vontades de poder – de indivíduos e grupos particulares”.

Diante do exposto, reforço o entendimento da sala de aula como um espaço de formação educativa e de constituição identitária – onde histórias são produzidas, interpretadas e mediadas – que possui um caráter privilegiado no sentido de potencializar a circulação de discursos e a produção de sujeitos, já que a linguagem constitui identidades e produz significados para os sujeitos. Assim como em outros espaços sociais, em sala de aula há, constantemente, práticas sociais e momentos em que narrativas, relatos, testemunhos e histórias de vida são contados constituindo, dessa forma, os sujeitos e o mundo em que vivem. Além da produção de saberes, nesse espaço também há a produção de significados e a produção de certas verdades, sejam elas científicas ou não, que são disseminadas por meio dos atos de fala, conforme aponta Fabrício (2006, p.55):

vistas pelas lentes foucaultianas, as instituições e as diferentes áreas de conhecimento exercem poder na medida em que são construtoras e divulgadoras de discursos e *verdades*, criando fatos e instaurando realidades e possibilidades de existir e agir. Contribuem, assim, ativamente para a constituição da vida social e para a geração de sistemas de redes de força interdependentes (grifo da autora).

Seja em escolas primárias, secundárias ou de ensino superior (foco deste estudo), o espaço físico da sala de aula, bem como todo o ambiente de construção de conhecimento contribui para o processo de formação de identidades na medida em que, a todo o momento, os sujeitos são interpelados por histórias que são contadas e recontadas. Muitas vezes, é nas instituições de ensino que os sujeitos têm acesso ao mundo, e “o acesso a esse mundo se dá pela significação mediada pela linguagem” (COSTA, 2000, p.17).

### 3 TIJOLO COM TIJOLO NUM DESENHO MÁGICO<sup>12</sup>

A metodologia de pesquisas embasadas em teorias pós-modernas constitui um movimento de construção formado por uma rede de diferentes processos, de diferentes campos teóricos. Além disso, abarca métodos e olhares analíticos para além das fronteiras metodológicas restritas às teorias mais tradicionais. Não significa dizer, contudo, que não existem passos a serem trilhados, ou que não há um método a ser considerado.

A metodologia dos EC não parte de algo pressuposto para, então, procurar/investigar uma validação, uma hipótese a ser confirmada. Do ponto de vista do método, não é o instrumento em si que determinará a pesquisa, pois não há generalizações. É possível averiguar, entretanto, as recorrências discursivas, as práticas discursivas e não discursivas que circulam na sociedade e que contribuem para a construção das identidades sociais e, ainda, para a ocupação de determinadas posições de sujeito.

O método de pesquisa em LA Transdisciplinar, da mesma forma, não procura confirmar, no caso deste estudo, quais as *reais* ou as *verdadeiras* identidades dos sujeitos, e sim verificar as possibilidades de construção dessas identidades, uma vez que procura refletir sobre os usos da linguagem, seu poder constitutivo, e suas implicações sociais. De acordo com Fabrício (2006, p.58), “a multiplicidade dos discursos e dos usos da linguagem fez com que a área da LA Transdisciplinar empregasse uma metodologia de análise do discurso que possibilite a relação e a reflexão sobre linguagem, cultura, sociedade e subjetividades”. Dessa forma, significa dizer que a metodologia de análise não é própria (no sentido de não ser restrita) da LA Transdisciplinar, tendo em vista que, conforme argumenta Kumaravadivelu (2006, p.139), “[...] a investigação em LA deve ser intercultural, interlingüística e interdisciplinar”. Moita-Lopes (2006b, p.99) corrobora essa questão ao mencionar que, “como linguistas aplicados, nossa posição deve ser nos situar nas fronteiras onde diferentes áreas de investigação se encontrem” problematizando a pesquisa enquanto uma contribuição de entendimento do mundo contemporâneo,

---

<sup>12</sup> BUARQUE, Chico. Construção. In: *Construção*. LP. Gravadora: Philips, 1971. Faixa quatro – Lado A, 6’28”.

bem como o entendimento das produções advindas das práticas discursivas em que os sujeitos atuam.

Alguns procedimentos metodológicos, baseados em pensadores como Foucault, inspiram as pesquisas no campo da LA Transdisciplinar e podem servir como roteiro para os pesquisadores dessa perspectiva teórica, conforme aponta Fabrício (2006, pp.59-60):

- Interrogar-nos acerca da relevância social da temática e do objetivo gerais de nossos estudos, tendo em vista os atores sociais que vivenciam as práticas envolvidas no fenômeno a ser focalizado; [...]
- Inserir o objeto de estudo em amplo campo de problematizações, contextualizando local e globalmente no momento contemporâneo;
- Mapear a rede semântica e a episteme em jogo, necessariamente sustentadas por uma multiplicidade de vozes, sistemas de valoração de discursos e regimes de verdade;
- Ser cauteloso quanto a generalizações possíveis, circunscrevendo os sentidos produzidos aos discursos e às práticas dos atores sociais que os fabricam e vivenciam;
- Apresentar nossos trabalhos como fabricação de *edifícios* móveis, cujos *alicerces* líquidos não permitem a solidificação do conhecimento *erguido*, seu esgotamento ou o alcance de um alvo certo. A mobilidade permite a proliferação, a ampliação e a multiplicação de perspectivas. Assim, podemos contemplar o movimento e a continuidade da pesquisa, indicando possíveis implicações e desdobramentos (grifos da autora).

Sendo assim, enquanto pesquisadores, devemos contribuir com a divulgação – publicação – das práticas sociais que acontecem no mundo contemporâneo nas quais os sujeitos atuam e se constituem. No caso desta pesquisa, a análise das oratórias não pretende saber o que, de fato, está acontecendo nas salas de aula de um curso de Letras, tampouco concluir quais são *mesmo* as (*verdadeiras*) identidades que nesse espaço se apresentam. Contudo, este estudo pretende, assim como sugere Fabrício (2006), dar vistas aos fenômenos ocorridos no ambiente de sala de aula, focalizando os alunos como atores sociais que se constroem e constroem o mundo em que vivem a partir dos usos que fazem da linguagem. Além disso, problematiza o objeto de estudo apresentando os atravessamentos identitários em sala de aula, bem como o entrecruzamento das oratórias que revelam determinados regimes de verdades, bem como significados. Para tanto, para a análise das oratórias, esta pesquisa leva em consideração os

usos e as implicações dos sentidos produzidos pelos sujeitos colaboradores e, sobretudo, ressalta a fluidez e a liquidez das perspectivas aqui analisadas – contribuindo, assim, para um outro olhar em relação à sala de aula e às atividades desenvolvidas. Seguindo a afirmação de Rajagopalan (2006, p.157), “[...] interessa ao campo aplicado pensar a pesquisa enquanto intervenção e o pesquisador enquanto agente dessa intervenção, e não as maneiras de neutralizar essa dimensão de sua relação com seu objeto”.

Além disso, este estudo tem um caráter qualitativo, tendo em vista que as pesquisas realizadas no campo dos EC e da LA Transdisciplinar não possuem uma metodologia pré-definida e, ademais, têm como foco os materiais culturais. De acordo com Escosteguy (2001, p.157), “os Estudos Culturais não configuram uma ‘disciplina’, mas uma área onde diferentes disciplinas interatuam, visando ao estudo de aspectos culturais da sociedade”. A metodologia abordada nos EC utiliza *outras formas* para questionar e, portanto, surge do diálogo entre pesquisas e estudos realizados e tem interesse nos sentidos e nos valores vivenciados pelos sujeitos sociais. Conforme destaca Coimbra (2003, p.219),

levando em consideração os contextos e a visão dos participantes dos grupos pesquisados, teremos uma percepção muito mais abrangente da realidade social e seremos capazes de perceber como o ser humano, ao mesmo tempo em que constrói o significado, se constrói.

Do mesmo modo, a metodologia da LA Transdisciplinar parte de um referencial teórico-metodológico transdisciplinar que concebe a linguagem como o fator comum na análise da organização social, dos significados sociais, do poder e da consciência do indivíduo (PENNYCOOK, 2006). É válido mencionar, portanto, que para esta pesquisa “analisar texto ou discurso significa analisar formações discursivas essencialmente políticas e ideológicas por natureza” (KUMARAVADIVELU, 2006, p.140).

As provocações da pós-modernidade, dos EC e da LA Transdisciplinar não pretendem constituir uma *nova* teoria, e sim analisar sob outras perspectivas o quanto as pessoas vivem as multiplicidades. O método utilizado nesta pesquisa, conforme apontado por Veiga-Neto (2009, p.84) sobre a teoria e método em Michel Foucault, pode ser entendido como “o caminho que nos leva a algum lugar, para uma abordagem, para um entendimento” – entendimento em relação às

possibilidades de constituição identitária em sala de aula. Em relação à contribuição das pesquisas ancoradas nas teorias pós-modernas, Rajagopalan (2006, p.158) esclarece que “[...] a história do que se apresenta como dado de pesquisa adquire grande interesse: todo o processo de reunir, organizar e constituir uma base de dados já é produzir conhecimento; a produção de conhecimento já é conhecimento”.

Em relação à metodologia para a coleta dos dados, como já mencionado, aconteceu na disciplina de Leitura e Produção Textual I, ofertada para os primeiros semestres dos cursos de Bacharelado em Letras da UFPel, em que cumpri o estágio de docência do Mestrado. Dessa forma, de junho a agosto de 2013, nas sextas-feiras à noite, cumpri o estágio num total de 40h e realizei a coleta de dados para esta pesquisa.

Dentre as avaliações, conforme o Plano de Ensino da disciplina ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leticia Freitas, a atividade *Aulas de Oratória* objetivava que os alunos apresentassem um tema livre, de escolha pessoal, sem aporte de mídias, como apresentação via *datashow*, em um período de cinco a dez minutos<sup>13</sup>. A cada aula, ocorriam três apresentações, anteriormente agendadas, em que não era exigida a entrega de material escrito tanto para a professora quanto para os colegas. Ademais, a proposta era a de que os alunos não lessem nenhum material, embora muitos tenham utilizado uma espécie de esquema/roteiro apenas para guiar a oratória. Durante cada apresentação, foram considerados quatro aspectos para a avaliação: abordagem do tema, adequação vocabular, postura e tempo de apresentação. É importante ressaltar que houve, previamente às apresentações, orientação em relação à atividade, ou seja, os alunos foram informados sobre os itens considerados para a avaliação, bem como puderam esclarecer dúvidas e discutir a atividade em questão. Além disso, após cada apresentação, cinco minutos eram dedicados para discussão de todo o grupo sobre o tema ora apresentado.

---

<sup>13</sup> Além disso, as *Aulas de Oratória* propiciavam um trabalho específico voltado à modalidade oral e a seus contextos de fala – nessa atividade, era abordado o gênero oral formal. Pode-se considerar que em muitas aulas de Língua Portuguesa (LP), e também em cursos de graduação, a língua falada não é abordada com maior abrangência, pois acredita-se que todo falante já domina os usos da modalidade oral mesmo antes da alfabetização não necessitando, assim, de um estudo particular. É necessário que haja tal estudo, pois, conforme argumenta Marcuschi (1997, p.4), “(...) tanto quanto a escrita, a fala tem sua própria maneira de organizar, desenvolver e transmitir informações, o que permite que se a tome como fenômeno específico”. Ainda segundo o autor, é primordial desenvolver atividades específicas voltadas à oralidade, pois existem diferentes circunstâncias de fala, nas quais o falante tem que se adequar à situação e às características do interlocutor. Outros exemplos de atividades focadas a oralidade, a serem desenvolvidas em sala de aula, podem ser consultadas em RAMOS, 1999 (Cf. Referências).

Quando iniciei o estágio, explanei sobre a minha pesquisa – sem muitas considerações pontuais, pois, naquele momento, o estudo ainda estava em fase embrionária – e expliquei para os alunos sobre a possibilidade de utilizar as oratórias por eles produzidas como objeto de estudo. Dessa maneira, informei à turma sobre o procedimento que seria realizado: os alunos que tivessem interesse em participar como colaboradores precisariam assinar o termo de consentimento livre e esclarecido<sup>14</sup> para que eu pudesse gravar o áudio das oratórias. Ressaltei que a forma de participação consistia em permitir que esse áudio servisse como objeto de estudo e enfatizei que os nomes não seriam utilizados em qualquer fase da pesquisa, garantindo o anonimato dos sujeitos, bem como não haveria gastos nem riscos com a participação. Além disso, quis deixar evidente que a participação não era obrigatória e que, sempre que solicitado, os alunos poderiam receber tanto os áudios das oratórias como informações atualizadas sobre todos os procedimentos do estudo realizado.

Tendo em vista a proposta da atividade *Aulas de Oratória*, assuntos diversos foram apresentados pelos discentes, desde temas populares naquele momento (como a cura gay; os protestos e as manifestações pelo Brasil; a Usina de Belo Monte), passando por assuntos gerais (como apresentar a cidade de origem) e temas do cotidiano dos alunos (como Ópera; Taekwondo; ciclismo; bandas/filmes/animés preferidos; relatos sobre o atual emprego), além de tópicos referentes a pesquisas realizadas exclusivamente para a atividade (temas como obesidade; língua japonesa; evolução do telefone celular; feminismo; doença celíaca; legalização da maconha; música, ritmo e som; precocidade infantil; doença da tireoide; avanço da tecnologia), até assuntos de cunho pessoal (como relatos; gravidez indesejada; trajetória da minha vida; o mundo do crack e como fui parar no psicólogo).

A título de interesse, a turma em que cumpri o estágio e coletei os dados contava com 36 alunos matriculados; destes, somente cinco não apresentaram as oratórias por motivos de desistência do curso. Estive presente em 25 das 31 apresentações de oratória, tendo em vista que iniciei o estágio já no decorrer do semestre. Saliento que os alunos não intitularam as apresentações ou os temas e, desse modo, eu mesma nomeei cada oratória, conforme expresse anteriormente.

---

<sup>14</sup> Anexo A. Os termos assinados pelos colaboradores estão sob minha responsabilidade e podem ser conferidos quando necessário.

Tendo em vista que todos os alunos concordaram em participar como colaboradores da pesquisa, todas as 25 oratórias (que representam a apresentação de 25 alunos) que presenciei foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

A transcrição dos textos orais<sup>15</sup> foi realizada de dezembro de 2013 a março de 2014 pelos bolsistas de iniciação científica<sup>16</sup> do Projeto *Linguagens, narrativas e identidades no contexto de formação e de atuação de professores de línguas*, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Leticia Freitas. Desse modo, além de serem utilizadas nesta pesquisa, tais oratórias compõem o banco de dados do referido projeto. Cabe informar ainda que as oratórias não foram revisadas linguisticamente e gramaticalmente, uma vez que as questões de cunho linguístico, bem como de variação linguística, não interessam para a análise desta pesquisa. Desse modo, as transcrições estão tal qual foram entendidas nos áudios e, desse modo, estão idênticas à forma como foram enunciadas. Cabe mencionar, neste momento, que os trechos que não puderam ser transcritos, pelo fato de estarem inaudíveis, são representados nas transcrições pelo símbolo (?).

Após a transcrição, leitura e análise de todas as oratórias, e guiada pelas sugestões da banca de qualificação, foram selecionadas duas oratórias: dos sujeitos que apresentaram os temas manifestações e protestos pelo Brasil e feminismo. A escolha particularmente dos sujeitos deu-se tanto pelos temas apresentados individualmente quanto pela participação que tiveram, por meio de comentários, na apresentação de oratória dos colegas. O tema central de cada oratória foi determinante para a pré-seleção tendo o meu olhar, enquanto pesquisadora, como critério de escolha. Quero dizer que aquelas oratórias que evidenciaram os temas mais contemporâneos daquele momento (e que apresentaram depoimentos, narrativas de vida e experiência dos sujeitos) foram as escolhidas para esta pesquisa.

Ressalto que a experiência e a narrativa de vida de cada sujeito são extremamente importantes nessa análise, uma vez que “as informações e descrições (...) ajudam a compreender o funcionamento e as dinâmicas internas” do objeto social (BERTAUX, 2010, p.60). Por esse viés, as oratórias apresentam o

---

<sup>15</sup> No corpo do trabalho, as transcrições das *Aulas de Oratória* utilizadas nesta pesquisa são apresentadas somente em excertos. As transcrições completas encontram-se nos Anexos.

<sup>16</sup> Agradeço a colaboração dos bolsistas de iniciação científica, Luiza Vasselai da Veiga e Maurício Signorini Dias, pela disponibilidade de transcrição dos áudios.



testemunho do sujeito, porém sob o meu olhar enquanto pesquisadora, já que defini a orientação e a seleção do estudo.

Os documentos utilizados para a análise dos dados são de fonte primária, já que são classificados em registros e documentação pessoal, uma vez que, além dos áudios, pude contar com as observações que redigi durante cada apresentação (diário de estudo) (MARCONI & LAKATOS, 2011). Além disso, conforme salientam Marconi & Lakatos (2011, p.19), os procedimentos utilizados para a coleta de dados deste estudo enquadram-se em coleta documental e história de vida e, ainda conforme sinalizam os autores, esta pesquisa se enquadra na classificação descritiva, uma vez que se baseia na utilização de registros e na análise e interpretação de dados atuais.

Posso esclarecer que, enquanto pesquisadora, faço determinadas interpretações sobre as oratórias, uma vez que estive presente nas apresentações, bem como estive envolvida na construção do estudo. Acompanhar cada oratória dos colaboradores, ao mesmo tempo em que comecei as leituras mais brandas do referencial, fez com que, de certa maneira, eu guiasse a pesquisa para determinado rumo, para onde as oratórias apontassem. Para tornar mais clara a contextualização dos dados que serão apresentados, no capítulo seguinte traço um esboço dos principais acontecimentos que contribuiram para a escolha (por parte dos alunos) dos temas apresentados e dos assuntos discutidos após as *Aulas de Oratória*, bem como descrevo brevemente os perfis dos colaboradores desta pesquisa.

### CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO DOS COLABORADORES E CONTEXTUALIZAÇÃO DOS DADOS

#### 4 QUEM SÃO ELES? QUEM ELES PENSAM QUE SÃO?<sup>17</sup>

Para apresentar os até então desconhecidos participantes desta pesquisa, inicio este item com um excerto da música *3ª do Plural* que, a meu ver, faz a exata indagação necessária à apresentação desses sujeitos. Entretanto, ratifico que não é pretensão deste estudo *desvendar* quem são os sujeitos participantes ou, então, *confirmar* quem eles pensam que são *verdadeiramente*, e sim, a partir da pesquisa e do olhar permeado pelo referencial teórico-metodológico escolhido, enunciar possibilidades de dizer quem são os colaboradores aqui tratados. Neste momento, faço uma breve descrição dos perfis dos sujeitos e dos temas por eles apresentados durante as oratórias, conforme segue.

Dois são os sujeitos colaboradores desta pesquisa: *Joey* e *Marky*<sup>18</sup>. Ambos eram graduandos, em 2013/1, do primeiro semestre do curso de Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos. Cabe ressaltar que a oratória do colega *Johnny*<sup>19</sup> será apresentada em alguns excertos em virtude da participação de *Joey* e *Marky* no debate gerado após a apresentação; isto é: a oratória de *Johnny*, propriamente dita, no momento não é de interesse desta pesquisa, entretanto será apresentada para contextualizar os comentários dos colaboradores *Joey* e *Marky*.

*Joey* é do sexo feminino, jovem de 27 anos à época da coleta dos dados e reside na cidade de Pelotas em virtude da graduação – *Joey* é natural de Brasília (DF) e veio para o Rio Grande do Sul por ter ingressado no Ensino Superior. Além disso, no momento da realização desta pesquisa, não possuía nenhum vínculo empregatício e ocupava seu tempo com a graduação e com demais atividades de lazer.

*Marky* é do sexo masculino, jovem de 22 anos à época da coleta dos dados, e também reside na cidade de Pelotas em virtude da graduação – *Marky* é natural de

---

<sup>17</sup> HAWAII, Engenheiros do. *3ª do Plural*. In: *Surfando Karmas & DNA*. 1CD. Gravadora: Universal Music, Rio de Janeiro: 2002. Faixa dois, 3'00".

<sup>18</sup> Os nomes aqui utilizados são de minha escolha para garantir o anonimato e sigilo em relação aos colaboradores.

<sup>19</sup> Idem à nota anterior.

Farroupilha, no Rio Grande do Sul. No momento da realização deste estudo, *Marky* conciliava a faculdade com um emprego em uma agência publicitária e demais atividades de lazer.

Em relação às oratórias e aos temas apresentados, *Joey* fez sua apresentação no dia 26 de julho de 2013, utilizou aporte teórico em mãos (roteiro de apresentação) e teve boa desenvoltura durante a apresentação, empregando vocabulário e postura adequados. Assim que iniciada a oratória, mencionou que havia realizado uma pesquisa para apresentar um assunto específico, que tratava-se do tema feminismo. No início de sua fala, mencionou que faria uma análise cronológica dos fatos mais importantes do feminismo. Dessa forma, ao esclarecer sobre o movimento feminista, *Joey* situou seu tema a partir da Revolução Francesa, em que teve início esse movimento social. Além disso, fez referência à lei que deu condição de estudo (no ensino primário) às mulheres e ao dia oito de março, em que é comemorado o Dia Internacional da Mulher – para tanto, *Joey* fez uma breve explicação do motivo pelo qual a data foi batizada em 1857. Adiante, *Joey* esclareceu as questões acerca da liberação do voto feminino e, por fim, encerrou sua fala com considerações sobre a lei Maria da Penha. *Joey* contextualizou o tema informando datas e exemplificou a organização dos movimentos feministas em diversos países, bem como ressaltou questões políticas geradas em virtude de tais movimentos. Após 14 minutos, *Joey* finalizou a sua apresentação e foi dado o tempo para que os colegas fizessem perguntas e/ou comentários. Neste momento, abordou-se a questão de um movimento feminista em específico, o FEMEN, e assuntos como o estatuto do nascituro, o aborto e o estupro.

*Marky*, por sua vez, que apresentou sua oratória no dia 21 de junho de 2013, iniciou sua fala informando que, em um primeiro momento, havia planejado apresentar a sua rotina de trabalho, por acreditar se tratar de uma tarefa bastante interessante. Entretanto, disse ele, por entender que a situação vivida no país naquele momento era muito importante, decidiu apresentar o tema manifestações e protestos pelo Brasil. De maneira descontraída, *Marky* disse não ter “preparado muito bem essa pauta” e, por isso, desculpou-se antecipadamente caso se prolongasse no assunto – talvez em virtude da não ordenação de tópicos. Após ter feito alguns comentários pessoais, sobre estar tomando “um remedinho para uns probleminhas biológicas que estão mexendo com a concentração”, *Marky* também desculpou-se caso soltasse “algum palavrão” no meio da apresentação. Após, deu

início, de fato, ao assunto apresentado. Para ele, o que estava acontecendo no Brasil, naquele momento, tinha uma importância histórica e real. Continuou sua fala informando que não havia ido trabalhar na última segunda-feira (dia 17 de junho de 2013) e que, por isso, permaneceu em casa acompanhando pela televisão as manifestações em todo o país. Dando continuidade, *Marky* informou a quantidade de pessoas que havia nas manifestações das principais capitais brasileiras e assumiu que todo esse movimento estava *mexendo* muito com ele – ele estava se sentindo envolvido com os protestos em virtude de ter amigos próximos que militam por causas sociais. De certo modo, *Marky* explicou o motivo que gerou as manifestações e teceu sua opinião tanto sobre os movimentos em si quanto sobre as pessoas que participam de tais movimentos. Além disso, *Marky* mostrou-se persuasivo em relação à sua opinião e aconselhou os colegas a procurarem se informar sobre as manifestações e sobre as questões políticas – pediu que os colegas lessem e se informassem para ter uma consciência política. Após 12 minutos de apresentação, abriu-se para os comentários dos colegas. Neste momento, alguns colegas se mostraram contrários à opinião de *Marky*, o que gerou um debate muito produtivo.

Como pode-se perceber, ambos os sujeitos extrapolaram o tempo indicado para a apresentação de oratória, que era de no máximo 10 minutos. Nesses dois casos, acredito que o tempo de apresentação tenha sido além do máximo permitido em virtude do envolvimento dos oradores com o tema apresentado. Ambos os sujeitos demonstraram em suas falas empatia pelos assuntos e o desejo de versar sobre eles tanto quanto fosse possível – nos dois casos, foi preciso a intervenção da professora para que as oratórias não se prolongassem demais e não interferissem, desse modo, nas demais apresentações agendadas. Para contextualizar o tema abordado por *Marky* e os comentários feitos por *Joey* em outras apresentações de oratória, no próximo item faço uma breve contextualização dos acontecimentos que marcaram o mês de junho de 2013 no Brasil.

## 5 VAMOS CELEBRAR NOSSA BANDEIRA / NOSSO PASSADO DE ABSURDOS GLORIOSOS<sup>20</sup>

Por considerar pertinente resgatar e contextualizar o momento em que os dados desta pesquisa foram coletados, apresento este item intitulado por uma canção da banda Legião Urbana que, embora seja atemporal, faz uma crítica sutil ao conformismo do povo brasileiro – exatamente o oposto da situação vivida no país naquele junho de 2013. É possível que ainda estejam claros em nossas memórias os protestos e as manifestações ocorridos no país naquela data. Acredito, ainda, que esse período não será esquecido tão cedo pelos brasileiros, brasileiras e até mesmo pelos estrangeiros, em virtude da ampla divulgação que teve na mídia internacional. Entretanto, é válido ressaltar tais momentos, tendo em vista que podem contribuir para a contextualização das oratórias apresentadas neste trabalho.

Não é meu interesse fazer uma análise acerca de tais acontecimentos e, tampouco, apresentar os episódios embasados em pesquisas que tenham versado sobre este tema. Portanto, apresentarei os fatos de acordo com a minha percepção, de acordo com o meu entendimento, uma vez que acompanhei, mesmo que por televisão, jornais e internet, a comoção e os protestos ocorridos.

Desde 1992, em que aconteceu o movimento dos *Caras Pintadas* pelo *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello, não se presenciou no Brasil um movimento que contasse com uma grande massa da população em diversos estados. Os protestos no Brasil em junho de 2013 ficaram conhecidos pela *manifestação dos 20 centavos*, que se tratou, basicamente, de diversos protestos populares ocorridos em todo o país. Em um primeiro momento, os manifestantes contestavam o aumento das tarifas de transporte público, tanto de coletivos, como de seletivos, trens urbanos e metrô das principais capitais. E, com o passar dos atos, novas reivindicações foram agregadas às manifestações.

Em diversas cidades do país, o reajuste no preço das passagens estava previsto para o ano 2012, todavia uma medida do governo federal, na tentativa de não ultrapassar a meta da inflação desse ano, fez com que diversas cidades adiassem o aumento das tarifas para o ano de 2013. Sendo assim, inúmeras capitais e cidades brasileiras anunciaram os reajustes quase simultaneamente em

---

<sup>20</sup> LEGIÃO URBANA. Perfeição. In: *O Descobrimento do Brasil*. LP. Gravadora: EMI, 1993. Faixa quatro – Lado A, 4'37".

2013, e todas elas em uma média de R\$0,20. Uma das primeiras manifestações noticiadas aconteceu em Porto Alegre (RS), em janeiro de 2013, assim que anunciado o reajuste de 7% no valor das passagens do transporte público – previsto para entrar em vigor apenas em março do mesmo ano. Desse modo, os populares foram às ruas reivindicar contra o aumento de R\$0,20 na tarifa, que passaria a custar R\$3,05. Após, foram noticiados os protestos realizados, pelo mesmo motivo do acontecido na capital gaúcha, nas capitais dos estados de Goiás, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, São Paulo, dentre outros.

Passados alguns meses, mais precisamente em maio, as manifestações foram ganhando mais objetivos, uma vez que passaram a ser organizadas por grupos específicos, como, por exemplo, o Movimento do Passe Livre (MPL). Do mesmo modo, diferentes movimentos ganharam certa organização em relação às atividades a serem realizadas, uma vez que pautas sobre as reivindicações começaram a ser discutidas em reuniões e assembleias. Muitas das reuniões foram agendadas por meio das redes sociais, em grupos específicos, o que desencadeou uma maior visibilidade para a população. Desse modo, as redes sociais tornaram-se aliadas tanto para a divulgação dos movimentos quanto para a disseminação de informação acerca das manifestações. Conseqüentemente, foram criados eventos, com data, horário, local e itinerário agendado para que as pessoas pudessem se encontrar e, então, seguir em luta pelos direitos sociais.

Uma das frases mais ressoadas pelos manifestantes era *Vem! Vem pra luta, vem!* com intuito de chamar cada vez mais participantes para as manifestações que, paulatinamente, ganhavam força e novos adeptos. Além disso, começou a haver maior circulação dos ideais e dos interesses de cada um dos movimentos e, assim, na medida em que as pessoas se identificavam com os discursos dos já manifestantes, novos grupos de protestos foram criados e os já existentes contaram com mais participantes.

Com a veiculação das notícias através da mídia internacional, protestos começaram a ser organizados por brasileiros residentes em diferentes países do exterior – uma maneira de apoiar seu povo, mesmo que longe da pátria mãe. Nesse momento, considerado como a primeira fase dos protestos, novas pautas haviam sido incorporadas às manifestações, tais como PEC's 33 e 37, o projeto conhecido como cura gay, qualidade dos serviços públicos, ato médico, gastos com a Copa das

Confederações 2013 e a Copa do Mundo Fifa 2014, corrupção, dentre outros assuntos que causavam insatisfação aos protestantes.

Em suma, o país estava vivendo um grande caos, visto que as manifestações tomaram proporções talvez inimagináveis. Por um lado, havia o povo descontente com o atual estado governamental do país, uma população que gritava *O gigante acordou!* com a intenção de mostrar que não mais aceitaria calada certas imposições as quais consideravam abusivas – nesse momento, várias outras causas foram incorporadas às reivindicações, tanto que os manifestantes gritavam *não é só pelos R\$0,20*. Um povo movido pelo senso de luta e justiça, que não mais celebraria apenas “a cada fevereiro e feriado<sup>21</sup>” mas que decidiu “[...] cantar juntos o Hino Nacional / (A lágrima é verdadeira)<sup>22</sup>”, assim como retrata a música, cujo trecho intitula este item. Por outro lado, havia certa perplexidade do restante da população, que viu que “um filho teu não foge à luta<sup>23</sup>”.

Houve uma mobilização nacional imensa, cujo ápice ocorreu em junho de 2013 com milhares de pessoas envolvidas nas manifestações, conforme apontam os dados fornecidos pelas Polícias Militares locais, exceto em São Paulo, cuja fonte é o Datafolha (dados à época das manifestações)<sup>24</sup>: Rio de Janeiro (RJ) – 300 mil; São Paulo (SP) – 110 mil; Manaus (AM) – 60 mil; Vitória (ES) – 60 mil; Recife (PE) – 52 mil; Campinas (SP) – 35 mil; Campo Grande (MS) – 35 mil; Cuiabá (MT) – 35 mil; Brasília (DF) – 30 mil; Fortaleza (CE) – 30 mil; Ribeirão Preto (SP) – 25 mil; João Pessoa (PB) – 22 mil; Florianópolis (SC) – 21 mil; Porto Velho (RO) – 20 mil; Uberlândia (MG) – 20 mil; São José dos Campos (SP) – 20 mil; Belém (PA) – 15 mil; Belo Horizonte (MG) – 15 mil; Campina Grande (PB) – 15 mil; Natal (RN) – 15 mil; Salvador (BA) – 15 mil; Maceió (AL) – 10 mil; Palmas (TO) – 10 mil; Porto Alegre (RS) – 10 mil; Teresina (PI) – 10 mil; Curitiba (PR) – 3 mil; Londrina (PR) – 1 mil.

Fiz um breve apanhado sobre um dos acontecimentos que marcou o ano de 2013 em nosso país – e certamente devo ter esquecido de mencionar algum detalhe importante. Contudo, mais fatos serão mostrados a seguir, conforme expressam as oratórias dos colaboradores desta pesquisa.

---

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> Hino Nacional Brasileiro. Letra de Joaquim Osório Duque Estrada e música de Francisco Manuel da Silva.

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/em-dia-de-maior-mobilizacao-protestos-levam-centenas-de-milhares-as-ruas-no-brasil.htm>>. Acesso em: 5 de janeiro de 2015.

## CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

### 6 SIMPLES E SUAVE COISA, SUAVE COISA NENHUMA QUE EM MIM AMADURECE<sup>25</sup>

A linguagem constitui identidades e constrói significados a partir dos atos linguísticos produzidos nos meios sociais e culturais, conforme abordado nesta pesquisa até este item. Desse modo, as identidades (sejam elas consideradas como *coisas* simples ou suaves, mas que definitivamente amadurecem) são construídas a partir de histórias, narrativas, testemunhos, vivências e relatos que são contados e recontados em diferentes ambientes sociais, como os ambientes particulares, os ambientes coletivos e os ambientes pedagógicos<sup>26</sup>. Como bem enfatiza Larrosa (1996, p.464),

[...] o sujeito humano está em um mundo em que o discurso funciona socialmente em um conjunto de práticas discursivas. Deveria se ter em conta, então, como são as práticas sociais, constitutivas do mundo e da vida, em que as narrações e as autonarrações são produzidas, reproduzidas e interpretadas. E se trataria de dar sentido à ideia de que o poder que atravessa o discurso atravessa também a interpretação (e a autointerpretação), a construção de identidade e da autoidentidade<sup>27</sup>.

Sem considerar os demais variados espaços em que há o processo de constituição identitária, este estudo tem como foco o ambiente acadêmico, onde também há produção de sentidos identitários que, por se tratarem de processos culturais, lutam pela imposição de significados (FREITAS, 2010). Sendo assim, é

---

<sup>25</sup> SECOS & MOLHADOS. Amor. In: *Secos e Molhados*. LP. Gravadora: Continental, 1973. Faixa quatro – Lado A, 2'13".

<sup>26</sup> Tendo como base o campo dos EC, e como já observado por FREITAS (2010, p.107), “[...] entendendo o pedagógico não somente relacionado àquelas práticas desenvolvidas no âmbito restrito da escola, mas às práticas mais amplas forjadas na esfera social, as quais nos ensinam as mais variadas formas de nos constituirmos como seres humanos – detentores de uma identidade de gênero, raça, classe social, etc.”. Uma discussão acerca das pedagogias culturais pode ser conferida em COSTA, SILVEIRA e SOMMER, 2003 (Cf. Referências).

<sup>27</sup> Tradução minha do original, em Espanhol: “[...] el sujeto humano está ya en un mundo en el que el discurso funciona socialmente en un conjunto de prácticas discursivas. Habría que tener en cuenta, entonces, cómo son las prácticas sociales, constitutivas del mundo de la vida, en que las narraciones y las autonarraciones son producidas, reproducidas e interpretadas. Y se trataría de dar sentido a la idea de el poder que atraviesa el discurso, atraviesa también la interpretación (y la autointerpretación), la construcción de la identidad y la autoidentidad”.



possível mapear as identidades ou as posições de sujeito que foram ocupadas pelos colaboradores deste estudo durante as *Aulas de Oratória*, uma vez que a análise de práticas discursivas “nos dá acesso aos significados que norteiam as práticas sociais envolvidas nas múltiplas formas de construção da realidade, de si e de outros” (FABRÍCIO E BASTOS, 2008, p.41). Além disso, é possível trazer à discussão quais as representações identitárias (na dimensão de significantes) emergiram durante as *Aulas de Oratória* entendendo que representar, conforme ressalta Freitas (2013b, p.15),

[...] nesse caso, quer dizer instituir significados, uma vez que, sob essa perspectiva, os significados não estariam presentes em uma realidade anterior ao discurso, pois é o ato de significar que cria a *realidade*. Os significados, portanto, são considerados na sua historicidade, sendo fluidos, contingentes, atrelados às nossas práticas linguísticas (grifo da autora).

Retomo o meu entendimento acerca do termo identidades utilizando as palavras de Hall (2000, p.106) que, ancorado nos estudos de Foucault, define identidade como a relação entre o sujeito e as práticas discursivas, “uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre *em processo*. Ela não é, nunca, completamente determinada” (grifo do autor). Por serem fragmentadas e estarem em constante relação com o outro, o que pressupõe o constante processo, o autor postula que se tratam de identidades, no plural. As identidades, dessa forma, não são essencializadas, não são fixas, não são únicas, não são estáveis, não são permanentes; são, conforme enfatiza Silva (2000a, p.96), “efeitos, processos de produção, uma relação, um ato performativo”. Ademais, também é importante ratificar que o termo discurso, tão empregado neste estudo, é entendido a partir da noção foucaultiana no sentido de que “o discurso não pode se resumir ao mero ato de fala ou mesmo ao ato enunciativo”, tendo em vista que “o(s) discurso(s) para Foucault não está(estão) localizado(s) num campo de exterioridade em relação aos objetos que, supostamente, eles descreveriam” (BERGMANN, 2007, pp.1-2).

Antes de partir para a apresentação dos dados propriamente dita, considero interessante mencionar um fato acontecido nas *Aulas de Oratória* aqui apresentadas e já relatado por Bergmann (2009), que ocorreu durante a sua pesquisa de mestrado: embora os alunos já se conhecessem, e convivessem diariamente, muitos davam início às suas falas dizendo seus próprios nomes. Da mesma maneira como

observou Bergmann (2009, p.80), “efetivamente, era, sim, uma primeira vez que iriam dirigir-se à turma, de uma maneira mais formal. Daí a razão de *apresentarem-se*, no início das Aulas de Oratória, dizendo seus nomes [...] como se estivessem assumindo uma nova identidade” (grifo da autora).

Naquele dado momento, o da apresentação dos colaboradores desta pesquisa, os alunos ocupavam o espaço físico (frente à turma) normalmente ocupado apenas pelo professor e, dessa maneira, por estarem ali pela primeira vez, assumiram a posição do professor. Desde a apresentação para a turma, antes mesmo de iniciarem as suas oratórias, portanto, os alunos já preenchiam certa posição de sujeito e se constituíam dessa maneira por meio dos atos de fala que pronunciavam, dizendo: – Boa noite, meu nome é *fulano* e hoje vou falar sobre *tal coisa*. Esse exemplo que menciono pode ser respaldado por Silva (1999, p.27) quando menciona que “não é preciso dizer que a educação institucionalizada [...] est[á] no centro do processo de formação de identidade. O currículo, como espaço de significação, está estreitamente vinculado ao processo de formação de identidades sociais”. Sendo assim, ao ocuparem a posição do professor, ou do sujeito que está recebendo todas as atenções naquele momento, os alunos iniciavam as suas apresentações de oratória.

## 6.1 SOU A RAINHA DO MEU TANQUE / SOU PAGÚ INDIGNADA NO PALANQUE<sup>28</sup>

Neste primeiro momento, apresento os excertos da oratória da colaboradora *Joey*: conforme descrito no item anterior, entre a contextualização histórica sobre o tema e a apresentação de alguns fatos datados, *Joey* relatou sobre os protestos feministas, quais eram seus objetivos e de que maneira tais protestos eram articulados. Minha intenção, neste momento, é a de dar ênfase aos excertos em que *Joey* demonstra certa preocupação em apresentar a *logística* de como eram arquitetados os projetos feministas:

*JOEY*: [...] Imaginando no sentido de movimentos feministas, eles são movimentos muito bem articulados, e já

<sup>28</sup> LEE, Rita; DUNCAN, Zélia. Pagú. In: 3001 – Rita Lee. Universal: 2000 1CD.

era naquela época, acho que isso evoluiu no sentido positivo, porque hoje eles são intelectuais e teóricos. Antes de se fazer um protesto de... Dessas mulheres, homens também, *tem homens feministas, isso é bom*, antes de ir pra rua, ir pra uma passeata, *antes de fazer uma reivindicação se faz a ata, e tem toda uma documentação pra oficializar aquilo que se está pedindo, né? [...]* (grifos meus).

De acordo com esse trecho, percebe-se o conhecimento de *Joey* acerca dos procedimentos/métodos previamente realizados ao movimento de passeata<sup>29</sup>: segundo ela, antes de se fazer a reivindicação, é preciso redigir uma ata que, por sua vez, é o documento que afirma a legitimidade dos pedidos que serão pautados em uma manifestação. Além disso, *Joey* esclarece que é necessário haver “toda uma documentação para oficializar” tanto o que se está pedindo quanto o próprio movimento em si. Dessa forma, ao trazer essas informações para a turma, *Joey* ocupa determinada posição de sujeito que, além de se fazer presente em manifestações/protestos, demonstra participar das articulações e, sobretudo, da organização de tais movimentos, uma vez que é conhecedora das etapas a serem seguidas.

Além disso, *Joey* apresentou seu tema trazendo à turma informações bastante precisas, como as datas cronológicas dos movimentos feministas, e, sempre que possível, atrelava ao tema principal (feminismo) o assunto que estava em questão à época da apresentação, ou seja, os movimentos e os protestos. Chamo atenção, ainda, para a frase “tem homens feministas, isso é bom” que parece ser, em meio à fala, como um parêntese, uma informação pessoal adicional que indica o seu posicionamento frente ao movimento, à significação dada: se ela julga *ser bom* que haja homens nos movimentos feministas, acredito que ela seja um sujeito que se identifica e compartilha dos conceitos desse movimento. Ademais, significa que esses homens, além de se fazerem presentes nos movimentos feministas, compartilham dos ideais do feminismo e, desse modo, são considerados feministas – *Joey*, de certa maneira, atribui a certos homens características de feministas, o que também marca o movimento identitário.

---

<sup>29</sup> Não quero afirmar que *Joey* é participante ativa dos movimentos feministas, tampouco estabelecer que ela é, ou era, integrante do movimento A ou B. Entretanto, de acordo com as falas de *Joey* em todos os excertos que neste trabalho são apresentados, pode-se perceber que o conhecimento sobre os protestos, por exemplo, não foi somente construído pela pesquisa realizada para a atividade em questão.

Trago outro excerto da oratória de *Joey* em que é ocupada outra posição de sujeito. Além disso, neste trecho, *Joey* faz menção a um fato interessante: para ela, “o machismo está enraizado [...] vem de geração a geração”. Pelo viés das teorias aqui abordadas, a representação do machismo, bem como a constituição identitária dos sujeitos que se identificam com essa representação, foi construída historicamente e disseminada por meio dos discursos. Como sinaliza Woodward (2000, p.8), “essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”.

O estudo de Souza e Souza (2013) problematiza os perfis dos atores sociais de uma página da rede social *Facebook* intitulada *Moça, você é machista*. O interesse dos autores era entender “como se constroem e representam os gêneros no ciberespaço” e “como os gêneros se expressam através dos discursos de linguagem via a intermediação tecnológica” (SOUZA & SOUZA, 2013, p.1). Desse modo, a pesquisa aponta que sujeitos sociais participantes da página não apenas se inserem no contexto como meros receptores, mas, sobretudo, como sujeitos ativos na construção da realidade e que, dessa forma, geram cultura de mobilização e contribuem para a disseminação de discursos para além do espaço digital. Da mesma maneira, *Joey* está se constituindo e constituindo significados por meio das práticas linguísticas.

*JOEY: [...] ele [o livro O Segundo Sexo, de Simone Beauvoir] fala que a condição da mulher, essa exclusão dela, essa falta de direito que é estendida à mulher é por conta de um problema social. E é. É um machismo que tá ali enraizado, não de agora, sabe, não é porque o seu pai te criou, a sua mãe te criou de uma maneira machista, mas na verdade ela foi criada assim, a avó... Então isso vem de geração a geração, e acaba que nesse sentido acho que cabe, independentemente de preconceitos iniciais, ou possíveis coisas desse sentido, de ter uma consciência de que o feminismo é bom pra homens e mulheres, no geral, porque trata de direitos iguais, você tá falando de... [...] (grifos meus).*

Por meio desses trechos, o posicionamento identitário ocupado por *Joey* é construído e mais uma vez é ratificada sua posição de identificação frente ao movimento feminista (“ter uma consciência de que o feminismo é bom pra homens e

mulheres”). Para *Joey*, o feminismo trata de direitos individuais (“[...] porque trata de direitos iguais”) e, dessa forma, se posiciona a favor dos direitos individuais, o que ultrapassa ser uma questão apenas relativa às mulheres. Ainda em relação às lutas, *Joey* considera que a exclusão da mulher (a falta de direitos para as mulheres) é um problema social, em que homens e mulheres propagam certo machismo e permitem que a consciência do feminismo seja distorcida. Freitas (2013a, p.18) argumenta que um dos papéis do discurso, “[...] a partir das histórias que contamos sobre nós e sobre os outros a fim de se fazer *um sentido da vida*, possibilita a construção de um conhecimento sobre quem somos e quem são os outros, constituindo identidades individuais e sociais” (grifo da autora). Sendo assim, as intervenções feitas por *Joey* (no sentido de expressar sua opinião para além dos relatos históricos) em meio aos fatos que marcaram os movimentos feministas, a constituem como um sujeito social, ocupando um papel social em determinado momento e ambiente, que não só expressam significados, mas também produzem significados. Poderia acontecer de *Joey* relatar os principais acontecimentos em relação ao tema escolhido sem mencionar, para tanto, certos *indícios* que demonstrariam a sua posição frente ao assunto. Como já comentado neste trabalho, nenhum discurso é neutro, sem ideologias ou posicionamentos políticos e sociais. Entretanto, os apostos (refiro-me aos comentários pessoais) e a construção discursiva da oratória são produzidos por *Joey* como uma maneira de ratificar seu posicionamento em relação ao tema abordado, constituindo a si e constituindo o mundo em que vive.

Por fim, *Joey* encerra sua apresentação dizendo que é a favor dos movimentos feministas, já que considera importante lutar contra as desigualdades e as injustiças sociais. Após a apresentação da oratória, no momento dedicado ao debate sobre o tema, uma colega questiona qual a opinião de *Joey* em relação ao FEMEN<sup>30</sup>. Eis a resposta:

*JOEY*: [...] hoje os movimentos feministas, tem movimentos muito sérios, só que o FEMEN inclusive pelos movimentos feministas mundiais, ele não é considerado um movimento feminista. Porque o FEMEN ele recebe dinheiro do governo [...]. Eu li uma matéria que uma ativista do FEMEN

---

<sup>30</sup> FEMEN é um grupo feminista ucraniano, fundado em 2008 por Anna Hutsol, que ganhou notoriedade após as participantes, algumas em *topless* e outras nuas, protestarem contra temas como o racismo, o sexismo, o turismo sexual e a homofobia. Disponível em: <<http://femen.org/?attempt=1>>. Acesso em: 5 jan. 2015.

jogou água no rosto de um arcebispo, assim, *isso é desrespeito, independentemente de você estar lutando por direitos ou não. E elas fogem nessa questão, isso não é o movimento feminista.* Eu acho que isso é uma maneira pra chamar a atenção... (grifo meu).

*Joey* se mostra contrária às atitudes do referido movimento, uma vez que houve desrespeito por parte de uma integrante ao jogar água no rosto de um arcebispo – *Joey* tem clara a consciência de que em um movimento é preciso haver respeito “independentemente de você estar lutando por direitos ou não”. Em mais um trecho, a colaboradora ratifica a questão dos direitos – no caso do excerto supracitado, atrelado à questão do respeito. Além disso, ao mencionar que essa atitude, bem como o FEMEN em si, foge ao movimento feminista, *Joey* demonstra ter conhecimento sobre os ideais de tais movimentos, bem como reforça a sua opinião: “eu acho que isso é uma maneira pra chamar a atenção”. A construção da fala de *Joey* e o posicionamento assumido pela colaboradora, a cada assunto ou tema abordado, evidenciam as posições de sujeito ocupadas: *Joey* é preocupada com os direitos sociais e com o respeito para com seus semelhantes, bem como segue determinados princípios de ética e dignidade.

Adiante, outra colega a questiona sobre a questão do aborto – em meio ao debate, surge a questão do estupro, conforme segue:

*JOEY: O aborto é indiscutível.* Eu acho que desde que você não vai engravidar sempre e abortar sempre, que seja uma coisa recorrente, mas existe todo um processo psicológico, *então a liberação do aborto não cabe aos outros, cabe a cada mulher decidir.*

(*Aluno 5*): Aí vem justamente essa questão, que me parece um movimento agora dessas feministas mais sérias, [...], que o corpo da mulher pertence a ela, não à sociedade, aos homens, a seja lá quem for. Essa é uma luta importante... Estatuto do nascituro é justamente por causa disso, ela não tem direito sobre o seu corpo... De estupro...

*JOEY: O pai ele tem que manter o contato com a criança... [em relação ao estatuto do nascituro].*

Ai, a menina tava bêbada... Ai, a menina é muito vadia... Mas não... *Aqueles protestos do Egito, as mulheres saíram às ruas pra lutar e lá isso é uma coisa muito moralista. Seja moralista, tradicionalista, e elas eram estupradas de burca no meio de uma multidão. Então não é a roupa, não é o comportamento.* Isso quer dizer que um homem, ele vai se considerar um potencial estuprador, sei lá... Ele vai ter que se segurar se ver uma mulher nua, ou com uma roupa muito curta é isso que a ideia dá. “Eu preciso que ela esteja bem tapada, se não eu não vou resistir”. Então... *Eu acho que o movimento feminista no geral... E eu apoio bastante, justamente pra lutar contra isso aí...* (grifos meus).

Esses trechos, que são os últimos da transcrição da oratória apresentada por *Joey*, mostram as posições de sujeito ocupadas pela colaboradora que entende que “a liberação do aborto não cabe aos outros, cabe a cada mulher decidir”. *Joey* resgata o seu posicionamento frente aos direitos individuais e se mostra contrária à opinião de que algumas mulheres são estupradas em virtude dos seus comportamentos e/ou roupas. De um tema que poderia ser abordado superficialmente, surgem diversas outras indagações e questões postas ao debate, as quais favorecem a constituição identitária desses sujeitos. O modo como *Joey* constrói seu discurso a posiciona como um sujeito que segue certos princípios de dignidade e de respeito ao ser humano, além das questões relativas ao respeito e às igualdades.

A construção do discurso da colaboradora evidencia como as práticas linguísticas sobre si vão sendo narradas e articuladas – tais práticas fazem com que *Joey* se alinhe a certos discursos sobre direitos, respeito, ética e dignidade do ser humano. Em outro momento, em uma conversa com uma roda de amigos, por exemplo, é possível que *Joey* aborde temas como esse, apresente seu conhecimento sobre o assunto e argumente suas opiniões. Nesse momento, em especial, em sala de aula, havia no mínimo 20 outros jovens que a escutavam atentamente e que se sentiram movidos a participar do debate em virtude da posição ocupada pela colaboradora que estava apresentando a oratória e dos assuntos postos ao debate. Um momento formal de extrema seriedade, já que se tratava de uma atividade avaliativa em que os oradores, de certa forma,

posicionaram-se em relação aos assuntos escolhidos. Moita-Lopes (2006b, p.102) argumenta que

no campo da LA, na área de ensino/aprendizagem de línguas, tem havido uma tendência contínua a ignorar o fato de que professores e alunos têm corpos nos quais suas classes sociais, sexualidades, gênero, etnia, etc. são inscritas em posicionamentos discursivos, contemplando somente o sujeito como racional e não como social e histórico, ou seja, focalizando somente sua racionalidade descorporificada.

É justamente com o intuito de trazer à tona os atravessamentos identitários e os posicionamentos discursivos, sociais e históricos que tomo emprestadas as noções dos EC e da LA Transdisciplinar para focalizar que, em sala de aula, alunos e professores se constituem e ocupam determinadas posições de sujeito por meio dos discursos que proferem (neste caso, dos discursos que emergiram das oratórias) e daqueles que se disseminam nessa instância social. Nesses momentos, há a construção de significados e há o processo de constituição identitária, uma vez que diversos discursos se atravessam e interpelam, desse modo, os alunos. Em três episódios diferentes (a própria apresentação e duas apresentações de colegas), *Joey* ocupa determinadas posições de sujeito e constitui identidades sempre reforçando seu posicionamento a favor da igualdade e da busca pelos direitos. Conforme aponta Kumaravadivelu (2006, p.143), a “linguagem pode funcionar (e, frequentemente funciona) como transportador e tradutor de ideologia que serve a interesses claros”.

Em outro momento, na oratória apresentada por *Johnny*, sobre a cura gay, *Joey* também traça comentários que convergem para os já apresentados – reforçando a questão dos direitos dos cidadãos, bem como com a igualdade com que devem ser tratados determinados grupos tidos como minorias. No momento dedicado ao debate, os alunos discutiram temas voltados à homossexualidade, sobre as questões de gênero, sobre o projeto de Decreto Legislativo 234/2011 – popularmente conhecido como cura gay<sup>31</sup> e, conseqüentemente, sobre assuntos relacionados à política e à religião. Seguem os excertos:

---

<sup>31</sup> O Projeto de Decreto Legislativo (PDC 234/11), de autoria do deputado João Campos e apoiado pelo Deputado Pastor Marco Feliciano, então presidente da Comissão dos Direitos Humanos, pede a extinção de dois artigos da resolução do Conselho Federal de Psicologia: “um deles impede a atuação dos profissionais para tratar homossexuais e qualquer ação coercitiva em favor de orientações não solicitadas pelo paciente. A outra resolução determina que psicólogos não se



JOEY: Eu acho assim, vou dar a minha opinião: ao avaliar mais de fora, a respeito do que os nossos governantes, senadores, deputados, *eles estão propondo como emenda da constituição é totalmente de cunho religioso, e a gente vive em um país laico, entendeu?* Não que não possa falar da (?), família, evangelho, e tal... *Porque que eles não fizeram um projeto pra cuidar a pedofilia, mas sim da cura gay? Então você percebe que o foco não é a melhoria em si, mas sim rechaçar as minorias, negros, gays e outras tantas.*

[...]

JOEY: O presidente da constituição de direitos humanos, não que ele não... Pelo cunho religioso, ele tem que ter a opinião dele, só que ele deveria colocar a ética profissional dele... *Ele deveria tentar melhorar a situação de todo mundo e ele tá levando isso pra um lado totalmente pessoal...* Tem a questão da Mari Colombo, que é muito amiga dele, é psicóloga. Ela tratava contra a lei gay. E tem vários casos na África de locais onde as famílias pagavam, ã... É tipo... ONG's ou clínicas, sabe? É uma coisa tipo... É sério. As pessoas eram agredidas, passavam fome pra pagar, pra deixar de ser gay, é curar uma doença. E elas morriam, as famílias estavam felizes, "pelo menos eu não vou ter um filho gay", sabe.

JOHNNY: É, pra eles é como se fosse uma doença e que fosse transmitir pras outras pessoas.

JOEY: Eu percebi que ele [Dep. Marco Feliciano] ataca tudo o que foi feito até o patriarcal. [...] Tanto é que ele tá falando que a mulher trabalhar prejudica a família... *Ele luta contra todos os tipos de intolerância, tentando justificar o erro do cara pelo erro do outro, ou tentando politizar de uma maneira errada. Não é porque ele é evangélico que ele merece a força, que ele vai... Não é isso, sabe?* Eu acho... A religião... Eu tenho... *A minha irmã é evangélica nítida, assim, e ela tem uma posição política a respeito de quem criou o mundo, homossexualidade, e outras várias questões sabe, ela tem uma posição muito humana. Então não é porque ela é evangélica,*

---

pronunciem de modo a reforçar preconceitos em relação a homossexuais. Na prática, se esses dois artigos forem retirados, psicólogos estariam liberados para atuar em busca da suposta *cura gay*". Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/comissao-de-direitos-humanos-adia-votacao-de-projeto-da-cura-gay.html>> Acesso em 5 jan. 2015.

*que nem corta o cabelo, aquela questão toda, que ela vai ser intolerante, sabe?* Então eles estão tentando levar os rumos e a mente das pessoas pro outro lado... (grifos meus).

Nesse episódio, ainda evidenciando a sua fala bem articulada, *Joey* parece argumentar a favor das minorias e dos direitos dessas minorias (“negros, gays e outras tantas”). Além disso, marca o seu posicionamento frente a essas minorias e, ainda, resgata o seu entendimento a favor do direito de todos os cidadãos. Traz ao debate questões relacionadas à religião (atestando que “a gente vive em um país laico”), nomes de deputados, bem como informações sobre fatos acontecidos na África em razão da homossexualidade: quero dizer que, em meio a um tema central, apresentado por um colega, diversos outros assuntos são abordados, fazendo com que significados sejam constituídos. Nesse momento, não há somente a produção de conhecimento, tendo em vista que o conhecimento de mundo dos alunos está sendo compartilhado, mas há, sobremaneira, a construção de significados e de identidades movida pela representação dos atos linguísticos. *Joey*, a todo comentário proferido, marca a sua posição ética, preocupada com os direitos dos cidadãos.

Chamo a atenção, ainda, para o trecho em que *Joey* sinaliza ter uma irmã evangélica, que “[...] tem uma posição muito humana” e que, além disso, “[...] não é porque ela é evangélica, que nem corta o cabelo, aquela questão toda, que ela vai ser intolerante, sabe?”. Dessa forma, *Joey* traz para a turma um exemplo pessoal que serve como tema para a sua argumentação. A colaboradora demonstra acreditar que o Deputado Marco Feliciano deveria considerar a ética em suas constatações e não a religião. Entretanto, *Joey* também menciona conhecer pessoas da mesma religião que não são tão intolerantes quanto o Deputado Pastor. É possível que *Joey* tenha sido interpelada por algum discurso que insinuasse que a intolerância do Deputado era advinda da religião e, por não concordar, declara: “não é porque ele é evangélico que ele merece a força, que ele vai... Não é isso, sabe?”

Desse modo, a repetição de certos valores e de certas *verdades* contribui para o processo de constituição identitária de *Joey* em um mesmo contexto de comunicação, embora com temas variados. Em outras *Aulas de Oratória*, aqui não evidenciadas, *Joey* se mostrou participante nas discussões agregando assuntos ao debate dos temas, da mesma forma como mostram os excertos aqui apresentados,

ratificando as suas posições em relação aos direitos individuais, bem como ao respeito às individualidades. Segundo Larrosa (1996, p.462), “[...] o sentido de quem somos depende das histórias que contamos e que contamos de nós e, em particular, daquelas construções narrativas em que cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal”<sup>32</sup>. Woodward (2000, p.55) ainda esclarece que

nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade. Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduo que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades.

Sendo assim, as posições ocupadas por *Joey* a cada manifestação oral – seja em apresentação própria ou em debate com os demais colegas – a constituem enquanto sujeito preocupada com as questões que englobam respeito, dignidade e igualdade e podem ser representações de identificação para os demais alunos. Como sinalizado na citação de Woodward, por meio da linguagem *Joey* e os colegas dão significado tanto às experiências que vivenciam quanto a si, tendo em vista que os significados interpelam os atravessamentos identitários.

## 6.2 EU QUERO É BOTAR MEU BLOCO NA RUA<sup>33</sup>

Com o intuito de atentar mais precisamente à oratória de *Marky*, faço essa subdivisão de item e trago os excertos da *Aula de Oratória* do colaborador. *Marky* faz uma introdução ao assunto explicando o que o motivara a escolher o tema manifestações e protestos pelo Brasil, conforme descrito no capítulo anterior, e, ao explicar o Movimento Passe Livre (MPL), prossegue:

<sup>32</sup> Tradução minha do original, em Espanhol: “[...] el sentido de quién somos depende de las historias que contamos y que nos contamos y, em particular, de aquellas construcciones narrativas en las que cada uno de nosotros es, la vez, el autor, el narrador y el carácter principal [...]”

<sup>33</sup> SAMPAIO, Sérgio. *Eu quero é botar meu bloco na rua*. LP. Gravadora: Philips, 1973. Faixa cinco – Lado B, 4’34”.

*MARKY: [...] o movimento começou com pessoas que participam de partidos de esquerda, que tem essa identificação ideológica com partidos de esquerda, mas o movimento em si é apartidário e não antipartido, que antipartido é quem não gosta de partido. Apartidário é simplesmente quem não se mistura com partido, quem não assume pra si um partido, mas não tem nada contra ele. O movimento ele é apartidário então ele não assume nenhuma bandeira. Essas pessoas elas começaram a lutar pela redução da tarifa, essa foi a primeira causa. [...] Vai indo nessa lógica de lutar pelo transporte, pela melhoria do transporte e pelo apoio a movimentos sociais. Por exemplo, pela defesa dos gays, aliás eu também sou gay, aliás sou bissexual, eu sou bem confuso, na verdade. Já fiquei com várias pessoas, enfim né, não vem ao caso comentar aqui. Ele [o Movimento Passe Livre] apoia o movimento negro, ele apoia o movimento LGBT, apoia vários outros movimentos e várias outras causas (grifos meus).*

Por achar “que alguém tinha que falar disso”, *Marky* apresenta aos colegas a motivação dos primeiros protestos realizados no país e explica que os protestantes que tomaram a iniciativa para criar o movimento são “pessoas que participam de partidos de esquerda, que têm essa identificação ideológica com partidos de esquerda”; após esclarece a diferença entre ser antipartido e apartidário. *Marky* faz essa intervenção, a meu ver, para enfatizar que, apesar de os *fundadores* do MPL terem a ideologia política de partidos esquerdistas, o movimento em si, como um todo, é apartidário, ou seja: não é ligado a algum partido político em específico, tampouco pretende promover alguma campanha partidária. Embora *Marky* não tenha se estendido nessa questão, trago aqui um comentário que fiz no bloco de anotações durante a apresentação de oratória: talvez *Marky* tenha querido falar da confusão que há entre os conceitos de política e partidarismo; e, também, tenha feito esse esclarecimento para, além de ressaltar as diferenças entre apartidário e antipartido, marcar a sua posição frente a essas questões.

Na sequência, o colaborador explicita que foram acrescentadas as causas sociais ao movimento até que, em dado momento, menciona: “aliás eu também sou gay, aliás sou bissexual, eu sou bem confuso, na verdade”. Em meio ao assunto que possui uma “importância real no presente” – palavras de *Marky* – o colaborador ocupa uma posição de sujeito e constitui suas identidades por meio dos atos

linguísticos. Conforme ressalta Coimbra (2003, p.215), “[...] é por meio da narrativa que fazemos sentido dos contextos de nossas experiências e podemos entender a natureza e condição de nossa experiência”. Dessa forma, ao se narrar, *Marky* compartilha com os colegas a sua posição marcando que não se define (“[...] sou confuso, na verdade”) e que participa, de certa maneira, de um grupo minoritário se constituindo e se significando por meio da narrativa.

Na sequência da apresentação, *Marky* não só descreve a cronologia e os motivos dos protestos como também evidencia a sua opinião acerca dos acontecimentos. Através do discurso oriundo da oratória, *Marky* contribui com a produção de certas *verdades* de como sucederam os protestos e as manifestações. A partir desse momento, a ideologia de *Marky* fica mais evidente em sua fala, conforme mostram os trechos a seguir:

*MARKY*: Quando ele começou, esse movimento, tava tudo muito bonito. Só que a mídia e o povo em geral, tava vendo de uma maneira meio “Ah, adolescentes revoltados, por causa de vinte centavos”, sabe. “Adolescentes classe média que nem precisa desses vinte centavos revoltados por isso, então vão vir pra rua pra causar, sabe, pra fazer baderna”. Não é isso. Eles não queriam isso. Eles estavam lutando pela redução dos vinte centavos, mas também por direitos, o transporte público estava num estado calamitoso. O que que aconteceu? Veio a polícia e teve aquelas cenas horríveis que vocês todos devem ter visto, contra essas pessoas. Até aí tudo bem. *Teve de novo, e aí a polícia acabou estendendo a violência pros jornalistas. Foi aí que tudo começou a dar errado. Porque aí a mídia começou a perceber que essa violência tava sendo percebida pelo povo não só como... Não como um erro dos protestantes, mas como um erro da polícia. A polícia que tava errada ali, atirando balas de borracha, atirando gás lacrimogêneo vencido...*

Para o colaborador, os movimentos começaram a “dar errado” no momento em que a polícia começou a agir violentamente contra os protestantes e com a imprensa que noticiava tais acontecimentos. *Marky* considera que o grande ápice e repercussão das manifestações foi a intervenção policial e a violência contra protestantes e jornalistas – o colaborador se posiciona, dessa maneira, contra a

violência acontecida com os protestantes. Além disso, para o colaborador, a mídia, que até então se mostrava contrária aos protestos, começou a apoiar os manifestantes, tendo em vista que muitos jornalistas foram agredidos. Quer dizer: o primeiro fato é que a mídia se mostrava contrária aos movimentos, pelo discurso de que os protestantes não tinham um ideal delimitado e seriam apenas “adolescentes revoltados por causa de vinte centavos” agindo violentamente contra policiais; o segundo fato é que, em virtude de muitos jornalistas que cobriam as manifestações terem sido atingidos pelas inúmeras formas de intervenção policial, a mídia mudou seu discurso passando a apoiar o movimento e se mostrar contrária ao corpo policial – que estava agindo errado, “atirando balas de borracha, atirando gás lacrimogêneo vencido”.

A maneira com que *Marky* narra os fatos faz com que o colaborador se constitua identitariamente de uma certa maneira – a fala de *Marky* o constitui e demonstra como ele ocupa determinadas posições frente aos movimentos ocorridos e, ainda, em relação aos protestantes que, para o colaborador, não estavam fazendo *baderna*. No excerto supracitado, *Marky* se posiciona a favor dos protestantes evidenciando que se identifica com os motivos que geraram os manifestos. Ademais, para o colaborador, “a mídia começou a perceber que essa violência tava sendo percebida pelo povo [...] não como um erro dos protestantes, mas como um erro da polícia” e, além disso, o discurso midiático teve grande impacto nas manifestações, tendo em vista que novas pessoas começaram a agregar o movimento:

*MARKY*: Eis o que aconteceu: a mídia começou a apoiar esse movimento, a mídia reverteu a posição que ela tinha originalmente e passou a apoiar. E aí *com isso, o povo em geral que via também aquelas pessoas como baderneiras, entraram na jogada*. “Vamos acrescentar aqui as nossas frustrações”, “Vamos aproveitar esse movimento para incluir aqui as nossas frustrações”. *Isso é muito válido, isso é muito bonito. O problema é quando as pessoas começam a colocar frustrações muito vagas ali. E aí o movimento, ele perde totalmente a intenção. E quando um movimento não tem intenção, ele não consegue lutar por alguma coisa, não consegue chamar resultado. O movimento enquanto tinha como objetivo lutar pelos vinte centavos, conseguiu a redução dos vinte centavos [...]*.

Chamo atenção para a frase em que *Marky* diz que “a mídia reverteu a posição [...] e aí com isso, o povo em geral entraram na jogada”. A mídia, seja televisiva, impressa, radiofônica ou da rede de internet, possui o caráter de disseminar discursos, veiculando *verdades* sobre inúmeros tipos de assuntos – aqui, atentamo-nos ao caso das manifestações. A linguagem tem um papel importante nesse processo, já que constitui significados que são disseminados por meio, por exemplo, dos discursos veiculados pela mídia, conforme aponta o estudo de Freitas e Silveira (2004) cujo objetivo era examinar a figura do gaúcho como um dos ícones da identidade sul-rio-grandense a partir de reportagens veiculadas (durante as comemorações da Semana Farroupilha de 2003) pelos jornais Zero Hora e Correio do Povo (tabloides de Porto Alegre/RS). Para tanto, embasadas na perspectiva dos Estudos Culturais, as autoras discutem sobre o hibridismo cultural da identidade gaúcha a partir de reportagens publicadas nos jornais supracitados. De acordo com as autoras, nas matérias publicadas há uma (re)afirmação de representação do *verdadeiro* gaúcho e, desse modo, a mídia impressa, neste caso, contribui para “instituir verdades e produzir subjetividades, ensinando determinadas maneiras de se ser gaúcho” (*idem*, p.264).

Além disso, cabe ressaltar o papel pedagógico que os meios midiáticos assumem, tendo em vista que sujeitos são interpelados, subjetivados e constituídos pelos discursos veiculados. Para Kumaravadivelu (2006, p.140), o discurso “é um campo do domínio dentro do qual a linguagem é usada de modos particulares. Esse campo ou domínio é produzido nas e por meio das práticas sociais, instituições e ações”. Ainda em relação ao papel da mídia no processo de significação, no capítulo dois citei o trabalho de Fischer (1996), que evidencia de que maneira a linguagem midiática contribui para a constituição dos sujeitos, sendo considerada, dessa forma, de caráter pedagógico. Para a autora, os meios de comunicação atuam na constituição identitária produzindo saberes, sujeitos e significados, tendo em vista que

[...] a mídia, em nossa época, estaria funcionando como um lugar privilegiado de superposição de *verdades*, um lugar por excelência de produção, circulação e veiculação de enunciados de múltiplas fontes, sejam eles criados a partir de outras formações, sejam eles gerados nos próprios meios (*idem*, p. 65) (grifo da autora).

Sendo assim, os discursos midiáticos contribuem para a produção de

significados, tal como vemos na afirmação de *Marky* (que o povo *entrou na jogada* da mídia) que também constitui significados. O colaborador se posiciona como um sujeito bem informado, politizado e que tem clara a consciência de que as notícias veiculadas pela mídia, em geral, não são neutras. A construção da fala de *Marky* o subjetiva como um sujeito politizado e informado e que se posiciona a favor da busca pelos direitos por meio dos protestos. Adiante, *Marky* descreve quais *consequências* os protestos tiveram em virtude de “o povo em geral [ter entrado] na jogada”:

*MARKY:* [continuação do excerto anterior] O que acontece? A *direita*, os conservadores, os partidos conservadores começaram a vir junto com a mídia, só que a mídia saiu com o partido conservador, com o partido de direita. Isso levou todo o fogo conservador pro movimento. O que que acontece? Quando isso se misturou, não tinha mais o que fazer, era gente lutando contra a corrupção – porque lutar contra a corrupção? Quem que é a favor da corrupção pra se lutar contra ela? Precisa lutar contra alguma coisa específica sabe, a corrupção é uma coisa muito vaga, não tem um botão que pode ir lá e apertar e dizer: “Ah, apertando isso aqui a corrupção acaba”, não. Tu tem que investir em educação então, pro povo ficar crítico e saber escolher os deputados, os governadores, as pessoas que governam o país. Pra que eles não sejam mais corruptos e enfim... [...]

Neste trecho, vemos que, para *Marky*, os protestos que até então contavam com cidadãos de ideologia política esquerdista agora contam também (graças à mídia) com cidadãos “conservadores”, de direita. *Marky* ainda menciona que “quando isso se misturou [ou seja: ideologias políticas de esquerda e de direita], não tinha mais o que fazer [...]” e, de certa maneira, faz uma crítica ao rumo que os protestos tomaram em razão dos recém integrados manifestantes – uma vez que, por exemplo, começou-se a lutar contra a corrupção e, para *Marky*, não há motivos para se lutar contra algo a que todos são desfavoráveis.

Por meio deste pequeno trecho, percebe-se o posicionamento ocupado pelo colaborador, já que o discurso por ele proferido constitui sua posição de identificação com os protestantes e contrário “aos conservadores”. A cada trecho da oratória de *Marky* aqui apresentado, é possível perceber a construção de um discurso que o



posiciona a favor dos manifestos e contrário a certos aspectos (como a mídia e ao povo conservador que se inseriu nos movimentos). Conforme ressalta Coimbra (2003, p.215), “[...] quando os agentes sociais tentam se organizar socialmente, por meio das histórias que contam e ouvem durante as interações sociais, suas identidades sociais [...] são construídas”. No momento em que cumpre uma atividade e está sendo avaliado, *Marky* (e demais alunos da turma) ocupa diferentes posições de sujeito a partir da prática discursiva na qual, segundo Ghiraldelo (2010, p.253), “os enunciadorees desenham para si uma identidade. São formas, como diz Michel Foucault, de os homens compreenderem aquilo que são”. Nos momentos dedicados às *Aulas de Oratória*, além de serem universitários, os colaboradores se posicionam e se constituem em outras identidades – no caso de *Marky* como um sujeito bem informado e politizado.

Encaminhando sua fala para o final, *Marky* faz um pedido aos colegas: solicita que eles se informem sobre as questões políticas e sociais e, ainda, revela que até pouco tempo nem ele mesmo “sabia muito de política, nem sabia direito o que era direita e esquerda”. O processo de constituição de identidades, bem como a ocupação de determinadas posições de sujeito, ocorre por meio dos atos linguísticos, uma vez que a linguagem constrói significados. A constituição identitária se dá, também, pelas histórias que ouvimos, pelos relatos narrados, pelos testemunhos contados e recontados que escutamos. Desse modo, no momento da apresentação da oratória de *Marky*, por exemplo, não somente ele estava se constituindo enquanto um sujeito que buscou informações para tornar-se politizado, como também os demais colegas presentes em sala de aula e inseridos nesse espaço de interação estavam sendo interpelados pelo discurso daquele orador (e dos demais, a cada apresentação).

*MARKY: [...] Então assim, eu resolvi falar disso porque eu achei que isso era um assunto muito importante, eu não sei, eu acho que talvez eu me perdi no meio da... Talvez da... Mas enfim, é isso. Mas enfim, quero reforçar o pedido: se informem, leiam, peçam para as pessoas que vocês conhecem que leiam também. Eu tô fazendo muito isso com a minha família, com a minha mãe, a minha vó, meus tios, eles não têm essa consciência política. Eu mesmo, até ontem eu não tinha. Eu não sabia muito de política, nem sabia direito o que era direita*

*e esquerda, sabe. Até ontem no sentido figurado, claro. Porque desde que começaram essas manifestações, desde que eu comecei a falar com esse meu amigo que tá aqui, e ele tá me ajudando muito também a entrar nessas discussões... Procurem gente que se envolve com política, sabe. Procurem saber a ideologia política de vocês, pra ver se vocês são realmente de esquerda ou de direita. Vocês têm todo o direito de serem conservadores, não tem problema, sabe. Desde que vocês sejam conservadores conscientes e façam alguma... sabe, não desrespeitem as pessoas, não... Enfim, é o que tem que ser feito.*

Vale destacar que, no fecho da apresentação, *Marky* diz aos colegas que eles “têm todo o direito de serem conservadores [...] desde que sejam conservadores conscientes e façam alguma... sabe, não desrespeitem as pessoas” – ocupando, mais uma vez, a posição de sujeito contrário aos ditos conservadores. Além disso, *Marky* também enuncia o discurso em relação ao respeito e à liberdade de expressão (assim como visto nos trechos da oratória de *Joey*) e, dessa forma, em mais um momento os acadêmicos estão sendo subjetivados pelos discursos em relação aos direitos. Para os alunos que assistiam às apresentações, o contato com esses discursos e com os apresentadores já os subjetivam enquanto sujeitos. Os discursos complexos que existem em sala de aula contribuem para a constituição identitária dos indivíduos e, desse modo, conforme enfatiza Freitas (2013a, p.22), “podemos argumentar, nesse momento, o papel que a escola [ambiente de formação] exerce no sentido de também ser um espaço onde várias histórias circulam e um lugar onde identidades se constroem” (inserção minha).

Assim como os discursos de *Joey*, os de *Marky* construíram significados naqueles momentos, os de apresentação, tanto para os oradores quanto para os alunos que os assistiam. Ademais, utilizando as palavras de Foucault (2000, *apud* BERGMANN, 2007, pp.1-2), os discursos proferidos pelos oradores se constituem como “práticas que formam sistematicamente [ou não] os objetos dos quais falam” (inserção da autora). Dessa forma, as práticas de oratória em sala de aula contribuem para a formação de significados que, “culturalmente mediados pelo discurso, tanto o significado quanto nossas identidades sociais são (re)construídos nas interações sociais diárias por meio das histórias que narramos” (COIMBRA, 2003, p.215).

### 6.3 ESPERAM NOVA POSSIBILIDADE / DE VEREM ESSE MUNDO SE ACABAR<sup>34</sup>

Neste item apresento os comentários de ambos os colaboradores, *Joey* e *Marky*, na apresentação de oratória deste último aluno. Conforme já apresentado, em sua oratória, *Marky* criticou as ações de alguns manifestantes, pois, na sua opinião, muitos jovens foram às ruas sem saber o real motivo dos protestos e, para ele, as manifestações *sem causa* não acrescentavam ideais ao protesto. Já *Joey* defende que as pessoas devem comparecer às reuniões anteriores aos protestos para explicitar opiniões, pontos de vista e de interesse – retomando, assim, seu discurso sobre a importância das reivindicações e do planejamento prévio para as reivindicações, bem como o seu posicionamento em relação aos direitos individuais. Mais uma vez, nos comentários da oratória de *Marky*, *Joey* ocupa determinada posição de sujeito, uma vez que ratifica a importância de participação em reuniões cujo objetivo é articular e promover as manifestações para que cada pessoa possa lutar pelos seus direitos.

Diante das opiniões divergentes, no momento do debate travou-se uma discussão produtiva em relação aos valores de cada um dos colaboradores (*Joey* e *Marky*). Durante toda sua oratória, ao narrar os fatos históricos do feminismo e o movimento feminista, *Joey* marca a posição de um sujeito que se interessa pelas lutas – no caso – de gênero em favor da igualdade. Já nos comentários feitos na oratória de *Marky*, *Joey* ocupa a posição de um sujeito que vai à luta e que apoia os movimentos de interesses coletivos e que, além disso, participa efetivamente da organização desses movimentos. Seguem abaixo os excertos:

*JOEY: É... Eu discordo totalmente que é sem causa. Eu acho que esse protesto, eu não concordei com várias questões do Movimento do Passe Livre, porque não era esse o enfoque inicial deles. Aqui em Pelotas a gente fez um documento inclusive, entregou na prefeitura as nossas reivindicações, assim, foi muito bem articulado. Acho que tem que vir pro protesto, tem que vir pra rua, não acho que nós vamos ficar na rua até as coisas mudarem, sabe. Só foi esse protesto acontecer, a tarifa já tava há muito tempo sendo planejada.*

<sup>34</sup> RAMALHO, Zé. Admirável Gado Novo. In: *A Peleja do Diabo com o Dono do Céu*. LP. Gravadora: Epic/CBS, 1980. Faixa dois – Lado A, 4'53”.

Mas no caso agora, o prefeito começou a falar no transporte lá para o município do Capão do Leão<sup>35</sup>, porque eu tenho vários colegas que estudam lá e pagam todo dia ida e volta. Sim, todos os dias, vão até no final de semana pra lá. *Então eu sou a favor de que as pessoas sim busquem saber o que é esquerda e direita, o que é política, conscientizar... Mas eu sou totalmente a favor que elas venham com as suas reivindicações e que vão principalmente nas assembleias dos atos iniciais*, que é a reunião das pessoas pra montar uma pauta, onde todo mundo fala: “Ah, minha pauta é essa, eu sou contra isso”. E ali é votada qual pauta que vai para a reivindicação, o que que vai ter no protesto? Então há essa orientação. Às vezes tem pessoas, “ah, eu vou”, mas não sabe o que é, então, a gente vê, eu acho que é isso que você quis dizer, né... (grifos meus).

*MARKY: Mas assim, se tu for ver, a grande maioria vai na reunião?*

*JOEY: Então, tinha 200 pessoas na nossa assembleia.*

*MARKY: E quantas pessoas tinham na manifestação?*

*JOEY: 12 mil. Porque tá no evento, e ali foi dito, sabe, foi esclarecido... Teve 100 pautas, e foram votadas as pautas, ou seja, as pessoas falam: “ai, eu vou levar a bandeira do meu partido, qualquer que seja”, mas o movimento é apartidário, ou seja, não que você não possa ir com a camiseta do Brasil, com a sua bandeira do México, da Argentina... Só que a gente tem que ter um foco, que tem que estar na pauta, assim [...] (grifos meus).*

Ao referir-se “às assembleias dos atos iniciais”, Joey explicita a importância da participação da população em geral nas reuniões que definem as pautas dos

---

<sup>35</sup> Capão do Leão é um município próximo a Pelotas, cerca de 20km, onde há um dos Campus da Universidade Federal de Pelotas, o Campus Universitário Capão do Leão UFPel. Na cidade de Pelotas, todos os estudantes que atestarem, a cada semestre, vínculo com alguma instituição de ensino (seja escolas primárias, secundárias ou de ensino superior) têm direito ao Cartão Escolar que concede a compra de vale transporte urbano com 50% de desconto. Contudo, os estudantes matriculados em cursos situados no Campus Capão do Leão não contam com a tarifa estudantil reduzida para o transporte de Pelotas/Capão do Leão e vice-versa, uma vez que o transporte feito é intermunicipal e, desse modo, não há desconto na tarifa. Em 2013, a tarifa de transporte urbano em Pelotas era de R\$2,75 (custando, aos estudantes, R\$1,40) e para o município de Capão do Leão a tarifa era de R\$2,40 – sem possibilidade de desconto aos estudantes.

protestos. Claramente, *Joey* demonstra conhecimento e, além disso, interesse pelas *orientações* dadas durante tais reuniões, ocupando a posição de um sujeito atuante nas manifestações ocorridas na cidade de Pelotas. Ainda, considera importante que cada indivíduo possa levantar sua pauta (sua reivindicação particular) nessas reuniões, pois, assim, conforme votação, determinado assunto até então de interesse particular pode tornar-se de interesse coletivo – ratificando, também, seu posicionamento em relação aos direitos sociais. Os comentários feitos por *Joey* mostram como a identidade é criada linguisticamente – conforme argumenta Silva (2000a, p.77): “é apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais”.

Adiante, ainda no debate que foi gerado pelos alunos, *Joey* salienta que é a favor dos chamados *coxinhas* do movimento. Para esclarecer<sup>36</sup>: o termo *coxinha* começou a ser utilizado com intuito de nomear aqueles cidadãos de classe média que utilizam falas corporativistas ou discursos de revolta, em geral sem causa aparente, massificados em redes sociais, ou seja: os cidadãos que foram interpelados pelos discursos à época das manifestações. Ainda, refere-se àqueles sujeitos que, embora participem de atos e movimentos de reivindicação, aderem às manifestações sem um propósito específico, com reclamações sem sentido e sem embasamento político (são considerados, também, como despolitizados e antidemocráticos, influenciados pela mídia e pelos discursos unilaterais). Por outro lado, os *coxinhas* se intitulam como cidadãos que se sentem no direito de manifestar contra qualquer motivo reformista, mesmo em movimentos específicos; por exemplo, lutar contra a corrupção dentro do Movimento do Passe Livre. Feitas essas considerações, segue o excerto das falas de *Joey* e *Marky*:

*JOEY*: [continuação do último excerto] *Eu sou totalmente a favor disso. Eu só acho que tinha que criar outro movimento, ele não pode entrar no Passe Livre e reivindicar tipo, sobre a PEC, corrupção, que não tem nada a ver, o Passe Livre tem a ver com transporte, então, talvez seja isso que você tá tentando dizer.*

---

<sup>36</sup> Esse esclarecimento que faço é com base em leituras de artigos e comentários em *blogs* de pessoas que são a favor ou contra a participação dos *coxinhas* nos movimentos de junho de 2013. Apesar de eu ter pesquisado, não encontrei fontes que fizessem menção aos *coxinhas* ou que tenham estudado mais a fundo essa posição identitária.

*MARKY: Na verdade o que eu tô criticando é justamente a coxinização, digamos, entre aspas do movimento. O fato é que tem gente indo pra lá pra lutar por coisas que eles não entendem, por coisas que eles nem sabem exatamente o que é. Tem muita gente que eu conheço, inclusive, teve muita gente que foi pra lá simplesmente porque queria fazer cartazinho pra chegar lá, tirar foto e colocar no Instagram.*

*JOEY: Mas aí é buscar, sabe, a curiosidade e a vontade das pessoas de irem pra rua para lutarem do que é delas o direito. Então, ou seja, no protesto aqui acho que eles falaram 12 mil pessoas, mas os governadores contaram mil, vinte mil pessoas passaram, né, ou seja, hoje ninguém fez quebra-quebra, ninguém bateu em ninguém, respeitou todo mundo, sabe, o trânsito... E eu acho que esse é o caminho, sabe, é tirar esse pessoal da frente da TV que aliena, que deturpa a imagem da política, sabe, do que é direito e o que não é, sabe.*

*MARKY: Isso eu concordo, isso eu acho legal. O simples fato de que o povo tá se mobilizando, tá se dispondo a fazer algo indica algo muito positivo [...] (grifos meus).*

Joey articula sua fala de maneira a contrapor o exposto por Marky e há, nesse episódio, discordância de opiniões em relação ao que leva às manifestações (protestos pelo Brasil e inclusive na cidade de Pelotas). Tanto em sua oratória quanto nos comentários feitos nas oratórias dos colegas, Joey defende certas posições e, dessa maneira, se constitui identitariamente ocupando a posição de um sujeito que busca e luta pelos direitos individuais e, do mesmo modo, Marky expõe sua opinião e constitui significados por meio da linguagem. Joey entende que os *coxinhas* têm muito a agregar às manifestações, visto que considera relevante “as pessoas lutarem do que é delas o direito” – considera importante que todas as pessoas tenham o direito de se expressar de alguma maneira e de trazer à tona as suas reivindicações ratificando, assim, seu posicionamento frente às questões de igualdade. Entretanto, Joey acredita que os *coxinhas* deveriam criar outro movimento para fazer tais protestos, e não se integrarem aos já denominados e de causas específicas. Quer dizer: Joey entende que, a partir do momento em que as pessoas vão às ruas e participam de reuniões, estão exercendo o direito de cidadão

de lutar por uma causa justa. Já *Marky* discorda de *Joey*, pois acredita que os *coxinhas* lutam “por coisas que eles não entendem, por coisas que eles nem sabem exatamente o que é”. Todavia, concorda com *Joey* que “o simples fato de que o povo tá se mobilizando, tá se dispondo a fazer algo indica algo muito positivo”. *Joey* ocupa a posição a favor dos chamados *coxinhas*, visto que estas pessoas têm o direito de lutar, e *Marky* se posiciona contrário aos *coxinhas*, uma vez que estes não sabem ao certo o motivo das manifestações. Ambos, entretanto, se posicionam como sujeitos que concordam e se identificam com os protestos e, ainda, como sujeitos preocupados em se manterem informados além daquilo que é veiculado pela televisão.

As opiniões de *Joey* e *Marky* frente à *coxinização* do movimento evidenciam as posições de sujeito ocupadas nesse dado momento, uma vez que *Joey* não concorda com a *invasão* dos *coxinhas* nos protestos específicos, mas defende o direito de participação e de protesto, e *Marky* não concorda com a participação dos *coxinhas*, mas também entende o lado positivo de tal movimento. Por meio de suas falas, os colaboradores estão constituindo significados, já que a linguagem exerce um caráter constitutivo, ativo e produtivo em relação ao mundo e às identidades; “(...) a identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas” (SILVA, 2000a, p.97). Desse modo, sentidos, significados e identidades estão sendo produzidos no ambiente social da sala de aula, em que há, de certo modo, uma luta pela significação, conforme expressa Freitas (2013b, p.23): “sendo esse *locus* privilegiado de circulação de discursos de identidade e da sua criação, e com base na noção foucaultiana de poder, a escola e o espaço escolar também são arenas de lutas e de embates pela produção dos mais diversos sentidos identitários”.

Adiante, seguindo a discussão, *Joey* questiona *Marky* em relação às diferenças entre os protestos ocorridos em junho de 2013 e outros mais antigos; *Marky*, entretanto, não responde à colega com tanta clareza. Seguem os três últimos excertos dos discursos dos colaboradores:

*JOEY*: Então na sua opinião qual é a diferença entre todos os antigos protestos que já existiam, sabe, seja contra uma briga, homofobia, qualquer outro. O que foi o ponto principal que fez esse pessoal ir pra rua, o que que você acha que foi?

*MARKY: Então, eu ia chegar nisso agora. [...] Desde que a Dilma assumiu o governo, basicamente, que eles começaram a investir em coisas como o Bolsa Família, incentivar a... Enfim, diminuir a pobreza, diminuir a fome... E realmente diminuiu, a gente tem que admitir isso. Tem muito mais pessoas empregadas, a taxa de desemprego do Brasil hoje é 5%, sabe. Só 5% das pessoas hoje no Brasil que não tem emprego. E isso é um índice que eu considero muito bom. Só que assim, o investimento em universidades, o próprio PROUNI, por mais que seja mal feito, mal aplicado, insere as pessoas na faculdade e ajuda, mesmo que minimamente, a criar um povo muito mais crítico. Isso já é um sinal de que o povo tá mudando. Já é um sinal que tá tendo mudança aí, eu acho que o povo resolveu se revoltar e tá tendo toda essa disposição pra sair, então o povo tá mais inteligente, o povo tá mais ciente de que ele tem que fazer alguma coisa pra sair, pra que aconteça alguma coisa. Mas aí eu não sei... (grifos meus).*

*JOEY: Pode até ser, sabe, eu só acho que o que tá havendo, por exemplo, a pessoa, a população em si, que tá votando na Dilma (?), e ela não se pronunciou, sabe, sobre Renan Calheiros. Sobre os outros governantes do mal, sabe.*

De acordo com esses últimos trechos, *Marky* ocupa a posição de sujeito favorável ao atual governo, tendo em vista que, segundo ele, muitas melhorias aconteceram (casos como a diminuição da fome, da pobreza e do desemprego e o ingresso no ensino superior). E, aproveitando a resposta do colega, *Joey* se posiciona como um sujeito que não está completamente convicto das melhorias (assim como *Marky*), já que a atual presidente não se manifestou em relação aos demais políticos do seu governo envolvidos com esquemas de corrupção.

Além do momento dedicado à apresentação individual, muitos alunos tomaram a palavra nos momentos dedicados ao debate em relação ao tema apresentado. Desse modo, a constituição identitária e a ocupação das posições de sujeito ocorreram durante os comentários realizados nas *Aulas de Oratória* dos colegas, conforme ressaltado neste item. Além disso, no debate gerado após cada oratória, as identidades dos alunos se entrecruzaram evidenciando as múltiplas posições em virtude da dinâmica de conversa – em que mais de um aluno tinha a palavra. Esse fato corrobora a questão de entender a sala de aula como um espaço



em que ocorrem, além da formação acadêmica e do aprendizado, a construção e a reconstrução das identidades, tendo em vista que, nesse espaço social, é possível contar e recontar histórias e narrativas que constituem os sujeitos. Mesmo que com participação recatada, todos os alunos, de certa maneira, ao comentarem os temas apresentados pelos colegas, posicionaram-se em algum sentido e ocuparam determinadas posições. Neste trabalho, focalizo dois sujeitos, o que não significa dizer que os demais alunos também não passaram (passem) pelo mesmo processo, seja nas *Aulas de Oratória* ou em outros momentos em que há discussão e participação da turma sobre diferentes assuntos.

Após a leitura das transcrições, percebemos, por meio das oratórias, as identidades se constituindo tensionando as posições de sujeito interpeladas pelos mais variados discursos e por diferentes questões. Percebemos, também, as possibilidades de constituição identitária dos sujeitos no momento em que eles, os alunos, ocupam a posição de professor – quero dizer: quando ocupam a posição de orador para a turma, aquele que recebe as atenções naquele dado momento – e também quando ocupam a posição de aluno – quando fazem intervenções e comentários.

Concordo com Silva (2000a) que é necessário centrar o tipo de abordagem das teorias aqui utilizadas nos centros e espaços de formação, bem como no currículo em si, já que as questões identitárias e as questões culturais como um todo são perenes e atreladas à linguagem. Sendo assim, percebemos os “produtos do discurso, um discurso que se transforma, pois está vivo em multiplicadas lutas, em inúmeros jogos de poder” (FISCHER, 1996, p.36). Durante as *Aulas de Oratória*, significados foram constituídos, *verdades* foram estabelecidas, identidades foram construídas, posições de sujeito foram ocupadas, já que a formação de conceitos está nos discursos que emergiram das oratórias e se impõe a todos que falam em um determinado espaço social. Conforme sinaliza Foucault (2010, p.43), “a educação é o meio pelo qual o indivíduo tem acesso a qualquer tipo de discurso” e, dessa forma, há a possibilidade de que diversas posições de sujeito sejam preenchidas.

## 7 TODO CARNAVAL TEM SEU FIM<sup>37</sup>

Há pouco mais de um ano peguei meu martelo e desconstruí certas visões e certos conceitos presos em blocos e, desde então, tenho (re)construído esses mesmos conceitos, porém sob outra perspectiva. Assim como demais pesquisadores que adotaram as teorias pós-estruturalistas em seus estudos, digo que o movimento, o grande movimento, que precisei fazer não foi nada fácil – mesmo sem querer ser redundante e sem querer ser repetitiva, preciso fazer essa menção.

Já tive a oportunidade de realizar pesquisa durante as graduações e, por isso, completar as caixas dos tópicos e preencher os itens pré-estabelecidos de um projeto parecia ser pôr em prática um esquema que já previa itens fixos; corporificar um esqueleto pré-determinado. Entretanto, uma pesquisa ancorada nos Estudos Culturais e na Linguística Aplicada Transdisciplinar não demanda esses tópicos fixos e ainda permite que a escrita seja mais desenvolvida, mais fluida. Por esses e dentre outros motivos, deve ser planejada com cautela e exercida com certa particularidade para que não se caia em reducionismos. Estes, sem dúvida, foram os meus mais difíceis obstáculos, uma vez que a minha escrita (e a minha postura frente à pesquisa) já estava treinada para aquele modelo mais tradicional de preencher lacunas cuja ordenação e composição são pré-definidas. Por esse motivo, também, não consegui me desvencilhar por completo dessa organização e mantive, neste trabalho, a ordem *esperada* sem conseguir entrelaçar com mais desenvoltura os tópicos e itens abordados.

Durante o processo de escrita da dissertação, não poucas foram as vezes em que abstraí o que estava fazendo e simplesmente fiquei pensando: por que eu nunca antes havia estudado sobre os Estudos Culturais e a Linguística Aplicada Transdisciplinar? Por que, nas aulas de Linguística Aplicada que tive, no terceiro semestre da licenciatura, nenhum dos textos estudados sequer fazia menção à LA Transdisciplinar? Não tenho medo de dizer que, após duas graduações em Letras, pela ignorância de não ter pesquisado além do que era visto em sala de aula, eu não sabia da existência de uma Linguística Aplicada que estuda para além das fronteiras disciplinares convencionais e que considera a linguagem para além daqueles

---

<sup>37</sup> HERMANOS, Los. Todo Carnaval tem seu fim. In: *Bloco do eu sozinho*. CD. Gravadora: Sony Music, 2001. Faixa um. 4'23”.

conceitos que eu já conhecia. Pois bem, ao final deste estudo, sinto-me mais aliviada, portanto, e com menos peso na consciência, por ter corrido atrás do tempo perdido e ter tido a chance de estudar e embasar a minha pesquisa em campos teóricos transdisciplinares, com os quais pude compreender outras maneiras de enxergar o objeto de estudo e concordar que as *verdades* são desse mundo, esse mundo que constituímos e que nos constitui.

Meu trabalho (não este que aqui está escrito, mas o trabalho de leitura, de pesquisa e de entendimento acerca do referencial teórico) certamente teria sido menos árduo se, por ventura, eu já tivesse conhecimento sobre essas perspectivas teóricas – ou, pelo menos, sobre a LA Transdisciplinar tão inerente à área de Letras. Assim como eu, meus colegas de grupo de pesquisa (os que já são mestres e os que se encaminham para sê-lo em breve), presumo, também devem ter caminhado, ou estão caminhando, em passos suaves, com receio de pisar em falso com teorias tão *indisciplinares*. Dessa forma, espero que com esta pesquisa eu possa contribuir com a ampliação da publicação de estudos cujo aporte é de acordo com os EC e a LA Transdisciplinar em nossa comunidade acadêmica – pouca ousadia a minha.

Além disso, e sobretudo, espero que esta dissertação possa contribuir, mesmo que minimamente, para o entendimento da sala de aula como um espaço de construção de saberes e de identidades, auxiliando professores a também lançarem um outro olhar para os momentos em que as falas dos alunos, quaisquer que sejam, são proferidas. Meu contato com as *Aulas de Oratória* não ocorreu apenas neste momento da pós-graduação, visto que em um dos estágios curriculares obrigatórios da graduação na licenciatura, também sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Letícia, pude acompanhar o desenvolvimento dessa atividade. Porém, agora, observei e acompanhei essa avaliação com outros olhares, com outras indagações permeadas pelo viés das questões identitárias. Percebi, portanto, a importância que atividades desse tipo têm no contexto de sala de aula (além da importância que eu já conhecia, por se tratar de uma atividade que engloba o texto oral formal), uma vez que são carregadas de significados e de construções. Fora isso, quero registrar o meu envolvimento com os discentes cujos textos transcritos foram apresentados neste trabalho. Como já mencionei no primeiro capítulo, meu contato com esse grupo de alunos foi diferente em relação às outras vezes em que atuei como estagiária – talvez em virtude do amadurecimento da identidade de professora, talvez em razão da identificação que tive com eles ou, ainda, pelo fato de compartilharmos da

mesma profissão de revisores e redatores de texto, lamentavelmente ainda desprestigiada por muitos. Também tive grande identificação com os alunos e com as *Aulas de Oratórias* por eles apresentadas, uma vez que também fui subjetivada pelos discursos que emergiram das oratórias – por vezes tive identificação e por vezes não tive identificação, que também contribui para a minha constituição enquanto sujeito e enquanto pesquisadora.

Acredito que a abordagem que esta pesquisa assumiu, uma vez que rompeu com certos *paradigmas* graças às perspectivas teóricas assumidas, pode contribuir ainda para a percepção da linguagem não apenas como um código fixo, em que o conhecimento linguístico retrata e relata as *coisas* que existem no mundo. Para além desses conceitos tradicionais, este estudo explorou os aspectos políticos, sociais e culturais, subjetivos e constitutivos da linguagem que produz uma realidade. Ademais, problematizou o contexto de sala de aula como um espaço institucional de construção de conhecimento e, também, como um lugar onde pessoas constroem e representam a si, aos outros e ao mundo nas interações sociais enquanto sujeitos através de suas práticas discursivas. Conforme destaca Coimbra (2003, p.211),

uma vez que o estudo do discurso pode revelar aspectos da construção de nossas identidades sociais e das nossas ações em contextos institucionais, culturais e históricos, fica evidente a importância do estudo das práticas discursivas que ocorrem no espaço da escola [nos ambientes de formação].

Desse modo, ressalto a pertinência deste estudo ao trazer uma abordagem relevante das práticas sociais discursivas realizadas em ambiente de formação acadêmica no processo de constituição identitária. Mediados pelos discursos que emergiram durante as *Aulas de Oratória*, significados e identidades sociais foram construídos e (re)construídos.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sandra dos Santos. *Juventudes e processos de escolarização: uma abordagem cultural*. Tese (Doutorado em Educação). 258f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERGMANN, Leila Mury. *A prática da oratória: uma investigação do tratamento da oralidade no ensino de língua materna*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1998.

\_\_\_\_\_. A voz dos alunos na sala de aula: a prática da oratória. *Educação Unisinos*. Porto Alegre. v.13, n.1, jan./abr. 2009. pp.76-83.

\_\_\_\_\_. Não mate aula, mate professores. *Teias*. Rio de Janeiro. Ano 8, n.15-16, jan.-dez. 2007, pp.1-13.

BERTAUX, Daniel. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. São Paulo/Natal: Editora da UFRN, 2010. pp.47-117.

CANCLINI, Nestor García. *Diferentes, desiguais e desconectados*. 2.ed. Rio de Janeiro/RJ: Editora UFRJ, 2007.

CAVALCANTI, Marilda C. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em Lingüística Aplicada: implicações éticas e políticas. In: MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. pp.233-252.

CAVALIERI, Gláucia de Cássia Magalhães da Silva. *A constituição da identidade profissional docente em contexto de diversidade: reescrevendo histórias de vida*. 177f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora – Minas Gerais: 2009.

COIMBRA, Alda Maria. Histórias contadas em sala de aula: a construção da identidade social de gênero da mulher. In: MOITA-LOPES, Luiz Paulo da (Org.). *Discursos de identidades*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003. pp. 209-232.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. pp.13-36.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel, & SOMMER, Luis Henrique Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*. n.23, pp.36-61. maio/ago., 2003.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. Os Estudos Culturais In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Org.). *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, pp.151-170.

FABRÍCIO, Branca Falabella; BASTOS, Liliana Cabral. Narrativas e identidade de grupo: a memória como garantia do “nós” perante o “outro”. In: PEREIRA, Maria das Graças Dias; BASTOS, Clarissa Rollin Pinheiro; PEREIRA, Tânia Conceição (Orgs.). *Discursos socioculturais em interação Interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. pp.39-66.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) *Por uma lingüística aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Editora Parábola, 2006, pp.44-65.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. Tese (Doutorado em Educação). 297f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1996.

\_\_\_\_\_. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*. n. 114, p. 197-223, novembro/2001.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de. As pedagogias culturais e a constituição de identidades juvenis. *Revista Textura*. n.29, set./dez. 2013a. Canoas/RS: ULBRA. pp.18-31.

\_\_\_\_\_. Currículo cultural: o que ensinam os livros regionais sobre identidades? *Currículo sem fronteiras*. v. 10, n. 2, jul/dez 2010. pp. 106-118.

\_\_\_\_\_. Práticas identitárias e a construção das alteridades no contexto escolar. In: FERREIRA, Taís (Org.). *Identidades no contexto escolar*. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2013b, pp.11-25.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen de; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A Figura do Gaúcho e a Identidade Cultural Latino-Americana. *Revista Educação*, maio/ago., v. XXVIII, n.53. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. pp. 263-281. 2004.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 20ª ed. São Paulo: Loyola, 2010.

GHIRALDELO, Claudete Moreno. Escritas de si e identidades profissionais de professores. In: ECKERT-HOFF, Beatriz Maria; CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (Orgs.). *Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela*. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2010. pp. 231-255.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

\_\_\_\_\_. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. *Educação & Realidade*. v.22, n.2, jul./dez. 1997a. Porto Alegre/RS: UFRGS/FACED. pp.15-46.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000. pp.103-133.

\_\_\_\_\_. The work of representation. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *Representation*. Cultural representations and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997b.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

KUMARAVADIVELU, B. A Lingüística Aplicada na era da globalização. In: MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. pp.129-147.

LARROSA, Jorge. Narrativa, identidad y desidentificación. In: \_\_\_\_\_. *La experiencia de la lectura*. Barcelona: Laertes, 1996.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2011. pp.1-26.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita. Atividades de retextualização*. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MARTINS, Elizangela Fernandes. *A constituição da identidade docente do graduando de pedagogia: de professor a gestor*. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina: 2012.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. Lingüística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006b. pp.85-107.

\_\_\_\_\_. Uma lingüística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como lingüista aplicado. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006a. pp.13-44.

\_\_\_\_\_. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes (Orgs.). *Narrativa, Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA, 2001. pp.55-71.

NASCIMENTO, Isabela Nogueira. *Será que sou eu quem está falando em língua estrangeira?: as representações identitárias em relatos autobiográficos de aprendizes de língua espanhola*. 49f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal da Paraíba – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, João Pessoa – Paraíba: 2011.

PENNYCOOK, Alastair. A Lingüística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (Orgs.).



*Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. pp.23-49.

\_\_\_\_\_. Uma Lingüística Aplicada transgressiva. In: MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. pp.67-83.

POPKEWITZ, Thomas S. História do Currículo, Regulação Social e Poder. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994, pp.173-210.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Repensar o papel da Lingüística Aplicada. In: MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. pp.149-168.

RAMOS, Jânia Maria. *O espaço da oralidade na sala de aula*. São Paulo. Martins Fontes, 1999.

SANTOS, João de Deus dos. Resenha de A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. *Revista Brasileira de Educação*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a12.pdf>> Acesso em setembro de 2013.

SIEMS, Maria Edith Romano. *A construção da identidade profissional do professor de Educação Especial em tempos de Educação Inclusiva*. 179f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora – Minas Gerais: 2008.

SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (Orgs.). *Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000a. pp.73-102.

\_\_\_\_\_. Currículo e Identidade Social: territórios contestados. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995a, pp.190-207.

\_\_\_\_\_. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995b. pp.184-202.

\_\_\_\_\_. *Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000b.

SOMMER, Luís Henrique. A ordem do discurso escolar. *Revista Brasileira de Educação*. n.34, jan./abr., 2007. pp.57-67.

SOUZA, Paolla dos Santos; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros. “Moça você é machista”: novas perspectivas sobre gênero, identidade e identificação no Facebook. Anais do II CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Belo Horizonte, de 8 a 11 de outubro de 2013.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. pp.37-69.

\_\_\_\_\_. Teoria e Método em Michel Foucault: (im)possibilidades. *Cadernos de Educação*. Faculdade de Educação/UFPel. Ano 18, n.34, set./dez. 2009. Ed. Universitária: Pelotas.

VELASQUES, Matheus Trindade. *Why is the book on the table?* Um estudo sobre a constituição identitária de professoras de língua Inglesa em formação. 2013. 159f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas: 2013.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000. pp.7-72.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM LETRAS



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Pesquisador:** Bianca Alves Lehmann

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Letícia Fonseca Richthofen de Freiras

Prezado(a) participante,

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa provisoriamente intitulada *Aulas de oratória: do ensino do gênero oral formal à constituição identitária*, desenvolvida no Mestrado em Letras da UFPel por Bianca Alves Lehmann.

Sua forma de participação consiste em permitir que o áudio das Oratórias, realizadas no primeiro semestre de 2013 na disciplina de Leitura e Produção Textual I, seja utilizado neste estudo. É relevante salientar que: seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa, o que garante o seu anonimato; não haverá gastos nem riscos na sua participação neste estudo; você poderá receber, sempre que solicitadas, informações atualizadas sobre todos os procedimentos, objetivos e resultados do estudo realizado.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação não é obrigatória, no entanto ela é muito importante para esta pesquisa. Em caso de dúvidas e outros esclarecimentos você poderá entrar em contato com a aluna pesquisadora Bianca Alves Lehmann através do endereço eletrônico [biancalehmann@gmail.com](mailto:biancalehmann@gmail.com).

---

Eu, \_\_\_\_\_,  
confirmando que entendi os objetivos desta pesquisa, bem como a minha forma de participação. Eu li e compreendi este termo de consentimento e, portanto, eu permito que o conteúdo da Oratória feita por mim, durante o primeiro semestre de 2013 na Leitura e Produção Textual I, seja utilizado neste estudo.

Pelotas, 16 de agosto de 2013.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

Endereço eletrônico do participante:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Bianca Alves Lehmann

Pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leticia F. R. de Freitas

Orientadora

## ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DA ORATÓRIA DE JOEY

Boa noite, eu vou falar um pouquinho sobre o feminismo, vou tentar fazer uma análise cronológica dos fatos mais importantes das conquistas feministas. E vou queria deixar pra vocês já... Eu sei que as perguntas são pro final, mas se vocês sabem a diferença entre femismo e feminismo? Femismo de feminismo?

(Silêncio)

Não? Então, o feminismo, ele é relacionado ao movimento feminista, né, que luta pela igualdade de direitos entre os homens e mulheres. E o femismo, ele é o oposto do feminismo e quase o sinônimo de machismo. Que são as mulheres que defendem a coisa de que elas são superiores aos homens, e que os homens precisam bancá-las, digamos assim. Então, na questão do feminismo, eu vou começar pela data da Revolução Francesa pra cá, que foi de 1789 a 1799. Foram dez anos. E hoje tem documentos, né que podem comprovar que os movimentos feministas já começaram desde essa época.

Bom, a Revolução Francesa tinha como lema “Igualdade, Liberdade e Fraternidade”. E nesse período tavam acontecendo outras revoluções e reivindicações, tanto da população... E foi conseguido, depois do término da Revolução Francesa bastante direitos políticos e sociais, né. Só que nessa época, eram muito direcionadas aos homens, então o que acontece, as mulheres que já tinham uma noção de que elas já também tinham direitos, já naquela época, elas começaram a fazer grupos, pra protestar pra que esses direitos se estendessem a elas também como cidadãs. Porque depois da revolução francesa começou... Acabou-se o período monarquista, começou-se a instituir outro nível de constituição política, né. Uma reforma no sistema da política.

Bom mas, posteriormente, já em 1848, o feminismo fez outro caminho de (?), na Convenção Internacional de Direitos da Mulher, que foi em Nova York. E a partir dessa data, o movimento ele passa a ser muito mais direcionado com foco à mulher, e pra aquela questão de luta mais abrangente, ainda assim na visão só superior da revolução industrial durou bastante tempo... Esses grupos de mulheres que já são intitulados feministas, mesmo com toda a crítica da mídia da época, que era fortíssima, porque naquele período a gente tinha a revolução ainda política... Em 1848 as mulheres não votavam, só votavam os homens, e os homens ricos. Que tinham na verdade... Acreditava-se que a política daquela época era muito mais voltada pra quem detinha riquezas, ou um certo prestígio na sociedade. Passando adiante... É, essas reivindicações da época, elas tinham um cunho de protestar para melhorias sociais, pelo voto universal, né que ainda não era permitido o voto de todos, apenas dos homens, e passam a reivindicar também a baixa dos preços dos

alimentos, né, porque era um período que... Posteriormente à segunda guerra mundial, né... Com as datas eu não tô muito...

Bom, mas nesse período, fora essa questão toda, que a mídia em si, tanto a população que era tradicionalista, eles tinham um preconceito muito grande contra a mulher no sentido de liberdade, né, não era permitido que ela trabalhasse, é... A mulher é tida como... Vai ser educada e criada pra se casar, ter filhos e cuidar do marido e da casa, era basicamente isso. Só que nem sempre foi assim. Na época da Idade Média, a mulher ela tinha uma abrangência maior nesse sentido. Tanto na família, quanto a condição de trabalhar fora, de poder adquirir coisas independentemente de ser casada ou não, de ter um homem que a representasse.

Imaginando no sentido de movimentos feministas, eles são movimentos muito bem articulados, e já era naquela época, acho que isso evoluiu no sentido positivo, porque hoje eles são intelectuais e teóricos. Antes de se fazer um protesto de... Dessas mulheres, homens também, tem homens feministas, isso é bom, antes de ir pra rua, de ir pra uma passeata, antes de fazer uma reivindicação se faz a ata e tem toda uma documentação pra oficializar aquilo que se está pedindo, né... E eu vou falar de acontecimentos e conquistas feministas, aí vocês dão uma olhada, porque aí eu vou falar das datas. De 1867 a 1879, surge entre esse período uma lei, que tá relacionada à condição das mulheres de estudarem, né, de terem acesso ao ensino. O ensino primário, o fundamental, porque o ensino superior nessa época ainda não era permitido para as mulheres, a não ser que a mulher tinha uma influência muito grande e bastante dinheiro, aí sim. Em 1857, no dia 8 de março, que é comemorado o dia da mulher, isso é um fato importantíssimo, eu não sei se todos sabem, mas isso... Foi batizada essa data, o dia da mulher porque, em Nova York, em uma reivindicação... A gente tinha todo o sistema industrial, que estava a todo vapor, e essas mulheres, elas ocuparam postos de trabalho, porque geralmente os maridos estavam na guerra, indo pra guerra ou então estava vago um posto e elas trabalhavam em torno de 14 horas por dia, fora a jornada de cuidar dos filhos, da casa, então era bastante pesado pra elas. E diante dessas reivindicações que estavam acontecendo nesse período, houve um confronto policial onde 129 operárias, elas foram... Morreram queimadas dentro de uma fábrica. E aí mais pra frente, instituiu o dia internacional da mulher, em homenagem a essas mulheres. Já em 1891, se inicia nos Estados Unidos e na Inglaterra a discussão sobre o divórcio, a lei do divórcio. E isso... O divórcio nos Estados Unidos e na Inglaterra, o divórcio ele vai ser liberado, se não me engano, daí sete décadas, né, e no Brasil, ele foi liberado, a lei, realmente de fato, a mulher já podia se divorciar do marido em 1977.

Em 1893, na Nova Zelândia, acontece a liberação do voto feminino, né, e com a liberação do voto feminino, essa luta das feministas se expandiu pra outras pessoas, pros cidadãos no geral, porque acreditava-se que como lei, que todo o cidadão tem uma capacidade intelectual, um feminista ele pode votar. Então foi a partir daí que o voto... Na verdade o voto ele começou a ser universal, né, e que nessa, nessa pauta tem umas três outras discussões sobre, né, é diferente, é outro

caso, então eu não entrei nessa questão pra não fugir do assunto “feminismo”. Em 1945 na (?) da segunda guerra mundial, a ONU faz uma carta, um documento oficial, a respeito do... Legalizando, ou deixando claro, que homens e mulheres a partir daquela data têm os mesmos direitos, eles não podem sofrer discriminação quanto a trabalho ou qualquer outro que for... Que seja direcionado a isso.

De 1949 a 1960 foram criados os jogos da primavera e nesse mesmo ano algo que foi bastante citado na mídia foi o lançamento do livro da Simone de Beauvoir, que é o “Segundo Sexo” que fala da questão social da mulher, e fala disso no sentido geral, que essa concepção, esse preconceito e eu acho que até (?) na feminista, ele fala que a condição da mulher, essa exclusão dela, essa falta de direito que é estendida à mulher é por conta de um problema social. E é. É um machismo que tá ali enraizado, não de agora, sabe, não é porque o seu pai te criou, a sua mãe te criou de uma maneira machista, mas na verdade ela foi criada assim, a avó... Então isso vem passando de geração a geração, e acaba que... Nesse sentido acho que cabe independentemente de preconceitos iniciais, ou possíveis coisas desse sentido, de ter uma consciência de que o feminismo é algo que é bom pra homens e mulheres, no geral, porque trata de direitos iguais, você tá falando de... Acho que a palavra é desobrigação, porque você desobriga a mulher a seguir o padrão de beleza ou só usar salto, saia. Desobriga um monte de coisas, que homem tenha que pagar conta, ser sempre garanhão, sabe? Isso são questões machistas.

Partindo mais adiante, um fato também que foi bastante citado e houveram protestos contra, foi a liberação e o surgimento da pílula anticoncepcional. Então... Ali que foi feita por cientistas americanos né, com financiamento de um herdeiro de um aluno, ou seja, não foi o governo, não foi talvez as feministas, mas tinha um apoio de pessoas já nessa época e foi liberado, foi homologada a pílula anticoncepcional. Seguindo... De 1979 a 1988 surge no Brasil... Surgiu no Brasil as primeiras leis estaduais que vão tratar da questão da mulher. Criar postos de saúde da mulher, uma política direcionada tanto social quanto cultural da mulher. Em 96 o congresso nacional homologou o sistema de cotas políticas, que todo o partido... Passou o tempo?

Então é... Eu vou ter que pular... A criação da lei Maria da Penha, que pune o agressor da mulher, né. É declarado violência doméstica disso aí, que é de um ano, que depois posteriormente foi passada no mínimo três anos de detenção, e eu vi ontem no jornal que no início do ano foi dado sistemas eletrônicos que eles chamam “botão do pânico”, que a mulher ela já prestou queixa e tem uma série de indícios que ela tá sofrendo violência, ela recebe o equipamento onde quando ela se sentir ameaçada, ela aperta e diretamente a polícia já sabe o endereço, sabe quem é o cara, sabe tudo. E aconteceu a primeira prisão ontem, porque ela se sentiu ameaçada e, então, como já tinha todo um histórico de agressão desse homem contra essa mulher, ele foi preso. A polícia não precisou ver, mas como já tinha todo um material a respeito dessa violência ele foi preso, exatamente por esse sistema. E eu acho bastante interessante. Eu vou terminar por aqui então, eu acho que...



(*Professora*): Alguém tem alguma pergunta ou alguma colocação pra fazer a respeito do tema da *Colega* (nome da aluna)?

(*Professora*): Não?

(*Aluno 1*): Eu vou fazer uma pergunta. Eu não entendi, o divórcio foi permitido a partir do momento onde as mulheres saíram para reivindicar ou não tinha exatamente?

*JOEY*: Não, elas começaram a reivindicar em 1799, bem antes, na verdade, só que historicamente, documentado, foi a partir da Revolução Francesa, né, que conseguiu travar esse movimento. Mas a mulher vem reivindicando desde lá. E só foi concebido depois de 1891 começaram as discussões só que liberado a partir de 1931, nos Estados Unidos, a Inglaterra é pioneira nesses movimentos sociopolíticos sociais, assim, e depois nos Estados Unidos, e no Brasil só em 77.

(*Aluno 2*): Normal.

(*Aluno 3*): Eu gosto muito do feminismo, e eu queria saber do movimento feminista que a gente tem hoje em dia, o FEMEN. O que que tu acha?

*JOEY*: Então, eu acho assim, as próprias feministas... Mas a relação da mulher como dona de casa eu acho, e hoje os movimentos feministas, tem movimentos muito sérios, só que o FEMEN inclusive pelos movimentos feministas mundiais, ele não é considerado um movimento feminista. Porque o FEMEN ele recebe dinheiro do governo, o FEMEN teve origem na Suíça...

(*Intervenção de aluno 3*): Ucrânia.

É ucraniano. Então o FEMEN ele recebe verba pública, política. Por exemplo, vai ter o evento da copa das confederações, aí ele vai lá. Eu li uma matéria que uma ativista do FEMEN jogou água no rosto de um arcebispo, assim, isso é desrespeito, independentemente de você estar lutando por direitos ou não. E elas fogem nessa questão, isso não é o movimento feminista. Eu acho que isso é uma maneira pra chamar a atenção...

Não, tem a marcha das vadias no Brasil, e elas saem com os seios amostra, se pintam, gritam, elas não estão no direito de serem chamadas de vadias, não é isso, mas eu acho que a maneira de chamar atenção da mídia é essa. Mesmo que...

(*Aluno 4*): Eu acho que cada um tem o direito de fazer o que quer, entende, com o corpo, por mais que chamem de vadia.

*JOEY:* Sim, é esse o foco.

*(Aluno 5):* Desculpa, não eu queria... Desculpa, agora eu não ouvi a última coisa que vocês falaram. Que é a transferência da minha (?). É... O que eu ia falar era o que eu acho. Eu acho, por exemplo, essa marcha das vadias que não é só no Brasil, é justamente... Esse movimento que tá havendo pela questão de que... Acontece que: alguma coisa da mulher sofrer violência sexual: “Ah, ela me provocou”, “Se ela não quisesse porque usou essa roupa?”. E acho que é um segundo momento né, nessa questão da reivindicação, ou terceiro, não sei, enfim, é do direito de se vestir como quiser... A mulher não pode ser considerada uma propriedade. A própria questão do aborto...

*JOEY:* O aborto é indiscutível. Eu acho que desde que você não vai engravidar sempre e abortar sempre, que seja uma coisa recorrente, mas existe todo um processo psicológico, então a liberação do aborto não cabe aos outros, cabe a cada mulher decidir.

*(Aluno 5):* É que eu acho que... Aí vem justamente essa questão, que me parece um movimento agora dessas feministas mais sérias, que é justamente essa questão, que o corpo da mulher pertence a ela, não à sociedade, aos homens, a seja lá quem for. Essa é uma luta importante... Estatuto do nascituro é justamente por causa disso, ela não tem direito sobre o seu corpo... De estupro...

*(Comentários inaudíveis)*

*JOEY:* O pai ele tem que manter o contato com a criança...

Ai, a menina tava bêbada... Ai, a menina é muito vadia... Mas não... Aqueles protestos do Egito, as mulheres saíram às ruas pra lutar e lá isso é uma coisa muito moralista. Seja moralista, tradicionalista, e elas eram estupradas de burca no meio de uma multidão. Então não é a roupa, não é o comportamento. Isso quer dizer que um homem, ele vai se considerar um potencial estuprador, sei lá... Ele vai ter que se segurar se ver uma mulher nua, ou com uma roupa muito curta é isso que a ideia dá. “Eu preciso que ela esteja bem tapada, se não eu não vou resistir”. Então... Eu acho que o movimento feminista no geral... E eu apoio bastante, justamente pra lutar contra isso aí...

## ANEXO C – TRANSCRIÇÃO DA ORATÓRIA DE *MARKY*

[...]

Eu acho o meu trabalho muito interessante, eu queria compartilhar com vocês, mas a situação que a gente tá vivendo no momento eu acho que alguém tinha que falar disso, alguém tinha que trazer essa pauta pra cá. Pra começar eu quero só dar um aviso assim: como eu não preparei muito bem essa pauta... Eu tô falando pauta demais.

No meu trabalho eu tô tendo probleminhas com pauta. A minha desculpa aqui é a seguinte: eu tô tomando um remedinho que é pra alguns probleminhas biológicas que estão mexendo com a minha capacidade de concentração. Isso vai me deixar um pouco perdido em alguns momentos. Não me interpretem mal, por favor.

*(Intervenção Aluno 1):* Eu também tô tomando remédio.

Eu sou tímido e não sou, digamos assim. Quando eu começo a falar eu disparo e falo muito então tô bem nervoso aqui, meio tremendo até... Então me desculpem por isso também. E, se sair algum palavrão aqui no meio, por favor me desculpem, eu já deixei escapar muitos em sequência e foi meio chato assim, né, tenho que me controlar. Inclusive ontem, relacionado ao assunto de hoje que eu vou falar; ontem, não, antes de ontem, aconteceu um episódio muito tenso na minha rede social, eu mandei uma... Não sei se alguém viu o que aconteceu?

*(Intervenção Aluno 2):* Eu vi. Eu vi porque era tão tenso o textinho que quase que eu fui obrigada a ler.

É... Foi uma situação meio feia, assim. E eu me arrependi muito de ter feito o que eu fiz, mas assim... O que tá acontecendo no país hoje, pra mim, tem uma importância histórica, e não só histórica, mas uma importância real, assim, no presente muito grande. Todas essas manifestações que estão tomando conta do país... É... Segunda-feira eu tava em casa, doente. Eu não fui trabalhar então eu fiquei o dia inteiro na frente da TV e foi o dia que as manifestações estouraram como um grande evento, assim, no Brasil inteiro. Foi um monte de capitais. Tinha cem mil pessoas no Rio de Janeiro, tinha cem mil pessoas em São Paulo, tinham quatro lugares em São Paulo lotados, a Paulista, então aquilo mexeu comigo de uma maneira muito grande. Eu tô muito envolvido com esse movimento porque eu falo com muitas pessoas que militam por essas causas sociais, principalmente com uma pessoa que tá dentro do movimento do... Esqueci o nome... Movimento Passe Livre (MPL, sigla do movimento). Como ele tá dentro ele fala muito do que gera de

discussão lá dentro. Eles têm um grupo do *Facebook*, que é um grupo fechado e eles ficam conversando, mas eu converso com essa pessoa e ela me conta muito do que acontece lá, das frustrações deles. E assim, o que aconteceu: o movimento começou com pessoas que participam de partidos de esquerda, que tem essa identificação ideológica com partidos de esquerda, mas o movimento em si é apartidário e não antipartido, que antipartido é quem não gosta de partido. Apartidário é simplesmente quem não se mistura com partido, quem não assume pra si um partido, mas não tem nada contra ele. O movimento ele é apartidário então ele não assume nenhuma bandeira. Essas pessoas elas começaram a lutar pela redução da tarifa, essa foi a primeira causa. E também, combinando com um movimento muito antigo, que existe desde 2005, eu acho, acho que é lá de 2005 em Porto Alegre, no Fórum Mundial Social, é... Ele é um movimento muito bem estruturado assim, ele luta pela reestruturação do transporte público. Ele quer melhorias, ele quer a redução da tarifa, existem várias vertentes dentro do movimento, alguns acham que devem lutar por um transporte completamente gratuito, outros por um transporte um pouco mais barato, enfim. Vai indo nessa lógica de lutar pelo transporte, pela melhoria do transporte e pelo apoio a movimentos sociais. Por exemplo, pela defesa dos gays, aliás eu também sou gay, aliás sou bissexual, eu sou bem confuso na verdade.

[Risos]

Já fiquei com várias pessoas, enfim né, não vem ao caso comentar aqui. Ele apoia o movimento negro, ele apoia o movimento LGBT, apoia vários outros movimentos e várias outras causas. Quando ele começou, esse movimento, tava tudo muito bonito. Só que a mídia e o povo em geral, tava vendo de uma maneira meio "Ah, adolescentes revoltados, por causa de vinte centavos", sabe. "Adolescentes classe média que nem precisa desses vinte centavos revoltados por isso, então vão vir pra rua pra causar, sabe, pra fazer baderna". Não é isso. Eles não queriam isso. Eles estavam lutando pela redução dos vinte centavos, mas também por direitos, o transporte público estava num estado calamitoso. O que que aconteceu? Veio a polícia e teve aquelas cenas horríveis que vocês todos devem ter visto, contra essas pessoas. Até aí tudo bem. Teve de novo, e aí a polícia acabou estendendo a violência pros jornalistas. Foi aí que tudo começou a dar errado. Porque aí a mídia começou a perceber que essa violência tava sendo percebida pelo povo não só como... Não como um erro dos protestantes, mas como um erro da polícia. A polícia que tava errada ali, atirando balas de borracha, atirando gás lacrimogêneo vencido...

*(Intervenção Aluno 3):* Gás de pimenta...

Gás de pimenta... O que mais? Eis o que aconteceu: a mídia começou a

apoiar esse movimento, a mídia reverteu a posição que ela tinha originalmente e passou a apoiar. E aí com isso, o povo em geral que via também aquelas pessoas como baderneiras, entraram na jogada. “Vamos acrescentar aqui as nossas frustrações”, “Vamos aproveitar esse movimento para incluir aqui as nossas frustrações”. Isso é muito válido, isso é muito bonito. O problema é quando as pessoas começam a colocar frustrações muito vagas ali. E aí o movimento, ele perde totalmente a intenção. E quando um movimento não tem intenção, ele não consegue lutar por alguma coisa, não consegue chamar resultado. O movimento enquanto tinha como objetivo lutar pelos vinte centavos, conseguiu a redução dos vinte centavos. Conseguiu a redução da tarifa. Reduziu tarifa em Porto Alegre, reduziu tarifa aqui em Pelotas sem nem ter feito o movimento, só pela repercussão do movimento no resto do país, reduziu em São Paulo, reduziu no Rio, reduziu em quase todo o país. O que acontece? A direita, os conservadores, os partidos conservadores começaram a vir junto com a mídia, só que a mídia saiu com o partido conservador, com o partido de direita. Isso levou todo o fogo conservador pro movimento. O que que acontece? Quando isso se misturou, não tinha mais o que fazer, era gente lutando contra a corrupção – porque lutar contra a corrupção? Quem que é a favor da corrupção pra se lutar contra ela? Precisa lutar contra alguma coisa específica sabe, a corrupção é uma coisa muito vaga, não tem um botão que pode ir lá e apertar e dizer: “Ah, apertando isso aqui a corrupção acaba”, não. Tu tem que investir em educação então, pro povo ficar crítico e saber escolher os deputados, os governadores, as pessoas que governam o país. Pra que eles não sejam mais corruptos e enfim... Quando isso aconteceu, o movimento se perdeu. Não se sabe mais o que tá acontecendo aí. E aí entrou também, tipo, o movimento LGBT continua ali, o movimento negro continua ali, só que agora aquele movimento inicial saiu. Os partidos começaram a querer participar, mas não pode. A marcha, o movimento, tomou uma noção de passeata, sabe. Agora a gente tá meio que... Até essa manifestação de Pelotas...

*(Intervenção Aluno 4):* tá passando até propaganda na tevê sobre essa passeata...

Pois é, os partidos estão começando a perceber isso como uma maneira de manipular gente, sabe, de enfim. Eu resolvi falar disso aqui hoje, pra pedir que vocês falem para as pessoas, não sei se vocês tinham essa consciência de que o movimento tá muito mais complicado do que era, essas passeatas que vão acontecendo, são passeatas, não são protestos, sério mesmo. Protesto é uma coisa diferente, protesto tem que ter uma meta, protesto tem que querer alguma coisa, tem que exigir alguma coisa de fato, sabe? Tem que fazer o governo pensar que se ele não tomar aquela atitude que está sendo exigida, alguma coisa vai acontecer, sabe, o povo vai continuar ali na rua. Assim, o governo não sabe nem pra onde ir, porque o governo não pode simplesmente do nada mudar o país inteiro e tornar o país

perfeito. E o povo também não pode ficar ali na rua, o tempo todo, até o país ficar perfeito. Porque isso é meio ilusório, é utópico demais. Então assim, eu resolvi falar disso porque eu achei que isso era um assunto muito importante, eu não sei, eu acho que talvez eu me perdi no meio da... Talvez da...

*(Intervenção Aluno 1):* Não, cumpriu a pauta.

Mas enfim, é isso. Mas enfim, quero reforçar o pedido: se informem, leiam, peçam para as pessoas que vocês conhecem que leiam também. Eu tô fazendo muito isso com a minha família, com a minha mãe, a minha vó, meus tios, eles não têm essa consciência política. Eu mesmo, até ontem eu não tinha. Eu não sabia muito de política, nem sabia direito o que era direita e esquerda, sabe. Até ontem no sentido figurado, claro. Porque desde que começaram essas manifestações, desde que eu comecei a falar com esse meu amigo que tá aqui, e ele tá me ajudando muito também a entrar nessas discussões... Procurem gente que se envolve com política, sabe. Procurem saber a ideologia política de vocês, pra ver se vocês são realmente de esquerda ou de direita. Vocês têm todo o direito de serem conservadores, não tem problema, sabe. Desde que vocês sejam conservadores conscientes e façam alguma... sabe, não desrespeitem as pessoas, não... Enfim, é o que tem que ser feito.

[Palmas]

*(Professora):* Então agora a gente abre um pouquinho pra comentários, perguntas, dúvidas.

*JOEY:* É... Eu discordo totalmente que é sem causa. Eu acho que esse protesto, eu não concordei com várias questões do Movimento do Passe Livre, porque não era esse o enfoque inicial deles. Aqui em Pelotas a gente fez um documento inclusive, entregou na prefeitura as nossas reivindicações, assim, foi muito bem articulado. Acho que tem que vir pro protesto, tem que vir pra rua, não acho que nós vamos ficar na rua até as coisas mudarem, sabe. Só foi esse protesto acontecer, a tarifa já tava há muito tempo sendo planejada. Mas no caso agora, o prefeito começou a falar no transporte lá para o município do Capão do Leão, porque eu tenho vários colegas que estudam lá e pagam todo dia ida e volta. Sim, todos os dias, vão até no final de semana pra lá. Então eu sou a favor de que as pessoas sim busquem saber o que é esquerda e direita, o que é política, conscientizar... Mas eu sou totalmente a favor que elas venham com as suas reivindicações e que vão principalmente nas assembleias dos atos iniciais, que é a reunião das pessoas pra montar uma pauta, onde todo mundo fala: "Ah, minha pauta é essa, eu sou contra isso". E ali é votada qual pauta que vai para a reivindicação, o que que vai ter no protesto? Então há essa orientação. Às vezes tem pessoas, "ah, eu vou", mas não

sabe o que é, então, a gente vê, eu acho que é isso que você quis dizer, né.

*MARKY:* Mas assim, se tu for ver, a grande maioria vai na reunião?

*JOEY:* Então, tinha 200 pessoas na nossa assembleia.

*MARKY:* E quantas pessoas tinham na manifestação?

*JOEY:* 12 mil. Porque tá no evento, e ali foi dito, sabe, foi esclarecido... Teve 100 pautas, e foram votadas as pautas, ou seja, as pessoas falam: “ai, eu vou levar a bandeira do meu partido, qualquer que seja”, mas o movimento é apartidário, ou seja, não que você não possa ir com a camiseta do Brasil, com a sua bandeira do México, da Argentina... Só que a gente tem que ter um foco, que tem que estar na pauta, assim. E eu sou totalmente a favor do que eles estão chamando de “coxinização”, tipo, de “coxinha” do movimento. Eu sou totalmente a favor disso. Eu só acho que tinha que criar outro movimento, ele não pode entrar no Passe Livre e reivindicar tipo, sobre a PEC, corrupção, que não tem nada a ver, o Passe Livre tem a ver com transporte, então, talvez seja isso que você tá tentando dizer.

*MARKY:* Na verdade o que eu tô criticando é justamente a coxinização, digamos, entre aspas do movimento. O fato é que tem gente indo pra lá pra lutar por coisas que eles não entendem, por coisas que eles nem sabem exatamente o que é. Tem muita gente que eu conheço, inclusive, teve muita gente que foi pra lá simplesmente porque queria fazer cartazinho pra chegar lá, tirar foto e colocar no *Instagram*.

*JOEY:* Mas aí é buscar, sabe, a curiosidade e a vontade das pessoas de irem pra rua para lutarem do que é delas o direito. Então, ou seja, no protesto aqui acho que eles falaram 12 mil pessoas, mas os governadores contaram mil, vinte mil pessoas passaram, né, ou seja, hoje ninguém fez quebra-quebra, ninguém bateu em ninguém, respeitou todo mundo, sabe, o trânsito... E eu acho que esse é o caminho, sabe, é tirar esse pessoal da frente da TV que aliena, que deturpa a imagem da política, sabe, do que é direito e o que não é, sabe.

*MARKY:* Isso eu concordo, isso eu acho legal. O simples fato de que o povo tá se mobilizando, tá se dispondo a fazer algo indica algo muito positivo. Agora, vamos analisar o motivo pelo qual eles estão fazendo isso, aí é que... Então a gente tem que saber se isso vai representar alguma coisa, ou não, sabe. Teve uma questão, que foi principalmente quando a Dilma deu a declaração dela sobre esses movimentos, e eu fiquei muito satisfeito com o que ela falou sobre o reconhecimento dela sobre os protestos e tal. Eu fui perguntar pra duas pessoas muito importantes pra mim, que tem uma consciência política bem aprimorada, pedi pra elas

comentarem. Uma delas é minha chefe na (nome da empresa). Ela me disse que o lado dela de ser petista, ela é petista muito fanática, assim... Ela quer acreditar que aquilo ali quer dizer que a Dilma está fazendo alguma coisa. E uma das coisas que ela me falou é: essa mudança que tá tendo no Brasil, esse negócio de que o gigante acordou, o gigante não acordou, ele já tá acordando muito tempo, já tem gente lutando pra um Brasil melhor há muito tempo. Então não é agora que o Brasil resolveu lutar, é agora que todo mundo resolveu sair pra rua e fazer alguma coisa.

*JOEY:* Então na sua opinião qual é a diferença entre todos os antigos protestos que já existiam, sabe, seja contra uma briga, homofobia, qualquer outro. O que foi o ponto principal que fez esse pessoal ir pra rua, o que que você acha que foi?

*MARKY:* Então, eu ia chegar nisso agora. O que ela falou é o seguinte: que, com todo esse movimento... Desde que a Dilma assumiu o governo, basicamente, que eles começaram a investir em coisas como o Bolsa Família, incentivar a... Enfim, diminuir a pobreza, diminuir a fome... E realmente diminuiu, a gente tem que admitir isso. Tem muito mais pessoas empregadas, a taxa de desemprego do Brasil hoje é 5%, sabe. Só 5% das pessoas hoje no Brasil que não tem emprego. E isso é um índice que eu considero muito bom. Só que assim, o investimento em universidades, o próprio PROUNI, por mais que seja mal feito, mal aplicado, insere as pessoas na faculdade e ajuda, mesmo que minimamente, a criar um povo muito mais crítico. Isso já é um sinal de que o povo tá mudando. Já é um sinal que tá tendo mudança aí, eu acho que o povo resolveu se revoltar e tá tendo toda essa disposição pra sair, então o povo tá mais inteligente, o povo tá mais ciente de que ele tem que fazer alguma coisa pra sair, pra que aconteça alguma coisa. Mas aí eu não sei...

*JOEY:* Pode até ser, sabe, eu só acho que o que tá havendo, por exemplo, a pessoa, a população em si, que tá votando na Dilma (?), ela não se pronunciou, sabe, sobre Renan Calheiros. Sobre os outros governantes do mal, sabe.

Não, querer defender...



## **ANEXO D – TRANSCRIÇÃO DA ORATÓRIA DE JOHNNY – COMENTÁRIOS DE JOEY E MARKY**

Então, boa noite pra vocês, vou falar sobre a cura gay, que é uma coisa que aconteceu na última semana, que foi aprovada na Comissão de Direitos Humanos por um projeto proposto pelo Feliciano, que vocês já devem ter ouvido falar... Que é um projeto que propõe que os psicólogos podem fazer um tratamento que cure realmente os gays, que façam eles mudarem a orientação deles. Em 1999 teve um conselho, o conselho federal de psicólogos que proibiu expressamente qualquer coisa que pudesse alterar a orientação de gays ou a orientação de qualquer coisa, assim, que fosse desse gênero.

O acontecimento que teve nessa comissão foi que um deputado, que só teve um voto contra a cura gay, e um deputado tentou adiar essa votação para outro dia e cortaram o microfone e ele ficou mudo, sem poder falar nada. O deputado federal João Campos diz que é de plena escolha (?) institucional tu poder fazer essa alteração na psicologia das pessoas, sendo assim ele tá indo contra o conselho federal de psicologia que também é expressamente proibido fazer isso. É bem válido lembrar que pra ser aprovado realmente esse projeto, tem que passar ainda pelo senado e pela câmara, e mais muitas coisas a serem feitas ainda. O único deputado que teve que foi contra foi o Simplício Araújo, que acho que é do partido PPS, se eu não me engano. E teve também uma manifestação de pessoas famosas no Rio de Janeiro com cartazes e coisas do tipo dizendo que “a liberdade não tem cura”, a liberdade não tem cura e entre outras coisas que eu não tô lembrada.

Tem um líder gay, Tommy Reis, que ele foi a primeira pessoa a se propor a essa cura, a esse tratamento, então “como eu sou gay, quero ver eles me curarem”, né “eu vou ser a primeira pessoa a fazer isso”. E ele diz que “se somos doentes, somos inválidos, logo temos que ter uma aposentadoria” foi a justificativa dele pra ele ir lá e fazer isso. Não quiseram saber, não quiseram fazer o tratamento nele, no caso, até porque não foi totalmente aceito nunca, porque passar por dois lugares e ninguém disse nada. E um dos... Foram dois famosos que repercutiram mais, que foi o Bruno Gagliasso e o Daniel, como vocês já dever ter ouvido falar, que os dois fizeram o mesmo cartaz dizendo “liberdade não tem cura”, que foi um protesto pacífico que aconteceu no Rio de Janeiro e eles se manifestaram através de redes sociais, que é um meio que mais tem sido viável para as pessoas se manifestarem. E tem também uma frase que é “não há cura pra quem não tem doença”, que é o que eu acho bem justificável, porque eu não acredito que isso seja uma doença.

É basicamente é isso. Se alguém quiser fazer alguma pergunta... É um assunto bem polêmico, né. É bem polêmico mesmo, até hoje na manifestação que teve aqui, o pessoal tinha várias plaquinhas com “cura gay”, com *hashtags*, e tudo isso envolvendo o que foi uma coisa que puxou a outra, e o pessoal está realmente bem revoltado com isso porque se for aprovado isso vai ser bem complicado

mesmo.

(Comentários inaudíveis)

(*Professora*): O que que foi?

*MARKY*: Um cartaz nas manifestações dizendo “Feliciano, conta pra gente quem foi o boy que partiu seu coração”

(Comentários inaudíveis)

*JOHNNY*: O Feliciano disse também que talvez ele faria uma rebelião caso não fossem aprovados esses projetos na câmara do senado.

(*Professora*): Quando?

*JOHNNY*: Ele não disse quando.

*MARKY*: Aqui no Rio Grande do Sul, uma reportagem disse que o objetivo é entregar pros crentes. Assim bem fora da realidade.

[Risos]

(*Professora*): Mas nada contra, cada um tem a sua crença, a sua religião, não me considerem contra isso. Mas há um movimento, assim, bem conservador que tá tomando conta, de alguns grupos religiosos, em nome da defesa de algumas coisas, querendo cercear algumas liberdades, e eles têm muita força política, em termos partidários, mesmo então.

*JOEY*: Eu acho assim, vou dar a minha opinião: ao avaliar mais de fora, a respeito do que os nossos governantes, senadores, deputados, eles estão propondo como emenda da constituição é totalmente de cunho religioso, e a gente vive em um país laico, entendeu? Não que não possa falar da (?), família, evangelho, e tal... Porque que eles não fizeram um projeto pra cuidar a pedofilia, mas sim da cura gay. Então você percebe que o foco não é a melhoria em si, mas sim rechaçar as minorias, negros, gays e outras tantas.

*MARKY*: Tá nos argumentos contra os gays, é, tipo... Eles relacionam diretamente à pedofilia, o tempo todo. E pedofilia para começar não é nem um crime, é uma doença realmente, uma pessoa que é pedófila pode não ser criminoso, pode ter pedofilia e ser controlado, pode ser tratado psicologicamente.

*JOHNNY:* É, uma das coisas também... Um dos argumentos é que vão acabar as famílias, né, que o mundo vai acabar, porque... Esse é um dos argumentos. Só que não vai acabar...

*MARKY:* A aplicação que esses deputados estão dando é totalmente diferente, eles não querem tratar de alguma coisa, de algum problema que eles vejam. Se o problema deles fosse realmente que eles estão preocupados que algum gay vá atacar o filho deles, então que eles façam um projeto pra tratar a cura da pedofilia, sabe... A alguma coisa contra a pedofilia sabe, pra dar mais segurança pros filhos deles, não pra curar uma condição, que é uma opção sexual que não fere ninguém.

*JOHNNY:* É verdade.

*JOEY:* O presidente da constituição de direitos humanos, não que ele não... Pelo cunho religioso, ele tem que ter a opinião dele, só que ele deveria colocar a ética profissional dele... Ele deveria tentar melhorar a situação de todo mundo e ele tá levando isso pra um lado totalmente pessoal... Tem a questão da Mari Colombo, que é muito amiga dele, é psicóloga. Ela tratava, contra a lei gay. E tem vários casos na África de locais onde as famílias pagavam, ã... É tipo... ONG's ou clínicas, sabe? É uma coisa tipo... É sério. As pessoas eram agredidas, passavam fome pra pagar, pra deixar de ser gay, é curar uma doença. E elas morriam, as famílias estavam felizes, "pelo menos eu não vou ter um filho gay", sabe.

*MARKY:* Ainda hoje, existem lugares na África, existem lugares onde tem verdadeiros campos de concentração para pessoas homossexuais.

*JOHNNY:* É um absurdo.

*MARKY:* Jogam as pessoas lá, mal tem comida, mal cuidam dessas pessoas, porque elas pra eles não são seres humanos.

*JOHNNY:* É, pra eles é como se fosse uma doença e que fosse transmitir pras outras pessoas.

*MARKY:* Exato.

*(Professora):* É, a gente cai na questão do não aceitar o diferente, na realidade é aquela questão... Uma questão bem identitária, o que é igual a mim é válido e o diferente tá na exterioridade selvagem, quer dizer... Eu acho que o nosso grande problema é a intolerância... O nosso... Eu acho que em termos sociais, estamos falando da questão gay aqui, que acho que é muito séria, mas tem outras

intolerâncias que estão pipocando por aí e a gente tá vendo isso aflorar bastante.

(*Aluno 1*): Eu ouvi eles falarem que o fanatismo religioso tem que ter cura também né, porque não?

*MARKY*: Fanatismo em geral tem que ter cura.

*JOEY*: Eu percebi que ele ataca tudo o que foi feito até o patriarcal. (...) Tanto é que ele tá falando que a mulher trabalhar prejudica a família... Ele luta contra todos os tipos de intolerância, tentando justificar o erro do cara pelo erro do outro, ou tentando politizar de uma maneira errada. Não é porque ele é evangélico que ele merece a força, que ele vai... Não é isso, sabe? Eu acho... A religião... Eu tenho... A minha irmã é evangélica nítida, assim, e ela tem uma posição política a respeito de quem criou o mundo, homossexualidade, e outras várias questões sabe, ela tem uma posição muito humana. Então não é porque ela é evangélica, que nem corta o cabelo, aquela questão toda, que ela vai ser intolerante, sabe? Então eles estão tentando levar os rumos e a mente das pessoas pro outro lado...

(*Professora*): Eu acho muito perigoso a gente trabalhar com essa lógica dualista de bem e de mal, sabe? Porque aí a gente consegue... A gente sai de um foco e passa pra outro, né. Essa coisa quando eu digo assim: “ai...” Por isso que eu fiz a questão de ressaltar isso, eu não sou contra as religiões, eu não acho que as religiões são a origem de todo mal, porque se não a gente sai de uma posição e começa a demonizar o outro, e a gente tá trabalhando na mesma lógica, né? Eu concordo com vocês, eu acho que a questão é fanatismo no geral, intolerância no geral, radicalismo no geral... Eu acho que a gente sempre tem que pensar... O que não é fácil né gente, é muito... Tudo muito lindo na teoria, eu acho que é um exercício diário, porque todos nós temos nossas intolerânciazinhas e os nossos preconceitozinhos, mas acho que a vigilância é uma coisa importante pra a gente perceber isso, pra aceitar o que é diferente, pra aceitar o outro, pra aceitar posições, mas isso não significa que aí também a gente tem que aceitar tudo o que malucos tipo o Feliciano falam, né.

*MARKY*: Eu acho que todo radicalismo faz mal.

(*Professora*): É um exercício eu acho, é um exercício diário.

*MARKY*: O maior absurdo em relação ao Feliciano é ele ter cometido um crime muito claro, na frente de todo mundo, em uma rede social aberta pra todo mundo ver, ter chamado negros de amaldiçoados, ter chamado gays de... Enfim... Ter ofendido gays e negros publicamente. Porque ele é negro, a mãe dele, o padrasto dele, ele tem sangue negro, sabe, a família dele, ele descende de negros,

ele ofendeu essas pessoas, ele ofendeu metade do país, mais da metade, porque se tu for ver tem tanta gente no país que é negra, tem tanta gente no país que é homossexual ou que simpatiza com o homossexualismo, então a gente se sentiu ofendido... Essa pessoa simplesmente devia estar presa, ou no mínimo ter o mandato caçado no mesmo momento, na hora. É um absurdo que ainda esteja lá naquela... É totalmente inaceitável.